



UnB

Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Artes - IDA

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV

ARTE E TECNOLOGIA - AT

HUMANIDADES DIGITAIS: arte e tecnologia ancestral e contemporânea

RODOLFO WARD

Orientadora

Suzete Venturelli

Brasília-DF

2023

HUMANIDADES DIGITAIS: arte e tecnologia ancestral e contemporânea

Defesa de Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais, Linha de Pesquisa em Arte e Tecnologia (AT), do Departamento de Artes Visuais, da Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Suzete Venturelli

Brasília-DF

2023

BANCA DE DEFESA

Profa. Dra. Suzete Venturelli

VIS/UnB/UAM (Orientadora/Presidente)

Prof. Dr. Milton Sogabe

UNESP/UAM (Examinador)

Profa. Dra. Mônica Tavares
ECA/USP (Examinadora)

Prof. Dr. Antenor Ferreira
VIS/UnB (Examinador)

Prof. Dr. Alex Flynn
WACD/UCLA (Coorientador)

Prof. Dr. Gilberto Prado
ECA/USP (Suplente)

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MW256h Melo Ward de Oliveira, Rodolfo Augusto
HUMANIDADES DIGITAIS: arte e tecnologia ancestral e
contemporânea / Rodolfo Augusto Melo Ward de Oliveira;
orientador Suzete Venturelli; co-orientador Alex Ungprateeb
Flynn. -- Brasília, 2023.
182 p.

Tese(Doutorado em Arte) -- Universidade de Brasília,
2023.

1. Humanidades Digitais. 2. Antropoceno. 3. Movimentos
Sociais em Rede. 4. Impressão em Clorofila. 5. Relato de
Experiencia. I. Venturelli, Suzete, orient. II. Ungprateeb
Flynn, Alex, co-orient. III. Título.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1.....	61
IMAGEM 2.....	62
IMAGEM 3.....	73
IMAGEM 4.....	74
IMAGEM 5.....	75
IMAGEM 6.....	75
IMAGEM 7.....	76
IMAGEM 8.....	76
IMAGEM 9.....	77
IMAGEM 10.....	78
IMAGEM 11.....	78
IMAGEM 12.....	95
IMAGEM 13.....	96
IMAGEM 14.....	97
IMAGEM 15.....	98
IMAGEM 16.....	100
IMAGEM 17.....	121
IMAGEM 18.....	121
IMAGEM 19.....	123
IMAGEM 20.....	123
IMAGEM 21.....	127
IMAGEM 22.....	127

IMAGEM 23.....	128
IMAGEM 24.....	128
IMAGEM 25.....	129
IMAGEM 26.....	129
IMAGEM 27.....	129
IMAGEM 28.....	131
IMAGEM 29.....	131
IMAGEM 30.....	132
IMAGEM 31.....	132
IMAGEM 32.....	132
IMAGEM 33.....	133
IMAGEM 34.....	134
IMAGEM 35.....	134
IMAGEM 36.....	134
IMAGEM 37.....	135
IMAGEM 38.....	135
IMAGEM 39.....	136

QR CODES

QR CODE 1:.....	142
QR CODE 2:.....	142
QR CODE 3:.....	143
QR CODE 4:.....	143

LISTA DE TABELA

TABELA 1:.....	117
----------------	-----

ANEXO

ANEXO 1:..... 162

APÊNDICE

APÊNDICE 1:..... 164

DEDICATÓRIA

Em especial dedico ao meu filho Heitor Ward e a todos que vierem depois de mim.

E, aos que me geraram. Meu pai, Hertz Ward, minha mãe, Rosemary Ward, e a que me gerou no âmbito acadêmico, Suzete Venturelli.

RESUMO

Partimos do pensamento do filósofo alemão de origem sul-coreana, Byung-Chul Han¹ (2021), que faz reflexão sobre o tempo em que vivemos quando diz: “com uma certa vertigem, o mundo material, feito de átomos e moléculas, de coisas que podemos tocar e cheirar, está se dissolvendo em um mundo de informação, de não-coisas”. O mundo digital está cada vez mais hibridizado com o que ainda consideramos o mundo real, a ponto de se confundir, tornando a existência cada vez mais intangível e fugaz. Queremos com esse projeto expandir o entendimento sobre como práticas e pensamentos artísticos podem gerar esse diálogo sustentável e inovador, a partir da perspectiva do Sul Global, mais especificamente latino-americana, promovendo reforma do pensamento sobre os tópicos mencionados. O objetivo geral desta pesquisa é investigar a influência da cultura digital, da convergência entre arte e tecnologia, e da hibridização entre o mundo material e o mundo da informação na contemporaneidade, promovendo diálogo transdisciplinar, internacional, visando a ampliação do entendimento sobre as implicações da convergência entre tecnologia e cultura. Busca, também, compreender as transformações culturais e as novas noções de conhecimento nesse contexto, explorando as estéticas da era digital e a relação entre humanos, não humanos, e objetos técnicos. Neste projeto, de cunho artístico experimental, estudamos e aplicamos técnicas e teorias ancestrais em conjunto com tecnologias contemporâneas. Por meio de uma densa discussão bibliográfica a respeito da atual era que vivemos, o Antropoceno buscamos criar links com a emergente disciplina Humanidades Digitais e os atuais movimentos sociais originados no ciberespaço. A evolução de objetos técnicos que foram transmutados em inteligência artificial contribuiu para a criação de novas realidades políticas, sociais, econômicas e artísticas. Por meio da criação artística com a técnica de impressão em clorofila e a tecnologia contemporânea de Código QR buscamos, a partir da perspectiva latino-americana, novos tipos de relação entre arte, tecnologia, inovação, sociedade e natureza que superem a atual polarização progresso versus preservação e tecnologia *versus* natureza.

¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-uminstrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html> Acesso: 04/03/2022.

Palavras-chave: Antropoceno, Capitaloceno, Humanidades Digitais, Ciberespaço, Movimentos Sociais em Rede, Impressão em Clorofila.

ABSTRACT

We start from the thoughts of the German philosopher of South Korean origin, Byung-Chul Han (2021), who reflects on the time we live in when he says: “with a certain vertigo, the material world, made of atoms and molecules, of things that we can touching and smelling, is dissolving into a world of information, of non-things.” The digital world is increasingly hybridized with what we still consider the real world, to the point of confusion, making existence increasingly intangible and fleeting. With this project, we want to expand the understanding of how artistic practices and thoughts can generate this sustainable and innovative dialogue, from the perspective of the Global South, more specifically Latin America, promoting thought reform on the topics mentioned. The general objective of this research is to investigate the influence of digital culture, the convergence between art and technology, and the hybridization between the material world and the world of information in contemporary times, promoting transdisciplinary, international dialogue, aiming to expand understanding of the implications of convergence between technology and culture. It also seeks to understand cultural transformations and new notions of knowledge in this context, exploring the aesthetics of the digital era and the relationship between humans, non-humans, and technical objects. In this experimental artistic project, we study and apply ancient techniques and theories together with contemporary technologies. Through a dense bibliographical discussion about the current era we live in, the Anthropocene, we seek to create links with the emerging Digital Humanities discipline and current social movements originating in cyberspace. The evolution of technical objects that were transmuted into artificial intelligence contributed to the creation of new political, social, economic and artistic realities. Through artistic creation with the chlorophyll printing technique and contemporary QR Code technology, we seek, from a Latin American perspective, new types of relationships between art, technology, innovation, society and nature that overcome the current polarization of progress versus preservation and technology versus nature.

Keywords: Anthropocene, Capitalocene, Digital Humanities, Cyberspace, Networked Social Movements, Chlorophyll Printing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA	14
PROBLEMA DE PESQUISA	15
JUSTIFICATIVA	17
OBJETIVO GERAL	19
OBJETIVO ESPECÍFICO	20
ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	21

SEÇÃO 1

ANTROPOCENO, CAPITALOCENO E HUMANIDADES DIGITAIS	26
1.1 A Nova era Geológica	27
1.2 Antropoceno e Capitaloceno	37
1.3 O ciberespaço e condição pós moderna	45
1.4 Humanidades Digitais	60

SEÇÃO 2

ARTE E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ESTUDO DE CASO	69
2.1 Arte e Inovação: Primeira Onda	70
2.2 Internet e Movimentos Sociais	71
2.3 Movimento e Mobilização social no ciberespaço	73
2.3 A invenção da Cultura	81

2.4 História Memória e Imaginário Coletivo	87
2.5 O Artista, o historiador, o arqueólogo e o etnógrafo	90
2.6 Do virtual para o real: da teoria para a prática	91
2.7 Arte e Inovação em Tempos de Pandemia um bloco de sentimentos	94
2.8 HackerARTvista: ritmos e ações	108

SEÇÃO 3

TECNOLOGIAS ANCESTRAIS E CONTEMPORÂNEAS: FOTOGRAFIA E IMPRESSÃO EM CLOROFILA

114

3.1 Criação artística: relato de experiência	115
3.2 Atividades desenvolvidas	117
3.3 Metodologia	119
3.4 Criação Artística na UCLA	123
3.5 Resultados obtidos	135

APONTAMENTOS

138

REFERÊNCIAS

147

ANEXO 1

162

APÊNDICE 1

164

Introdução

A proposta do projeto de doutorado surge com muita naturalidade e como necessidade de aperfeiçoamento prático e aprofundamento teórico do artista pesquisador. Nossa sociedade segue um fluxo evolutivo baseado na sedimentação do conhecimento coletivo que proporciona meios para a sociedade se desenvolver cada vez mais. Sob esse prisma, busco sedimentar o conhecimento sobre arte e tecnologia e prosseguir no caminho do artista pesquisador.

O ponto de partida deste pré-projeto é a imprescindibilidade de se buscar novos tipos de relação entre tecnologia, arte, sociedade e natureza que superem a atual polarização entre progresso versus preservação e tecnologia versus natureza. A necessidade de compreensão e de expansão da visão de homem e de mundo é uma das minhas principais motivações nesta pesquisa que traz a vivência como potência para a criação e produção artística que será apresentada ao final deste trabalho.

O pensamento para construção deste trabalho teve início aproximadamente em 2012 e vem se desenvolvendo e tomando corpo exponencialmente desde então. A ideia inicial era uma exposição fotográfica, depois um livro, e agora, após ter vencido essas etapas, pretendemos realizar uma exposição interativa e imersiva que será apresentada em conjunto com a tese.

Em Palmas – TO, no ano de 2009, eu tive a oportunidade de fotografar o Seminário Internacional Crise Civilizacional: Distintos Olhares - Transição de paradigma de desenvolvimento nos países do Sul, realizado na Universidade Federal do Tocantins – UFT. O evento tinha como ideal promover a união entre a academia e a cultura tradicional, simbólica e respectivamente representados pelo grande filósofo francês, Edgar Morin e pela quebradeira de coco, um dos maiores nomes de liderança comunitária no país, Dona Raimunda “Quebradeira de Coco”.

Essa visita me rendeu várias fotografias documentais históricas, algumas fotografias artísticas e a publicação de um fotolivro transdisciplinar, trilingue (português, francês e inglês), composto por textos de vários autores nacionais e internacionais como Cristovam Buarque, Massimo Canevacci, Marina Silva, Marcos Terena, Alfredo Pena Vega, Edgar Morin, entre outros. A primeira edição do fotolivro foi lançado pela editora do Senado Federal em outubro

de 2015 e a segunda edição em 2019, intitulado Wawekrurê²: Distintos Olhares. O livro foi integrado ao acervo que compõe a biblioteca da escola Xerente, do município de Tocantínia e da escola Quilombola Malhadinha, no município de Brejinho de Nazaré, ambas no Tocantins, podendo ser utilizado pelos professores nas aulas de diversas disciplinas, além de preservar e valorizar possíveis desdobramentos tecnológicos, científicos e culturais dessas comunidades. Essa passagem histórica de Morin³ e a publicação do livro, uma vontade da Associação Indígena Xerente (AIX), me rendeu um bom contato com esse povo.

Há alguns anos, em 2015, também na cidade de Palmas - TO, participei de uma imersão, uma vivência de aproximadamente 15 dias com povos originários de 25 países, os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas 2015. Foi um evento internacional de grande porte, pois reuniu etnias de diversos países. Vários povos indígenas reunidos, pinturas corporais desenhadas nos corpos, adornos, musicalidades, práticas xamânicas, culturas tradicionais de diversos países. Aliado a tudo isso, a promessa política do governo em construir um diálogo com os povos indígenas no âmbito internacional mexe com o imaginário de qualquer comunicador social, principalmente dos fotógrafos e artistas visuais. Diante dessa oportunidade, surgiu a decisão de registrar, participar e pesquisar este evento.

A minha cobertura fotográfica dos jogos foi enviesada por duas questões fundamentais: a primeira eu estava documentando e registrando os Jogos para Universidade Federal do Tocantins – UFT e para meu projeto de mestrado em Ciências do Ambiente, nesta Universidade. O meu projeto à época consistia em um estudo transdisciplinar⁴ com viés etnográfico visual sobre os jogos, se baseando no fato de ser um evento único, que deveria ser registrado e que pudesse servir para futuras pesquisas. Meu foco era produzir um vídeo documentário e uma comparação imagética sobre como a mídia iria representar os povos indígenas e como eles mesmos se representavam. O escopo para análise foi entre os Xerentes, povo anfitrião, e os Maias, povo originário do México. No decorrer dos jogos, produzi uma

² Nome de batismo dado a Edgar Morin pelos Xerentes. Significa: Sábio Ancião.

³ É o registro da primeira interação de Edgar Morin com povos indígenas no Brasil.

⁴ A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ultrapassa o campo das ciências exatas em razão do seu diálogo e da sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual (ALVARENGA; SOMMERMAN; ALVAREZ, 2005).

série de entrevistas audiovisuais e fotografias da delegação mexicana, que me renderam um convite, que continua válido, para finalizar o trabalho audiovisual nas ruínas Maias.

Os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas – JMPI⁵, que tinha como lema “O Importante é Celebrar”, foi uma espécie de olimpíadas de esportes indígenas que reuniu jogos tradicionais demonstrativos, jogos nativos de integração e alguns esportes ocidentais, sempre pautados pelo espírito de união das etnias e dos povos indígenas. O evento foi realizado pela parceria entre Ministério do Esporte, o Comitê Intertribal – ITC, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.

Dentro do evento esportivo aconteceu também o debate político e social no Fórum Social Indígena. O Fórum integrou a programação do evento ocorrendo paralelo as competições esportivas. Com objetivo de discutir questões relacionadas aos povos indígenas, o debate foi coordenado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, além de representantes do governo, tendo também a participação do Instituto Tribos Jovens e da União dos Estudantes Indígenas do Tocantins. “Este evento é um excelente exemplo de como o esporte pode unir as pessoas e promover a paz, o respeito pelos direitos humanos e as ricas culturas e sabedoria indígenas de todo o mundo”. (BAN KI-MOON, então secretário-geral da ONU, 2015, ON LINE).

Ao olhar para esses povos com admiração e não estranheza, tentar sair da nossa zona de conforto e buscar dialogar e entender as culturas, os rituais, a formação social, a relação com o trabalho, com a família, o respeito pela natureza, que são distintos das concepções hegemônicas, pautadas pela ideia de desenvolvimento econômico, da sociedade em que vivemos, nos proporcionam novos campos de visão e outras possibilidades, mais sustentáveis

⁵ Os jogos tradicionais são uma expressão do patrimônio cultural imaterial e colaboram para a transmissão desse patrimônio, na medida em que guardam em si uma série de valores ancestrais, uma cosmovisão específica e contribuem para o diálogo intergeracional. É nesse sentido que as manifestações associadas aos jogos autóctones devem ser incentivadas, não somente como demonstração de força e habilidade dos praticantes, mas como expressão de sua cultura. Os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas são uma das mais significativas iniciativas no sentido da salvaguarda dessas manifestações em escala global. (ROQUE, TERENA, CALFIN, TERENA, 2017). Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000249170>> Acesso: 06/02/2019.

e conscientes, de viver o Eu. Nesse contexto, surge o desejo do aprofundamento artístico, pessoal e acadêmico que motivam este trabalho.

APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA

HUMANIDADES DIGITAIS: arte e tecnologia ancestral e contemporânea

DIGITAL HUMANITIES: art and technology ancestral and contemporary

Problema de Pesquisa:

Partimos do pensamento do filósofo alemão de origem coreana, Byung-Chul Han⁶ (2021), que faz reflexão sobre o tempo em que vivemos quando diz: “com uma certa vertigem, o mundo material, feito de átomos e moléculas, de coisas que podemos tocar e cheirar, está se dissolvendo em um mundo de informação, de não-coisas”. O mundo digital está cada vez mais hibridizado com o que ainda consideramos o mundo real, a ponto de se confundir, tornando a existência cada vez mais intangível e fugaz. Neste projeto, temos interesse em estudar e experimentar técnicas e teorias sobre a disciplina estética, trabalhando precisamente na linha limítrofe da intersecção entre os campos das ciências sociais e humanas. Quais são as estéticas da era digital, conectividade, convergência? O sentimento estético é uma emoção que surge das formas, cores, sons, mas também de narrativas, espetáculos, poemas, ideias, na capacidade de formar um juízo de valor sobre formas e movimentos, ou sobre os valores e sobre os ritmos. A evolução de objetos técnicos que evoluíram de imensos, lentos e ineficientes computadores (Primeira Geração (1951-1959) para os compactos, eficientes e ágeis notebooks, smartphones, iPod, iPad e tablets, já com softwares instalados, conexão móvel coexistência com na WEB (Quarta Geração (1975-até os dias atuais). Esses objetos técnicos foram transmutados em inteligência artificial que contribuíram para a criação de novas realidades políticas, sociais, econômicas e artísticas.

Também, como ponto de partida deste projeto, a imprescindibilidade, a emergência de se buscar, a partir da perspectiva sul-americana, novos tipos de relação entre arte, tecnologia, inovação, sociedade e natureza que superem a atual polarização progresso versus preservação e tecnologia versus natureza. Queremos com esse projeto expandir o entendimento sobre como

⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-uminstrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html> Acesso: 04/03/2022.

práticas e pensamentos artísticos podem gerar esse diálogo sustentável e inovador, a partir da perspectiva do Sul Global, mais especificamente, sul-americana, promovendo reforma do pensamento sobre os tópicos mencionados.

A atual pesquisa "HUMANIDADES DIGITAIS: arte e tecnologia ancestral e contemporânea" trata-se de uma pesquisa que se iniciou com um estudo etnográfico junto aos indígenas Xerentes (Estado do Tocantins - TO) se transmutando para uma pesquisa teórica-experimental que contribuirá para a discussão de como os avanços tecnológicos e informacionais têm estimulado a reformulação dos conceitos culturais na contemporaneidade, promovendo a reconfiguração da própria noção de cultura, e também, a noção de conhecimento.

A pesquisa caracterizou-se por um estudo teórico/prático que visou discutir como os avanços tecnológicos e informacionais contribuíram para a ruptura dos conceitos de cultura na contemporaneidade, promovendo a reconfiguração da própria noção de cultura e, também, a noção de conhecimento. Queremos entender como essa nova cultura, a cultura cibernética ou cultura digital se distanciou da cultura moderna apagando, ou, pelo menos, borrando a fronteira entre a cultura moderna e a cultura tradicional por meio de um viés artístico. Para isso, tenho adentrado na intersecção que une os campos da arte, da comunicação e da antropologia, mais precisamente a estética com objetivo de clarificar conceitos teóricos e empíricos sobre modos de relação entre humanos e não humanos, e como a evolução dos objetos técnicos influem e confluem com a evolução das sociedades humanas.

A parte prática da pesquisa consistiu na produção de uma exposição fotográfica que foi criada partir dos resultados dos estudos e das produções audiovisuais das visitas de campo as aldeias Xerentes. Como trabalho final, para além da tese, apresentaremos uma exposição fotográfica com a união das técnicas fotografia fotossintética (*chlorophyll print*) e realidade aumentada.

Ademais, a pesquisa encontra-se em consonância com a abordagem multidisciplinar que está em desenvolvimento nos últimos anos – Humanidades Digitais. Essa nova possibilidade de campo de pesquisa surge para sanar as lacunas que as teorias sociais tradicionais não conseguem explicar. Esse novo campo tem atraído acadêmicos, cientistas e tecnólogos das

artes, da cultura e das ciências sociais, humanas, exatas e computacionais, propondo a transdisciplinaridade nos estudos para melhor explicar o mundo contemporâneo.

Pretendeu-se analisar como a informação que se tornou central na elaboração e definição do que é real na cultura contemporânea convergiu com a alta tecnologia, potencializando e atualizando a concepção de dimensão virtual da realidade. Descreveremos por meio de conceitos sobre arte, tecnologia, cultura, arte e sociedade a relação dessas culturas com a cibercultura e a confluência do tradicional com cibernético na contemporaneidade.

JUSTIFICATIVA

A pesquisa acadêmica que une arte, tecnologia, antropologia e comunicação sobre a cultura da etnia Xerente, indígenas do Estado do Tocantins, é inédita e tem além do caráter de preservação da cultura imaterial deste povo, que compõe a nação brasileira, por meio de pesquisa científica, registro audiovisual, entrevistas, também visa a divulgação e promoção desta cultura em âmbito nacional e internacional. Ademais, a cultura Xerente é muito rica em tradições, rituais e crenças, e com certeza, a técnica de impressão em clorofila e realidade aumentada irão valorizar ainda mais essa cultura por meio da exposição multimídia internacional. Através desta Exposição multimídia, a pesquisa visa contribuir com o estado da arte sobre a cultura, ações de cidadania e preservação do meio ambiente, como forma de contribuir para sustentabilidade, memória das culturas tradicionais na sociedade contemporânea e ajudar a identificar como a sociedade vê e quais as melhores estratégias podem ser abordadas para que haja essa conscientização. A memória (individual e coletiva), direito fundamental do homem, é o elemento constitutivo do patrimônio cultural. Um povo sem memória tende a perder (e/ou não construir) sua voz, ser alienado, propício a dominações e a não saber (e/ou construir) sua própria história.

Dar voz e lugar aos indígenas brasileiros, é reconhecê-los como atuantes e personagens vivos que compõem a história do País. É reconhecer a importância das artes para a construção de uma sociedade, para o desenvolvimento político, para a memória de um povo. Pretendemos unir o saber acadêmico, construído, sobretudo, nas pesquisas, visitas de campo e nos livros, e os portadores da sabedoria popular, do bom senso, nascida da experiência, da luta dos povos indígenas para manter sua memória e tradição. A temática proposta pela exposição multimídia

“Da árvore da vida para as folhas do conhecimento: transcendendo estéticas” encontra-se imbricada em muitas questões atuais: diversidade cultural, transversalidade, interface com as novas tecnologias, questão ambiental (digitalização de documentos), ativa participação do público na construção artística.

De acordo com a filósofa brasileira, Marilena Chauí (2000, p. 125), “[...] a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”. Para o historiador francês Jacques Le Goff (1990), nas sociedades sem escrita, a memória coletiva desses povos se originava de um mito fundador que provinha de narrativas míticas e serviam tanto para que o indivíduo tivesse sua personalidade coletiva quanto como memória que dava sentido ético-organizacional ao grupo, mantendo assim a coesão e dinâmica social para sua existência. Ainda para o autor, a memória dos povos sem escrita era transmitida de forma oral por um especialista da memória e tinha uma característica generativa na qual os mitos adquiriam versões diversas cada vez que eram recontados.

É muito interessante saber que os mitos e lendas dos povos sem escrita se modificavam cada vez que eram contados, até porque a performance, a entonação da voz e os movimentos corporais de quem contava mudavam. E havia também troca cultural entre os povos, ou seja, havia convergência entre os mitos de diferentes etnias. Muitos mitos e lendas de diferentes povos são muito semelhantes, histórica, antropológica, etnológica, arqueológica e artisticamente se torna muito difícil saber qual influenciou qual primeiro. Entretanto, as culturas indígenas brasileiras tinham a tradição apenas oral e muitas se perderam por não terem sido guardadas em forma de escrita. Os costumes, a culinária, a língua, esse conjunto de elementos que é identificado pela Unesco como cultura imaterial⁷, deve ser preservada e recontada. Neste caso, por mim como artista.

A tese também tem a intenção de explicar em que contexto e sob quais influências surgiu o projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”, que iniciou como um projeto de lives

⁷ O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes. O Patrimônio Cultural Imaterial não se constitui apenas de aspectos físicos da cultura. Há muito mais, contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. Disponível em: <Patrimônio Mundial no Brasil (unesco.org)>. Acesso em: 12/02/2023.

em meio a pandemia de Covid-19 e se expandiu para uma publicação com mais de 50 autores de diversas áreas do conhecimento. Como principal influência e motivação, temos a experiência vivida e a análise sistêmica junto ao movimento “Brasília Maior que o Covid – BMC” que produziu máscaras de proteção facial para os profissionais da saúde do Distrito Federal - DF. Iremos relatar o processo de adaptação e criação do protetor facial para proteção individual dos profissionais de saúde do Distrito Federal - DF em meio a pandemia da COVID-19. O relato é referente aos meses de março e junho de 2020, que foram os meses que participei do grupo, assumindo a coordenação de comunicação e memória do movimento. Isso me possibilitou analisar a formação e evolução tanto estrutural como logística do movimento BMC e que foram de extrema importância para a criação do projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”.

Faz sentido tal proposta, não só pelo ineditismo, pela troca de conhecimentos, ou ainda pelo caráter transdisciplinar, já que este projeto perpassa por diversos campos do conhecimento e pelas mais variadas discussões contemporâneas que se entrecruzam nas bordas que dividem as disciplinas e os saberes acadêmicos. Para construção escrita e enquadramento desta proposta optamos em caminhar majoritariamente pelos campos das artes e das ciências tecnológicas, mas principalmente, por ser o reflexo de uma das mais ousadas frentes programáticas da atualidade, o projeto se encontra no campo da cultura digital.

Objetivo Geral:

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar a influência da cultura digital, da convergência entre arte e tecnologia, e da hibridização entre o mundo material e o mundo da informação na contemporaneidade, promovendo diálogo transdisciplinar, internacional, visando a ampliação do entendimento sobre as implicações da convergência entre tecnologia e cultura. Buscou, também, compreender as transformações culturais e as novas noções de conhecimento nesse contexto, explorando as estéticas da era digital e a relação entre humanos, não humanos, e objetos técnicos, especialmente na perspectiva da cultura Xerente no Estado do Tocantins.

Objetivos Específicos:

- Realizar um estudo etnográfico com os indígenas Xerentes no Tocantins, analisando o impacto dos avanços tecnológicos em suas concepções culturais e de conhecimento;
- Explorar a relação entre a cultura digital e a cultura tradicional, destacando como a arte atua na fusão desses domínios;
- Criar uma exposição fotográfica que utiliza fotografia fotossintética e realidade aumentada, baseada nas experiências nas aldeias Xerentes;
- Contribuir para a preservação da cultura dos Xerentes e conscientizar sobre a importância da memória das culturas tradicionais na sociedade contemporânea;
- Promover um diálogo inovador entre arte, tecnologia, sociedade e natureza, especialmente na perspectiva latino-americana;
- Contribuir para a abordagem multidisciplinar das Humanidades Digitais, promovendo a transdisciplinaridade nos estudos contemporâneos.

Organização dos Capítulos

A seção 1 aborda de forma transdisciplinar e histórica os tópicos: Humanidades Digitais e Antropoceno. Refletimos brevemente sobre a criação do Estado-Nação, sua transição para o Estado Contemporâneo com objetivo de contextualizar o período que vivemos: o Antropoceno. Esse período está ligado a fatores como a expansão humana, impacto global, crescimento da compreensão e a grande aceleração, perceptível a partir da crescente introdução de combustíveis fósseis e avanço da tecnologia industrial. Também apresentamos as principais definições e características do Relato de Experiência que é utilizado neste trabalho como forma de apresentar os achados da pesquisa. A primeira seção vai introduzir e respaldar por estudo teórico nosso pensamento para o Relato de Experiência, na seção 2, será analisado o caso do Projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia. Esse projeto reuniu mais de 50 autores de todas as regiões do Brasil, de todas as raças, etnias, classes sociais, sexos, e, de países como Estados Unidos da América e Nova Zelândia para a produção de uma Obra inicialmente pensada para o meio digital, que, posteriormente, se desdobrou em outros produtos artísticos culturais e um livro físico, impresso pela Editora do Senado Brasileiro, com mais de 600 páginas, de relevância histórica, social e artística para o Brasil.

A seção 2: esta seção tem a intenção de explicar em que contexto e sob quais influências surgiu o projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”, que iniciou como um projeto de

lives em meio a pandemia de Covid-19 e se expandiu para uma publicação com mais de 50 autores de diversas áreas do conhecimento. Como principal influência e motivação, temos a experiência vivida e a análise sistêmica junto ao movimento “Brasília Maior que o Covid – BMC” que produziu máscaras de proteção facial para os profissionais da saúde do Distrito Federal - DF.

Iremos relatar o processo de adaptação e criação do protetor facial para proteção individual dos profissionais de saúde do Distrito Federal - DF em meio a pandemia da COVID-19. O relato é referente aos meses de março e junho de 2020, que foram os meses que participei do grupo, assumindo a coordenação de comunicação e memória do movimento. Isso me possibilitou analisar a formação e evolução tanto estrutural como logística do movimento BMC e que foram de extrema importância para a criação do projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” que será relatado nesta seção.

Novas formas de mobilização e ativismo têm surgido utilizando plataformas de redes sociais que se tornaram instrumentos importantes para a organização e a mobilização da sociedade, chamando a atenção de diversos atores sociais para sua capacidade de engajar pessoas e disseminar suas ideias nos processos conflituos. Aqui falamos das novas tecnologias de comunicação e informação. “As novas tecnologias proporcionam a aproximação do cidadão aos representantes políticos e também ao objeto de discussão política em um espaço de autonomia, muito além de controle de governos e empresas” (CASTELLS, 2013, p. 11), criando um lugar propício para o desenvolvimento do ativismo digital, ou ativismo on-line.

Já na seção 3, apresentaremos o relato do processo de criação artística do período internacional deste projeto de pesquisa experimental que busca contribuir no avanço do estado da arte na área do conhecimento das Humanidades Digitais, Arte e outras disciplinas afins. A parte internacional foi realizada na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA). O projeto, realizado em parceria entre a Universidade Anhembi Morumbi, Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), representa uma iniciativa transdisciplinar de relevância significativa para a expansão das fronteiras do conhecimento e para a promoção da cooperação internacional em pesquisa e inovação.

Durante a parte internacional do doutorado foi criado o projeto cultural “Da árvore da vida para as folhas do conhecimento: transcendendo estéticas” com “12 Fotografias impressas em folhas de plantas com a técnica artesanal de impressão em clorofila” e “4 códigos QR com realidade aumentada que proporcionaram a interação entre os visitantes e as obras”. A realidade aumentada foi acessada a partir do dispositivo celular de quem visitou a exposição e apresentou por meio vídeos algumas fases do processo criativo da exposição, e os mitos e as lendas da cultura da etnia Xerente, especificamente das tribos Porteira e Salto, localizadas no município de Tocantínia, Estado do Tocantins, região Amazônica brasileira. A exposição foi compreendida entre o período de 02 de agosto de 2023 a 02 de setembro de 2023, no Consulado Geral do Brasil em Los Angeles, em Beverly Hills, Califórnia, Estados Unidos da América (EUA).

SEÇÃO 1**ANTROPOCENO, CAPITALOCENO, E A NOVA ORDEM INTERNACIONAL
CONTEMPORÂNEA**

A nova era geológica

Essa seção tem a intenção de colaborar com a abordagem transdisciplinar que vem se desenvolvendo nos últimos anos – Humanidades Digitais. Essa nova possibilidade de campo de pesquisa surge para sanar as lacunas que as teorias sociais tradicionais não conseguem explicar. Esse novo campo tem atraído acadêmicos, cientistas e tecnólogos das artes, da cultura e das ciências sociais, humanas, exatas e computacionais, propondo a transdisciplinaridade⁸ nos estudos para melhor explicar o mundo contemporâneo. Adentramos nas discussões sobre criação artística/política, arte digital, ativismo digital e mobilizações coletivas por meio de plataformas sociais no ciberespaço⁹. Pretende-se elucidar técnicas de enquadramento e estratégias de mobilização utilizadas por grupos sociais, principalmente grupos políticos, ativistas, nas plataformas de redes sociais da internet, para explicar a criação do projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia¹⁰.

O objetivo geral desta seção é apresentar o importante papel do artista pesquisador atuando como ativista digital, ou, como me autodenomino, *hackerARTivista*, para criar estratégias de enquadramentos e mobilização coletiva no ciberespaço que irão se manifestar no mundo físico, “real”, além de, contribuir para a melhor compreensão das estratégias digitais de grupos políticos na contemporaneidade. Iremos utilizar a metodologia de Relato de experiência como forma de escrita. Essa primeira seção consiste em uma pesquisa de caráter exploratório e pretende refletir brevemente sobre a criação do Estado-Nação, sua transição para o Estado Contemporâneo com objetivo de contextualizar o período que vivemos: o Antropoceno. Esse período está ligado a fatores como a expansão humana, impacto global, crescimento da compreensão e a grande aceleração, perceptível a partir da crescente introdução de combustíveis fósseis e avanço da tecnologia industrial. Essa seção introduz o estudo de caso do projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia que foi criado pensado para o meio digital,

⁸ A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ultrapassa o campo das ciências exatas em razão do seu diálogo e da sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual (ALVARENGA; SOMMERMAN; ALVAREZ, 2005).

⁹ O ciberespaço é definido como “uma dimensão virtual da realidade onde seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem mediados por fluxos digitais de informação e imagem” (MARTINS, 2013, p. 45). Lévy (2009) caracteriza o ciberespaço como um espaço gerado pela internet que interliga pessoas de forma democrática, de todos para todos e todos para cada um, preservando a individualidade pessoal do indivíduo e construindo uma rede cooperativa de intersubjetividade mundial.

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=iYy2aE4VIL4&list=PLCwIaQ1c16L32jnVwhNsJj9MqaZ5PWvQW>

em meio a pandemia causada por problemas sanitários característicos do nosso tempo e que trouxeram à luz a emergência de se pensar novas formas de se viver e se pensar o progresso. São apresentadas as principais características políticas, sociais e econômicas do Estado Contemporâneo. Em decorrência das mudanças econômicas e sociais das últimas décadas, o mundo está passando por uma transformação política global. Com o advento das novas tecnologias, o ciberespaço assumiu um lugar de poder central na contemporaneidade, promovendo o esgotamento das instituições hierarquicamente rígidas, dando lugar às redes de relacionamentos com estruturas fluidas, transversais e cooperativas. Logo após, é apresentado apontamentos sobre essa seção.

A pesquisa mostra que, através do uso das novas tecnologias da informação, das plataformas de redes sociais, foi possível organizar uma campanha publicitária com linguagem populista, com narrativa engajadora e emotiva para se criar um projeto colaborativo, inicialmente, à nível nacional, e, posteriormente, a nível internacional. As estratégias de mobilização foram enredadas, disseminadas e fomentadas por meio da perspectiva de técnicas¹¹ ativistas de movimentos sociais do ciberespaço, os quais venho estudando nos últimos anos. A partir dos meus estudos teóricos no mestrado em Arte Contemporânea (IDA/UnB), especialização em Ciência Política (IPOL/UnB), especialização em Relações Internacionais (IREL/UnB), minha experiência em produzir projetos para captar recursos e as análises de casos que já desenvolvi no âmbito acadêmico, resolvi diante do momento e da oportunidade, a pandemia, aplicar este conhecimento para a produção do Projeto Arte e Inovação em Tempos de Pandemia (AITP).

Aplicando os resultados das minhas pesquisas pregressas publicadas no artigo “*Cyberspace and Cyberculture: the new social and governance field*”¹² apresentado no 22 *International Conference on Human-Computer Interaction (HCI, 2020, Dinamarca)*, que foi

¹¹ O antropólogo François Sigaut, que diz que não se pode “observar” diretamente as técnicas. O que se pode ver são as pessoas fazendo coisas: um encanador consertando um vazamento em seu banheiro; uma pá mecânica cavando um buraco em sua rua (SIGAUT, 2002 [1994]:424). Para o antropólogo Ludovic Coupaye (COUPAYE, 2017, p. 476), “os “discursos produzidos” pelos usos, os artefatos (sejam obras de arte ou produtos das “novas tecnologias”) não são mais somente testemunhas, reflexos ou significantes passivos, mas sim os “atores” da vida social, e isto às vezes de maneira não metafórica”.

¹² Disponível em: < https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-50309-3_36> <<http://abhd.org.br/ojs2/ojs-3.3.0-9/index.php/rbhd/article/view/30/37>> Acesso em: 25/10/2023.

repblicado na Revista Brasileira de Humanidades Digitais (RBHD, 2022, Rio de Janeiro), do estudo de caso “*Queermuseu – Frameworks in Social Network*”¹³ apresentado no 23 *International Conference on Human-Computer Interaction (HCI, 2021, Estados Unidos)*, do artigo “Antropoceno: a importância da implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo”, publicado pela Revista Humanidades¹⁴ (2020), da Universidade de Brasília – UnB e do capítulo de livro escrito a convite e financiado pela INTECHOPEN intitulado “Digital Culture: Control and Domination of Technical Images in the Era of Psychocapitalism”¹⁵ (2021, Londres), resolvi unir a teoria e a prática para a criação do projeto AITP, e, agora, apresento a análise deste percurso.

Este trabalho é uma análise crítica, embasada teoricamente, em conjunto com estudo de caso que utiliza o relato de experiência como forma de apresentar os achados da pesquisa e o processo de criação dos produtos educativos, artísticos e culturais resultados desta tese. O projeto foi criado e desenvolvido no Centro-Oeste e Norte do Brasil durante o período de isolamento social. Foi pensado para chegar aos lares das pessoas e amenizar a dor do isolamento, trazer conforto, esperança, conhecimento, novas formas de pensar e reflexões acerca da nossa própria existência neste mundo, tendo como essência a cultura brasileira. Um produto que integrasse arte, cultura, ciência, inovação e estivesse ligado à vanguarda do pensamento acadêmico, o *descolonialismo*¹⁶, o qual vem ganhando força mundialmente.

¹³ Disponível em: < https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-77626-8_12 > Acesso em: 25/10/2023.

¹⁴ Disponível em:

<https://www.editora.unb.br/downloads/v4_RevistaHumanidades64_impreso_PagDupla_Web.pdf> Acesso em: 26/10/2023.

¹⁵ <https://www.intechopen.com/chapters/75539>.

¹⁶ O descolonialismo que utilizamos nesta pesquisa é o descolonialismo antropofágico. Nós não renegamos os conhecimentos, saberes, arte, filosofia, ciência européia, norte americana ou oriental. Entendemos que tanto o colonialismo quanto o descolonialismo são estruturas de poder que atuam diretamente nas normas, regras, leis, cultura, arte, filosofia direcionando sociedades por meio da criação de metanarrativas de vida e novas realidades que devem ser seguidas dentro de um recorte espaço temporal. Não nos interessamos em citar autores(as) que estão falando a mesma coisa que já foi dita apenas por que ele(a) é de país do “Sul” ou tem determinada opção sexual. Queremos criar o novo. Então, como analista, venho unindo saberes científicos, artísticos, culturais e filosóficos aos saberes e ciência dos povos tradicionais, principalmente brasileiros, colocando ambas no mesmo patamar, em pé de igualdade, criando convergência entre os múltiplos conhecimentos, saberes, cultura, arte, tecnologia e filosofia para se criar o hodierno, que no futuro se tornará ancestral. Nós devoramos culturas e saberes para contribuir com a construção da cultura brasileira, da nova escola sul-americana. O descolonialismo antropofágico não é um retorno ou um retrocesso, e sim, um avançar a partir de uma perspectiva sustentável e consciente.

Como já citei anteriormente, nos últimos 5 anos eu tenho pesquisado exaustivamente sobre o ciberespaço e o Antropoceno levantando uma densa bibliografia e criando a minha própria bibliografia com a contribuição de diversos pesquisadores nacionais e internacionais com reconhecida trajetória nestas temáticas, no meio acadêmico. Por meio desse denso levantamento bibliográfico, análise crítica, pesquisa de campo e minhas experiências vividas durante o processo de construção dessa tese apresentaremos nas páginas a seguir os resultados das teorias levantadas e os produtos artísticos, educacionais e culturais resultados deste trabalho.

Nestes últimos anos eu tenho pesquisado e escrito sobre temas diversos e venho seguindo as regras e ritos para validar academicamente meus pensamentos. Tenho apresentado meu trabalho em eventos científicos internacionais de relevância para minha área, publicado em boas revistas que tenham revisão pelos meus pares, vencido concursos e prêmios nas áreas de artes e cultura, ganhado editais de fomento para captar recursos pois, recursos financeiros facilitam a realização de pesquisa de ponta.

Vencida algumas etapas, agora, nós partimos para conceituação do Relato de Experiência que em conjunto com a análise teórica serão as técnicas para explicar a criação do projeto AITP. De acordo com (MUSSI, FLORES, ALMEIDA, 2021, ON LINE¹⁷):

A humanidade apresentou, ao longo da história, intensas mudanças nas características relativas à produção, divulgação e apropriação do conhecimento. Destarte, parece crescente a possibilidade da conformação de uma sociedade do conhecimento, o que demanda a continuidade do aperfeiçoamento/qualificação das estratégias para ampliação do acesso e compreensão das descobertas/produções científicas e tecnológicas pelos mais diferentes públicos. De maneira complementar, é importante que esta divulgação fomente panoramas compreensivos, a partir de parâmetros críticos e reflexivos. Assim, esta divulgação assume o compromisso relativo à difusão das informações oriundas da construção/produção científica valendo-se de instrumentos, metodologias e mecanismos que proporcionem (re)codificações do conhecimento para linguagens mais acessíveis às diferentes comunidades.

¹⁷ Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060#B23> Acesso em: 29/10/2023.

O relato de experiência na forma de texto científico escrito é um dos métodos utilizados para apresentar e tornar acessível ao público as reflexões e achados dessa pesquisa, para que assim, possa ser discutido pelos meus pares do campo acadêmico e pela sociedade em geral. “É importante salientar que um relato de pesquisa é também um relato de experiência vivida. Todavia, nem toda experiência é resultante de um processo de pesquisa” (BUENO, 2010). Tais experiências podem ser, por exemplo, oriundas de pesquisas, ensino, projetos de extensão universitária, dentre outras. A metodologia RE vem ganhando cada vez mais espaço no âmbito da divulgação do conhecimento científico.

Assim, esta divulgação assume o compromisso relativo à difusão das informações oriundas da construção/produção científica valendo-se de instrumentos, metodologias e mecanismos que proporcionem (re)codificações do conhecimento para linguagens mais acessíveis às diferentes comunidades. (MUSSI, FLORES, ALMEIDA, 2021, ON LINE)

Mesmo com a atual ascensão da metodologia RE como possibilidade de divulgação dos resultados de pesquisa, principalmente em revistas científicas, ainda é muito escasso encontrar material com argumentação teórico-metodológica a respeito do RE. Concordamos com Mussi, Flores, Almeida (2021) quando dizem que de maneira geral, quando encontradas, as referências reportam sugestões quanto a estruturação dos relatos, e, embora seja destacado o potencial desta escrita, não é apresentado de forma específica os vários elementos e as explicações para a sua presença no artigo.

Mussi, Flores, Almeida (2021) fazem um levantamento bibliográfico interessante acerca das referências do tema RE. A partir do levantamento bibliográfico dos autores a revista chilena *Psicoperspectivas – Individuo y Sociedad* e o instrutivo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) reportam sugestões quanto a estruturação dos relatos, já Daltro, Faria (2019) partem para orientações da construção formal. Para os autores a primeira referência apresenta designações de acordo as seções do artigo, e a segunda referência aborda perguntas balizadoras para a escrita. “Ambas carecendo de argumentação teórico-metodológica quanto à proposição dos seus elementos constitutivos.” Continuando em sua análise, os autores dizem que: “a terceira referência apresenta seis elementos essenciais na elaboração do texto. Embora seja destacado o potencial desta escrita, contenha críticas e aspectos que fazem parte do RE, não é apresentado de forma específica os vários elementos e as explicações para a sua presença

no artigo”. Como quarta opção observou-se o trabalho publicado por Ludke, Cruz (2010), que além da qualidade da escrita, existia preocupação com o “conteúdo abordado, o qual deve não ser superficial, não deixar relatos da prática subentendidos, e nem constar excessivamente uma discussão bibliográfica, e deve constar os aspectos positivos e negativos da experiência vivenciada.”

Para Mussi, Flores, Almeida (2021):

O Relato de Experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica (...) Então, o RE em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).

Em consonância ao RE, iremos explorar historicamente alguns acontecimentos importantes para este trabalho que ocorreram nas últimas décadas. Esta pesquisa apoia-se em estudos anteriores sobre os importantes conceitos teóricos nas esferas da Arte, do Direito, Filosofia, Cultura Tradicional, Desenvolvimento Sustentável, Cultura Digital, Inovação e Serendipidade. Para dar continuidade na análise, iremos fazer um percurso histórico acerca do nosso tempo, do antropoceno, por meio de teóricos clássicos (da contemporaneidade). Para conseguirmos entender as rápidas e densas transformações características da nossa época, é necessário entender o conceito de Antropoceno e de Capitaloceno.

A filósofa e zoóloga Donna Haraway (2017), em seu artigo “Pensamento tentacular: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno” aborda o conceito de “Antropoceno” e a influência das atividades humanas na transformação do ambiente global. Ela afirma que o Antropoceno se refere à época geológica na qual as ações humanas têm um impacto significativo na Terra. Para a pesquisadora, as atividades humanas, como a queima de combustíveis fósseis, estão causando perturbações ambientais, como a acidificação dos oceanos e o aquecimento global. Já para Jason Moore (2022, ON LINE¹⁸):

¹⁸<https://jasonwmoore.com/wp-content/uploads/2022/09/Moore-Antropoceno-ou-Capitaloceno-from-2016-Outros-Palavras-2022.pdf>

O argumento do Antropoceno mostra que o dualismo Natureza/Sociedade está na etapa mais avançada de seu desenvolvimento. E se o Antropoceno — enquanto argumento histórico, em vez de geológico — é inadequado, ainda assim é um argumento que merece nossa consideração. Novos modos de pensar emergem de muitos passos hesitantes. Há muitos estágios conceituais no caminho para uma nova síntese. O conceito de Antropoceno é com certeza o mais influente desses estágios. Nenhum conceito firmado na mudança histórica foi tão influente ao longo do espectro do Pensamento Verde (Green Thought); nenhum outro conceito sociológico atraiu tanta atenção popular.

Haraway (2017) introduz o termo "Capitaloceno" como uma alternativa ao Antropoceno, destacando que o capitalismo global desempenha um papel fundamental nas transformações ambientais. A pesquisadora enfatiza que as atividades de extração de recursos, como a mineração e a exploração de combustíveis fósseis, são impulsionadas pelo desejo de lucro e poder, o que leva a consequências ambientais graves. Além disso, a autora destaca a necessidade de ações e pensamentos que desafiem a cultura capitalista predominante, sugerindo que movimentos e mudanças nas dinâmicas geofísicas são necessários para abordar as questões ambientais. Ela critica a busca implacável de combustíveis fósseis e enfatiza a importância de repensar o relacionamento entre os seres humanos e o meio ambiente. Por meio destes conceitos, é nítida a importância de entender como a geopolítica econômica funciona a nível global, pois, mais que críticas, queremos pensar possíveis soluções. Haraway (2017) propõe uma ressignificação do conceito de Antropoceno como o Chthuluceno, uma narrativa mais abrangente que enfatiza a colaboração e a interdependência de todas as formas de vida na Terra. Destaca a importância das práticas de se-tornar-com e da compreensão de que seres humanos não são os únicos atores cruciais na manutenção da biodiversidade e na mitigação dos desafios ambientais. O Chthuluceno enfatiza a necessidade de pensar além do excepcionalismo humano, abraçar narrativas terrestres e reconhecer a importância de todos os seres vivos como parte de um sistema complexo interconectado.

Haraway (2017), em seu artigo, explora a necessidade de ressignificar o período atual, anteriormente denominado Antropoceno, como o Chthuluceno, uma narrativa mais abrangente que reconhece a complexidade e a interconexão dos sistemas vivos na Terra. A autora destaca a importância de compreender as práticas de se-tornar-com¹⁹, enfatizando a colaboração entre

¹⁹ Haraway (2017) apresenta o Chthuluceno como uma narrativa que vai além das abordagens tradicionais do Antropoceno, reconhecendo a importância dos processos narrativos de multiespécies e das práticas de se-tornar-

humanos e não humanos na manutenção da biodiversidade e na superação dos desafios do aquecimento global e da degradação ambiental. Haraway (2017) também destaca a importância de pensar além do excepcionalismo humano e do utilitarismo econômico, buscando soluções que considerem a interdependência de todas as formas de vida na Terra. A autora busca ressignificar o conceito de Antropoceno, um termo que se tornou comum para descrever o impacto das atividades humanas na Terra. No entanto, a autora argumenta que o Antropoceno não é suficientemente abrangente para capturar a complexidade dos sistemas vivos do planeta. Em vez disso, ela propõe a adoção do termo "Chthuluceno", que enfatiza a importância das narrativas terrestres, da colaboração multiespécies e da compreensão de que seres humanos não são os únicos atores importantes na manutenção da biodiversidade e na mitigação dos desafios ambientais. Haraway (2017) cita dois pesquisadores brasileiros:

Antropólogos e filósofos brasileiros Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski exorcizam noções persistentes de que Gaia é confinada aos antigos Gregos e as subsequentes Euroculturas em suas reconfigurações das urgências dos nossos tempos na conferência pós-eurocêntrica "Mil Nomes de Gaia". Nomes, não faces, nem formas do mesmo, algo além, mil outras coisas continuam falando de uma contínua, conectada, generativa e destrutiva mundialização e remundialização dessa Era da Terra. Precisamos de outra figura, mil nomes de outra coisa que emerja no Antropoceno em outra uma narrativa suficientemente grande. Picada nas florestas vermelhas da Califórnia, pela aranha Pimóia chthulhu, eu desejo propor a sinuosa Medusa e as mundializações de seus antecedentes, afiliados e descendentes. Talvez a Medusa, a única Gorgon mortal, nos leve aos holobiotomas da Terrapolis e eleve nossas chances de colidir os navios dos Heróis do século XXI num recife de coral vivo em vez de permitir que eles suguem a última gota de combustível fóssil das rochas mortas.

A definição de Chthuluceno proposta por Haraway (2017) é extremamente interessante e conversa com essa pesquisa. Entretanto, ainda é um conceito extremamente recente com pouco material bibliográfico e ultrapassa o marco temporal teórico estabelecido por este projeto

com. Essa narrativa enfatiza que os seres humanos não são os únicos protagonistas no palco global e que todos os seres vivos, sejam eles humanos, corais ou líquens, desempenham papéis fundamentais na sustentação da vida na Terra. Uma das principais premissas do Chthuluceno é a colaboração e a interdependência entre todas as formas de vida. Os corais, por exemplo, desempenham um papel crucial na consciência do Antropoceno, destacando o impacto da acidificação dos oceanos e do aquecimento global. Esses seres vivos demonstram que todos estão intrinsecamente ligados, e a sobrevivência de um está conectada à sobrevivência de todos. O Chthuluceno também enfatiza o poder das narrativas terrestres. Essas histórias incorporam uma compreensão mais profunda da Terra como um sistema complexo, resistente à simplificação e à categorização. Elas convidam à reflexão sobre como os seres humanos podem se tornar melhores administradores do planeta, reconhecendo sua responsabilidade em relação a todas as formas de vida.

de pesquisa de doutorado. Para futuras pesquisas pretendemos aprofundar mais sobre essa possibilidade de conceito teórico criado pela autora.

Para entender melhor as definições de Antropoceno, Capitaloceno e Chthuluceno é necessário aprofundar o conhecimento a respeito do contexto contemporâneo. Dando prosseguimento ao nosso recorte histórico, iremos falar da transição do mundo bipolar para o mundo multipolar²⁰ por meio de uma perspectiva geopolítica. Para Saraiva (2001, p. 71), a década de 1970 é marcada por uma onda de fenômenos que modificaram a fisionomia do mundo. Durante a conferência de Helsinki²¹, os mais de 30 Estados participantes reivindicavam seu próprio espaço de poder negado pelo jogo das superpotências marcando a consciência de diversidade de interesses.

Essa consciência se deu principalmente ao revigoramento da capacidade operativa dos Estados europeus, a determinação francesa em construir sua própria política militar, os novos dados estratégicos que punham em xeque a Aliança Atlântica, a emergência da economia japonesa, o esforço de afirmação da América Latina e os movimentos dos Estados e dos povos do terceiro mundo para encontrar caminhos próprios. SARAIVA (2001, p. 72).

A grave crise econômica da década de 1970 foi também uma das questões de instabilidade e provocou uma séria intranquilidade mundial. A crise no sistema econômico

²⁰ De acordo com Saraiva (2001, p. 63, 64), quatro grandes fenômenos animaram as relações internacionais na década de 70, sendo o primeiro a melhora nas relações internacionais entre os dois gigantes, Estados Unidos e União Soviética que se apresentaram como parceiros, principalmente em relação a não proliferação de tecnologia nuclear, por outros países. O segundo foi a tomada de consciência da “diversidade de interesses” no sistema internacional. A Europa, Ásia e América Latina perceberam que a bipolaridade já não se aplicava à economia e reivindicaram maior participação no jogo internacional, promovendo a erosão do sistema do modelo nacional-desenvolvimentista. O terceiro foi o esforço de construção da “nova ordem econômica internacional” pelos países do terceiro mundo que se uniram por uma “ilusão igualitarista”, formando uma unidade global em busca da construção de um verdadeiro diálogo com o Norte. O quarto foi a “crise econômica”, sendo as principais a energética e financeira que foram responsáveis por um período de grande intranquilidade nas relações internacionais e motivou a própria revisão do papel dos Estados nacionais na política internacional. Para Saraiva (2001, p. 64), esses quatro fenômenos abalaram a ordem bipolar e afirmaram a diversidade bem como a multipolaridade econômica e ideológica.

²¹ A Conferência de Helsinki, de 1975, foi o ponto culminante na política de distensão, conhecida como *détente* ou *razryadka*, durante a gestão de Brejnev, Honecker e Husák, respectivamente União Soviética, Alemanha Oriental e Tchecoslováquia no Leste Europeu, o tratado assinado em Helsinki, Finlândia; certificava as fronteiras na Europa do leste e Europa Central posteriores a Segunda Guerra Mundial, o tratado foi assinado por EUA, Canadá e todos os países europeus, exceto Albânia e Andorra. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Conferência_de_Helsinki> Acesso em: 26/10/2023.

mundial foi única pela dificuldade em se manter o padrão monetário dólar²². Em consequência disso, os países sul-americanos, asiáticos e africanos que haviam pautado sua inserção econômica no cenário mundial por meio de endividamento externo, adquirindo empréstimos a juros baixos nas décadas anteriores, tiveram que arcar com dívidas durante a crise a juros altíssimos, que levou ao colapso os projetos nacionais de desenvolvimento desses países.

A segunda grande crise econômica da década de 1970 foi a do petróleo, que mostrou a fragilidade energética dos projetos desenvolvimentistas a nível global e elevou a capacidade de influência dos países periféricos produtores de petróleo que se organizaram e juntaram em bloco e reivindicaram posições-chave no planejamento das atividades econômicas em escala global. Todas essas mudanças em um curto espaço de tempo aceleraram o processo de globalização econômica e o início da terceira revolução industrial.

Importante também entender que, a partir da década de 70, na Alemanha, pode-se observar consequências da gradual integração do Estado político com a sociedade civil. O capitalismo industrial, comercial e bancário se uniu na forma de capital financeiro dando origem ao capitalismo organizado. Um grupo organizado com força política e econômica capaz de influir na política interna do Estado. Este momento se torna importante de ser colocado aqui pois é quando começa a ficar claro para os estudiosos a transferência de poder dos Estados para as empresas multinacionais. Essa quebra de paradigma é extremamente importante para compreendermos como a burguesia que luta por um estado liberal, hoje chamado de capitalista, e domina a política de forma ascendente, como podemos observar o fenômeno dos “outsiders”, comumente empresários que se tornam políticos, exemplo recente, Donald Trump.

Essa transformação geopolítica – de certa forma ainda recente para os teóricos – promove algumas divergências entre autores e escolas sobre o atual período histórico que vivemos e suas definições, porém é consenso que passamos por uma densa transformação

²² Hoje, presenciamos uma nova alteração geopolítica com a China se tornando o principal player econômico e encabeçando um grupo que tenta derrubar o padrão dólar. Sabemos que o BRICS está se articulando e ficando cada vez mais forte no cenário geopolítico atual, entretanto, além de ser muito cedo para sabermos como as coisas irão ficar, não é o objetivo deste trabalho tratar do BRICS. Estamos apenas explicando nossa perspectiva sobre os fatos históricos que são nossos motivadores como HackerARTvista.

social, econômica, cultural e simbólica possível e potencializada pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

Em decorrência das mudanças econômicas e sociais das últimas décadas, o mundo está passando por uma transformação política global. Com o advento das novas tecnologias, o ciberespaço assumiu um lugar de poder central na contemporaneidade, promovendo o enfraquecimento das instituições hierarquicamente rígidas, dando lugar às redes de relacionamentos com estruturas fluidas, transversais e cooperativas. “Economias por todo mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável” (CASTELLS, 2000, p. 39). Essas redes podem ser identificadas por movimentos como o “faça você mesmo”, muito atuante nos atuais tempos de pandemia de Covid-19, como, por exemplo, a produção de máscaras de proteção facial por meio de impressões 3D, ou outros produtos artesanais como máscaras de tecido.

Após essa breve introdução ao sistema socio-geopolítico contemporâneo que teve o intuito de trazer o leitor para a temática, iremos fazer um outro trajeto temporal para explicarmos o Antropoceno e o Capitaloceno.

Antropoceno e Capitaloceno: a importância da implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo

A pesquisadora Astrid Ulloa²³ (2019), aborda o conceito de “Antropoceno” e suas implicações, particularmente na perspectiva latino-americana. Ela questiona o Antropoceno como um conceito que enfatiza o papel da humanidade na transformação do mundo biofísico e na crise ambiental global, destacando que esse conceito pode negligenciar as relações de poder e as desigualdades sociais que desempenham um papel fundamental na América Latina.

Ulloa (2019) observa que o Antropoceno desencadeou discussões sobre a importância das análises históricas e sociais em relação à natureza, levando a mudanças nos fundamentos conceituais, metodológicos e políticos das ciências humanas e sociais. Isso permitiu que o

²³ <https://www.goethe.de/prj/hum/pt/dos/kos/21539326.html>

conhecimento acadêmico desempenhasse um papel direto na tomada de decisões relacionadas a problemas ambientais, como mudanças climáticas, redução da biodiversidade e questões de extrativismo.

No entanto, Ulloa (2019) destaca que o debate sobre o Antropoceno na América Latina difere do que ocorre na Europa ou nos Estados Unidos. Isso ocorre porque a noção de Antropoceno se concentra em questões globais, muitas vezes ignorando as histórias locais de desapropriação territorial e ambiental na América Latina. Além disso, o Antropoceno tende a ignorar as perspectivas culturais e os sistemas de conhecimento locais que se baseiam em relações específicas entre humanos e não humanos.

Diante dessas questões, Ulloa (2019) propõe um debate sobre os conceitos de “Capitaloceno” e “Antropoceno”. O Capitaloceno, segundo ela, critica o Antropoceno, enfatizando que as transformações ambientais são causadas não apenas pelas ações humanas diretas, mas também pelas relações políticas e econômicas de poder e desigualdade no contexto do capitalismo global.

Além disso, Ulloa (2019) menciona que existem diferentes abordagens ao conceito do Antropoceno na América Latina, incluindo perspectivas que vêem o Antropoceno como uma oportunidade política para repensar as relações sociais e ambientais. Ela destaca o “manifesto Antropoceno em Chile”, que oferece propostas críticas para repensar as relações sociais, políticas e ambientais, com base em princípios de justiça socioambiental, transdisciplinaridade e respeito à diversidade de espécies e modos de vida.

Em resumo, o trabalho de Astrid Ulloa (2019) aborda as complexidades e implicações dos conceitos de Antropoceno e Capitaloceno na América Latina, enfatizando a importância de considerar as questões locais, as relações de poder e as perspectivas culturais na análise das transformações ambientais. Ela destaca a necessidade de repensar a relação entre humanos e natureza, buscando alternativas ao capitalismo e considerando as visões de mundo de povos indígenas e outras sociedades que mantêm relações não baseadas na apropriação econômica da natureza.

De acordo com o geógrafo Wagner Costa Ribeiro e o sociólogo Ricardo Abramovay²⁴(2015), ambos da Universidade de São Paulo – USP, o termo Antropoceno surge nos anos 1980, cunhado pelo biólogo Eugene F. Stoermer para denominar a nova era geológica que vivemos. Posteriormente, em 2004, o termo foi popularizado pelo químico e vencedor do Prêmio Nobel de 1995, Josef Crutzen. Entretanto, o termo ainda não é unanimidade dentro da academia, geólogos estão pesquisando as ações humanas sobre a superfície da terra afim de encontrar fatos científicos que comprovem a ação humana como força biológica na transformação da superfície do planeta. Dentre essas pesquisas estão o surgimento, e/ou o desaparecimento de espécies, derretimento de geleiras, a influência no aumento de temperaturas, desaparecimento de corais, entre outras alterações de escala global.

Do ponto de vista histórico, existe uma confusão de quando teria iniciado o período Antropoceno. Para alguns pesquisadores, teria sido junto com a Revolução Industrial (sociedade de consumo, combustíveis fósseis), para outros, o período inicia com as Grandes Navegações²⁵, quando há a troca de material biológico em larga escala entre continentes. Outros acreditam que teria sido a partir da criação do Artefato Nuclear, que modifica toda a superfície atingida por décadas. Não existe consenso. O que existe é a percepção que a espécie humana tem alterado a terra de forma geológica e climática.

Desde que a espécie humana se fixou e passou a ter uma vida sedentária, o ser humano passou a agir como uma força biológica na transformação da superfície da Terra. A humanidade está se transformando de força biológica para força geológica, determinando e influenciando no funcionamento do sistema climático. Nenhuma espécie havia feito isso anteriormente. É importante ressaltar que a humanidade só conseguiu se desenvolver devido ao regime climático

²⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=YcyB31iQOrY>

²⁵ Para alguns pesquisadores, o Antropoceno inicia durante as grandes navegações, pois nesse período há o aumento significativo do transporte de material biológico entre continentes pelo homem, e como consequência alteração de ecossistemas. O que teria levado a Europa a pensar em cruzar o Oceano? São vários os motivos. Sendo os principais a crise de crescimento do século XV, que levou a escassez de alimento devido à produção agrícola não conseguir atender a demanda exigida pelos centros urbanos europeus, o monopólio do mercado internacional pela Itália e a busca por novas rotas comerciais, às principais. o historiador geógrafo Felipe Fernández-Armesto (2009), argumenta que a expansão europeia a partir do século XV trouxe mudanças significativas no ambiente global, incluindo a troca de espécies entre continentes (conhecida como o intercâmbio colombiano) e a exploração de novos recursos naturais, como prata e ouro nas Américas, que tiveram impactos duradouros na Terra.

relativamente ameno de um grau para cima ou para baixo. Uma alteração brusca na temperatura influencia na própria sobrevivência da espécie humana.

Se o significado do Antropoceno inclui o risco de extinção da espécie humana, o grande desafio do século XXI consiste em compatibilizar o desenvolvimento humano com a preservação dos ecossistemas terrestres, incluindo a biodiversidade planetária. Para isso, é condição sine qua non rejeitar a narrativa ideológica neoliberal e, no caso dos países periféricos, libertar-se da modernidade capitalista adotando uma visão que vai além da modernidade, preservando as suas contribuições positivas em questões tecnológicas, como tecnologia da informação, mas que supere os seus fardos negativos, como o consumismo ou a “cultura do descartável”, como o Papa Francisco lhe chama. Sustentabilidade, em suma, não significa apenas sair do risco da sexta grande extinção, mas também da colonialidade do poder, promovendo a emancipação dos povos e nações do sul global. (PADILLA, 2021, p. 45. Tradução nossa.)

Do ano de 1750 para cá, a temperatura subiu 0.85° C. O horizonte até o final do século XXI é da elevação de mais 4° C na temperatura global média. Esse aumento na temperatura global irá provocar o derretimento de geleiras, maior absorção de calor pela terra e o desaparecimento de cidades. Oceanos são sorvedouros que absorvem o efeito estufa e estão sendo poluídos com resíduos plásticos. O volume de material que o ser humano movimenta hoje em dia possui mais massa que a última glaciação, um evento natural. É necessário reorganizar o pensamento no século XXI. Pensar modelos coletivos, diminuir o uso de combustível fóssil, unir o saber das comunidades indígenas ao científico, combinando esses conhecimentos para mudança de consciência, e a imprescindibilidade de se buscar novos tipos de relação entre tecnologia, arte, sociedade e natureza que superem a atual polarização progresso versus preservação e tecnologia versus natureza. Para isso, é necessária articulação política e uma virada no pensamento econômico.

A virada no pensamento só é possível por meio de novas concepções de realidade que devem ser construídas por nós, intelectuais. A crise econômica, sanitária e global assola o mundo todo.

O mundo inteiro enfrenta uma crise ambiental e ecológica global. É um grande desafio planetário para a humanidade com caráter multinível, desde o sistema local até o sistema global como um todo. As consequências desta crise são notórias e afetam toda a população; Expressam-se a partir das alterações climáticas, com as consequências que acarretam, como a perda da diversidade biológica, a redução da capacidade dos ecossistemas e a escassez de recursos naturais, as emergências hídricas e a desertificação, a par da crescente poluição da atmosfera, os mares e a terra. (ARAVENA, 2021, p. 11. Tradução nossa)

O pesquisador Elimar Pinheiro do Nascimento (2020), do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS/UnB), aborda os grandes desafios do mundo contemporâneo em seu novo livro *Um Mundo de Riscos e Desafios*²⁶. Três são os grandes desafios segundo o autor: a nova exclusão social, advinda dos impactos das inovações tecnológicas; a crise ecológica que ameaça a presença da espécie humana na terra e a crise democrática, que arrisca dizimar uma das mais importantes invenções da história humana. Para tornar mais fácil a compreensão da crise ecológica, construiu uma arena (ou campo) onde se encontram três vertentes com suas soluções: os tecnicistas que acreditam resolvê-la por meio da tecnologia no espaço do mercado; os defensores do desenvolvimento sustentável, vertente hegemônica que reúne aqueles que acreditam que a crise pode ser resolvida por meio de negociações no espaço da política; e os pós-desenvolvimentistas, entre os quais os decrescentistas, que acreditam nas mudanças dos padrões de consumo e estilo de vida na esfera cultural. Em sua palestra para o CDS/UnB, o pesquisador cita o índice de felicidade utilizado no país oriental Butão. Esse índice descola o PIB²⁷ (Produto Interno Bruto) como principal indicador que movimenta nossas decisões em troca do FIP²⁸ (Índice de Felicidade Bruta). “O que importa para nós não é ter nem mais nem menos e sim ser felizes, ter saúde, ter amigos, ter educação... Crescer na felicidade e não em bens materiais, pois o crescimento material geralmente está ligado a sacrifícios ambientais, à exploração da natureza e à desigualdade social”. Nascimento cita em seu livro Castoriadis que sempre falava: “É muito melhor ter um amigo novo que um carro novo. Contudo, toda vez que eu tenho um novo amigo o PIB não se mexe, mas, quando eu compro um carro o PIB se mexe”.

Para o sociólogo Alfredo Pena Vega (2019, p. 16), vivemos mais um momento em que a situação do mundo nos revela que o modelo de civilização hegemônico, baseado no crescimento econômico, está esgotado. A sociedade se mostra inábil em lidar com a crise

²⁶ <https://rodolfoward.com/videos>.

²⁷ O PIB é a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmente em um ano. Todos os países calculam o seu PIB nas suas respectivas moedas. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php> />. Acesso em: 07/06/2020.

²⁸ O Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) é hoje a realidade mais concreta de indicadores que medem o desenvolvimento a partir da felicidade demonstrada pelas pessoas, a partir da garantia de seus direitos sociais. Disponível em: < <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/entenda-como-funciona-o-indice-de-felicidade-do-butao/>>. Acesso em: 07/06/2020.

ambiental. Nossos antepassados legaram às gerações presentes um grande ônus ambiental, crenças de que nós, com nossa tecnologia e evolução, pudéssemos acabar com a fome, a separação social e a finitude dos recursos naturais. Não pretendemos nos aprofundar em fatores socioeconômicos ou geopolíticos. O que queremos trazer para a discussão é como esses fatores atuam regendo nossas vidas cotidianas, criando desigualdades sociais e destruindo o planeta e que tendem a se agravar com o passar do tempo. Agora, passamos por uma crise sanitária que carece de novas formas de pensar e novas tecnologias sociais.

Flusser (2007) argumenta que não devemos ser apenas operários das máquinas e que devemos clarificar a câmera escura. Ao deslocar esse pensamento para analisar as instituições como o Estado e a Academia, entendemos que são necessários o espírito inovador e a criatividade nestes locais. A Universidade de Brasília – UnB nasceu de um sonho de inovação, criatividade que proporcionasse a criação do conhecimento transdisciplinar e transversal. Como disse o ex-reitor da UnB e idealizador e coordenador do projeto Direito Achado na Rua²⁹, em entrevista para a UnBTV, José Geraldo, a UnB já nasceu sem muros para a cidade, ela está dentro, amalgamada a Brasília e aberta para confluência e troca de saberes com a sociedade em geral.

No meu entendimento, a filosofia do direito achado na rua nos diz que o direito emerge, surge em todos os espaços sociais. Os direitos das pessoas criam as leis. Cada vez mais as relações de poder resultam em relações de opressão. Marcio Oliveira Puggina, para a primeira edição do Direito Achado na Rua³⁰, disse que o direito foi feito para funcionar de uma única forma, que é dar a cada um o que é seu. Mas, se vivemos em uma sociedade em que cada vez mais poucos detêm muito e muitos não detêm nada, significa dar aos ricos a sua riqueza e aos pobres a sua miséria. Precisamos repensar a nossa sociedade e os seus principais valores. A vida não pode ser pautada em bens de consumo nem as relações pessoais devem ser objetificadas.

²⁹ O Direito Achado na Rua (DANR) é uma concepção teórica, desenvolvida a partir das ideias de Roberto Lyra Filho, que tem por objetivo pensar o Direito derivado da ação dos movimentos sociais por meio de uma perspectiva que o entende como uma “legítima organização social da liberdade”. Designa também o movimento político-teórico e sociológico-jurídico surgido a partir desta visão, que toma forma na Nova Escola Jurídica Brasileira (NAIR). Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Direito_Achado_na_Rua > Acesso em: 30/10/2023.

³⁰ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KvfefcIIVj8> > Acesso em: 08/06/2020.

A economia linear deve se transmutar para uma economia circular. Não é mais possível prosperar ou enriquecer sobre a base da exaustão dos recursos naturais. O crescimento econômico deve ser regido pela sustentabilidade em busca de uma sociedade de baixo carbono. O pensamento econômico deve adotar uma nova ética baseada em economia de recursos naturais e girar em torno de regenerar o que foi degradado. Criar um novo pacto social em que haja mais sociabilidade e cidades inteligentes, cidades regenerativas. O ser humano se tornou fator importante na dinâmica planetária.

Um dos desafios é repensar as matrizes energéticas, renovar a matriz tecnológica de produção de maneira circular ou sustentável, por meio do uso consciente de materiais renováveis. É imprescindível a implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo, descarbonizar a economia.

A transmutação do pensamento deve vir de forma global. Deve ser incentivada a cultura da inovação. O que é inovação e por que inovar? Inovar serve para solucionar os problemas complexos do mundo contemporâneo. Criar ou recriar modelos de negócio para satisfazer uma necessidade humana que ainda não foi satisfeita. Segundo o Manual de Oslo, documento central e amplamente utilizado em políticas públicas de estímulo à inovação tecnológica, inovação é “a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas” (OCDE, 2005, p. 55).

A atual crise global gerada pela pandemia da Covid-19 trouxe à tona a necessidade do estímulo da cultura da inovação dentro do serviço público. O Sistema Único de Saúde – SUS recebeu ajuda criativa e doações de diversos FabLabs em todo território nacional para poder suprir a demanda por equipamentos de proteção individual dos profissionais de saúde. É necessária a criação e fomento de espaços de criatividade, aprendizado e inovação para desenvolver e construir projetos dentro da esfera do setor público.

O atual exemplo da produção de equipamentos de proteção individual e sua posterior doação para profissionais do SUS é um exemplo de mobilização originária no ciberespaço e de caráter colaborativo, artesanal, que inicia no movimento do faça você mesmo e adentra em uma

lógica de façamos juntos, “uma perspectiva de responsabilidade e engajamento sociais, envolvendo, inclusive, os especialistas” (ROCHA, 2020, ONLINE).

A idealizadora do Media Lab - UnB, Suzete Venturelli (2020), explica que o exemplo citado neste texto, do SUS, pode ser explicado academicamente por meio de uma metodologia transdisciplinar, envolvendo a relação arte, ciência e tecnologia, oriunda da prática em design, do método faça-você-mesmo e do método baseado em serendipity. Para a pesquisadora, o termo serendipity designa a importância do acaso nas invenções e descobertas científicas, tecnológicas e artísticas. O método de produção faça-você-mesmo é um fator indispensável para nossa proposta, uma vez que está relacionado ao processo de autoprodução, apontando para uma cultura de sustentabilidade econômica e social, fomentando uma prática colaborativa e criativa.

Atualmente existem diversos laboratórios de inovação espalhados pelo mundo, entretanto, a concentração está no setor privado, e geralmente a produção é voltada para comercialização de produtos visando lucro. Nos últimos anos, podemos notar o crescimento de laboratórios focados na inovação para o setor público, porém, o investimento em inovação e o número de laboratórios de inovação são muito pequenos frente aos da iniciativa privada. Um laboratório de inovação pode mudar o ambiente de qualquer organização, seja ela privada ou pública. Os laboratórios buscam soluções inovadoras, criando técnicas e ferramentas, além de dar suporte à inovadores no desenvolvimento de ideias para solucionar grandes desafios sociais globais. O foco deve ser no estímulo à inovação como processo organizacional, e não como algo que acontece por acaso. A cultura da inovação deve ser fomentada dentro da esfera pública.

O filósofo oriental sul coreano Byung-Chul Han, radicado na Alemanha, autor, dentre outras, das obras *Sociedade do cansaço* (2014) e *Sociedade da transparência* (2014), afirma, ao estudar a historicidade da sociedade, que em cada época a humanidade desenvolveu uma doença social característica, como, por exemplo, no século passado, as patologias eram bacteriológicas ou virais, enquanto a patologia da sociedade contemporânea é neuronal, psíquica. Para o autor, o sistema neoliberal implantou uma nova fase do capitalismo, o capitalismo da emoção, marcando a transição da biopolítica para a psicopolítica, da sociedade

disciplinar para uma sociedade do controle pelo rendimento, em que o homem é obrigado a render, sendo ele mesmo o fiscal do seu desempenho e o acusador do seu fracasso.

Han (2014) vê uma possível saída para a crise civilizacional que vivemos na arte e na contemplação. A arte é uma possível saída para encontrarmos outras narrativas para se viver o Eu, para entendermos melhor o mundo e seu funcionamento, para termos autoconhecimento. O autor afirma que para vivermos melhor são necessários momentos de vazio, reflexões profundas sobre nossas vidas, momentos em que não nos auto exploramos. E por meio desse viés, olhando por esse prisma, encontrarmos formas criativas e regenerativas e autossustentáveis para co-existirmos com todos os outros seres do planeta terra.

O ciberespaço e a condição pós-moderna

Com o rápido avanço científico e tecnológico, os dispositivos tecnológicos ficaram mais acessíveis e foram exponencialmente sendo incorporadas pela sociedade para facilitar as atividades da vida cotidiana, sendo utilizadas tanto no trabalho como na mediação das relações pessoais. Percebemos que o avanço científico e tecnológico criou melhores condições de vida para parte da população que tem acesso a ela. As transformações sociais das últimas décadas não se constituem apenas por mudanças econômicas e tecnológicas, mas por profundas transformações sociais ainda em ebulição, sendo relevante neste artigo esclarecimentos sobre como os dados são produzidos, consumidos e compartilhados nas redes sociais, além de entender como e onde essas redes se estruturam na contemporaneidade. Faz-se necessário também mostrar como a construção da identidade social mudou e está mudando devido à ruptura com os conceitos de verdade e metanarrativas modernas. Entretanto, é necessário ressaltar que nem tudo é igualitário e democrático no ambiente das redes:

A crença de que a internet é positiva, igualitária e democrática, devido ao acesso gratuito à informação, ignora alguns dos elementos que consideramos essenciais para o debate sobre os seus usos. Vale ressaltar que, nos seus primórdios, a rede era operada com base numa racionalidade estatal, cujo principal sentido era garantir a comunicação para fins de segurança e defesa num contexto de Guerra Fria. Em meados da década de 1990, há uma transferência da dinâmica de investimento, desenvolvimento e uso para o setor privado – e, conseqüentemente, uma mudança significativa na sua estruturação. (SILVA, ZIVIANI, GHEZZI, 2019, p. 7).

Os pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Silva, Ziviani, Ghezzi (2019, p.11) trazem um olhar realístico a respeito das TICs:

As narrativas mais comuns a respeito das TICs resolvem-se em torno da sua potência para a disseminação e democratização da cultura. Associamo-nos ao seu otimismo. Deve-se dizer, entretanto, que elas não são suficientes para impactar ou mesmo descrever as dinâmicas das desigualdades distributivas no acesso e, depois, no uso das tecnologias digitais. Esses dinamismos são fortemente determinados pelo desigual amadurecimento de infraestruturas tecnológicas entre países, territórios internos e, finalmente, pelo acesso dos grupos sociais, sejam eles de status (capital simbólico), de classe (capital econômico) ou étnicos (capital de reconhecimento). Há claros interesses acadêmicos, políticos e comerciais nas narrativas da “potência do discurso”, especialmente quando esse discurso é travestido de slogans filosóficos das sociedades em rede, voltados à criação de subjetividades, à renovação das formas de produção, ao aumento da produtividade, à potencialização de movimentos sociais contra-hegemônicos etc. Por mais encantadores que sejam, esses slogans devem ser contrapostos aos fatores reais de poder e às estruturas reais das desigualdades e de interesses.

Silva, Ziviani, Ghezzi (2019) discutem o impacto da internet e da tecnologia digital, destacando os paradoxos e contradições que fazem parte do sistema capitalista. Os pesquisadores ressaltam que a internet tem o potencial tanto de dinamizar e emancipar quanto de reforçar exclusões e desigualdades. A pesquisa deles aborda a origem da internet na Guerra Fria, quando foi criada como uma tecnologia de defesa pelos Estados Unidos, destacando seu desenvolvimento inicial em universidades. Exploram como a internet evoluiu ao longo das décadas, passando de um ambiente dominado por profissionais acadêmicos altamente qualificados para uma plataforma comercial de alcance mundial. Eles destacam a entrada de grandes empresas de tecnologia, como o Google, no cenário e como a publicidade se tornou um dos principais motores econômicos da internet. Além disso, a pesquisa destaca a interconexão entre as empresas de tecnologia e como elas competem e colaboram, muitas vezes incorporando startups menores³¹. Os autores também abordam a importância da sociabilidade e do compartilhamento de informações nas redes sociais e em aplicativos de streaming, como o Spotify. No geral, enfatizam como a internet é uma arena complexa que envolve interesses

³¹ O professor do Instituto de Artes da UnB, Antenor Ferreira diz que “Quando o Google surge, em 1997, ainda era uma *startup* pequena, em uma garagem. Projeto de 2 alunos da Stanford (tanto que o primeiro domínio ainda usava o servidor da Stanford). Só posteriormente, após o massivo sucesso do aplicativo de busca, a empresa torna-se “grande”. Atualmente, os criadores Larry Page, Sergey Brin junto com o atual CEO Sundar Pichai ainda detêm as maiores participações individuais de ações do Google, enquanto a Vanguard Group é uma das principais acionistas institucionais.

econômicos, políticos e simbólicos, e como ela desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, influenciando a economia, a cultura e as práticas cotidianas.

Por mais que a internet ainda não seja 100% democrática, e provavelmente nunca será, hoje, caminhamos para que todos estejam conectados à internet, produzindo e compartilhando dados. Até pouco tempo atrás, os dispositivos de telefone móvel serviam só para ligações (linguagem verbal), depois veio a era das mensagens de textos (linguagem gráfica), e hoje todos têm câmeras fotográficas (linguagem visual) e conectividade com a internet. A internet faz parte da vida cotidiana das pessoas, e a tendência é que cada vez mais nos conectemos a dispositivos ligados a esta e que conectemos dispositivos eletrônicos do nosso uso diário à internet, tornando a conectividade um espaço comum na construção social e na identidade do ser social de forma a não mais existir distinção entre o “on-line”, “off-line”, “real” e “virtual” (HINE, 2012 apud TEIXEIRA; ZANINI; MENESES, 2017). “A internet deixa de ser apenas um instrumento e passa a fazer parte da ação política de uma ampla rede de atores sociais” (TEIXEIRA; ZANINI; MENESES, 2017). Alguns teóricos visualizam a conectividade como a característica da nossa época, colocando-a acima de simples conexão entre pessoas e coisas e vinculando-a ao próprio tempo em que vivemos – a era da conectividade –, em que a participação se torna automotivante à medida que os conteúdos são recebidos e compartilhados exponencialmente em rede, sendo muito destas imagens.

O ciberespaço ganha cada dia mais importância como palco para o debate político atraindo empresas e agentes públicos para as plataformas de mídias sociais. Faz-se necessário entender o contexto e a conjuntura global de por que, quem e onde acontecem as discussões porque elas pautam a agenda coletiva. A seguir serão apresentadas sínteses do pensamento de estudiosos que se debruçam sobre o tema da pós-modernidade³², ou supermodernidade, e como os movimentos sociais estão se desenvolvendo nesse novo campo.

³² “A partir da década de 1950, o termo começou a ser usado na teoria literária norte-americana para classificar as principais escolas do século XX. A princípio, o termo foi usado em um sentido pejorativo, quer dizer, para designar um momento pouco inspirado em comparação às produções anteriores na área das letras. Mas já em meados da década de 1960 o vocábulo passa a ganhar uma conotação afirmativa. Em 1969, o crítico literário americano Leslie Fiedler (*Cross the border*) descreve sua época como uma luta de morte entre a literatura moderna e a pós-moderna. A palavra de ordem pós-moderna seria: ‘transpor a fronteira’ entre uma arte supostamente elitista e uma arte mais popular” (FEITOSA, 2004).

Novas tecnologias, concepções de mundo e novos regimes de verdade

Com o advento das novas tecnologias, o ciberespaço assumiu um lugar de poder central na contemporaneidade, promovendo o esgotamento das instituições hierarquicamente rígidas, como a igreja e a academia, dando lugar às redes de relacionamentos, com estruturas fluidas, transversais e cooperativas. Em palestra para o TED de 2009, intitulada “A história épica da tecnologia³³”, Kevin Kelly aborda as implicações da tecnologia nas vidas humanas, tanto em sua dimensão imediata quanto em um contexto cósmico e na perspectiva da longa história do mundo. O palestrante iniciou sua exploração investigando o significado da própria palavra "tecnologia" e revela que, nos Estados Unidos, essa palavra não foi amplamente utilizada até 1952, quando o palestrante nasceu. Isso indica que, apesar da presença da tecnologia na sociedade, ela não estava plenamente consciente até essa época. De acordo com a pesquisa de Kelly (2009), a origem da palavra "tecnologia", para a língua inglesa, remonta a 1829, quando um indivíduo estava montando um currículo, um curso, e utilizou a palavra para reunir artes, ofícios e indústrias em um currículo abrangente.

Abrindo um pequeno parêntese na fala de Kelly (2009), no vídeo “A Realidade é Subjetiva³⁴”, do canal de YouTube, "Tempero Drag", a Profa. Rita Von Hunty³⁵ (2020) discute a natureza subjetiva da realidade e como as ciências humanas desempenham um papel crucial na interpretação da realidade através da linguagem e do discurso. A apresentadora destaca a importância de entender que a realidade é percebida de maneira diferente com base nos filtros subjetivos que adotamos. A apresentadora começa destacando a influência da linguagem na percepção da realidade. Ela afirma que "se não existe a palavra, não existe a realidade". Isso significa que nossa compreensão da realidade é fortemente influenciada pelas palavras e conceitos disponíveis para descrever o mundo ao nosso redor. Ela ilustra esse conceito com um exercício em sala de aula, no qual os alunos relatam eventos aparentemente simples de

³³ https://www.ted.com/talks/kevin_kelly_technology_s_epic_story?language=pt

³⁴ https://www.youtube.com/watch?v=kdHmy0_Rkcw

³⁵ Guilherme Terreri Lima Pereira (Ribeirão Preto, 17 de outubro de 1990), mais conhecido pelo nome artístico Rita von Hunty, é um professor, ator, YouTuber, comediante, palestrante e drag queen brasileiro. Em dezembro de 2021, somando todas as suas redes, Rita chega a quase 2 milhões de seguidores. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rita_von_Hunty> Acesso em: 31/10/2023.

maneiras diferentes. Isso mostra como a percepção da realidade é moldada pelo filtro subjetivo de cada indivíduo, que é mediado pela linguagem.

O vídeo de Von Hunty (2020) destaca a importância da linguagem nas ciências humanas, especialmente na psicanálise e na psicologia discursiva. Segundo a pesquisadora, tanto Sigmund Freud quanto Jacques Lacan argumentaram que a linguagem é fundamental para a formação do sujeito e sua compreensão da realidade. Para a pesquisadora essa visão também é compartilhada por Lazarus Geiger, que conduziu um estudo sobre línguas antigas que não tinham uma palavra para a cor azul. Geiger descobriu que a ausência dessa palavra nessas línguas afetava a capacidade das pessoas de perceberem a cor azul. Ela afirma que a linguagem desempenha um papel essencial na interpretação da realidade. Outro estudo citado por ela é o estudo de William Gladstone sobre a "Odisseia", em que a palavra "azul" não existia no grego antigo. Como resultado, os gregos antigos não viam o oceano como azul, mas como cor de vinho escuro.

Outro exemplo citado por Von Hunty (2020) vem de um estudo com a tribo Africana Himba, que não distinguia entre as cores verde e azul em sua língua. Quando apresentados a cubos de cores diferentes, os membros da tribo tinham dificuldade em identificar qual cubo era diferente. Isso demonstra como a linguagem molda a percepção da realidade. Ou seja, como as definições influenciam nossas vidas, e no âmbito acadêmico, nossas pesquisas.

Contudo, retornando ao pensamento de Kelly (2009), "A história épica da tecnologia", o autor também discute a percepção comum da tecnologia como algo novo, citando a definição de Alan Kay de que "tecnologia é qualquer coisa inventada depois que você nasceu." Ele enfatiza que a tecnologia não é necessariamente nova, pois desempenhou um papel fundamental na história da humanidade, desde a invenção do fogo até o desenvolvimento da agricultura.

Kelly (2009) explora como a tecnologia desempenhou um papel essencial na sobrevivência e no avanço da espécie humana. Ele argumenta que, se todos os vestígios de tecnologia fossem removidos do mundo, a humanidade sofreria uma catástrofe, uma vez que a tecnologia é fundamental para a produção de alimentos, proteção contra ameaças naturais e o progresso da sociedade. Ele observa que a tecnologia permitiu que a expectativa de vida da

humanidade aumentasse significativamente em comparação com as sociedades de caçadores-coletores. Ao analisar essas sociedades, ele aponta que a ausência de tecnologia resultou em uma expectativa de vida média bastante curta e a falta de transmissão de conhecimento entre gerações, devido à ausência de membros mais velhos.

O palestrante também destaca a importância da energia na evolução tecnológica e argumenta que a tecnologia é uma extensão da vida, evoluindo em direção à complexidade, diversidade, especialização, consciência, ubiquidade e capacidade de evolução. Ele observa que a tecnologia está acelerando todos os aspectos da vida e que a densidade de energia na tecnologia é agora maior do que em qualquer outra parte do universo conhecido. Além disso, Kelly (2009) aborda o conflito entre os aspectos egoístas e generosos da tecnologia, enfatizando que a tecnologia é uma força criativa em busca das melhores tarefas. Ele defende a ideia de que a tecnologia, como a própria humanidade, está em constante evolução e busca incessante por melhorias.

Kelly (2009) destaca a importância de abraçar o princípio proativo em relação à tecnologia, que envolve a avaliação contínua, correção de problemas e realocação de tecnologias para novos propósitos. Ele observa que a tecnologia, quando usada de forma eficaz, oferece progresso, liberdade, escolhas e oportunidades. O palestrante enfatiza que a tecnologia é uma extensão da vida, alinhada com as mesmas forças da natureza, e conclui que a tecnologia é uma parte intrínseca da história cósmica, representando uma força em constante evolução que os seres humanos podem alinhar com sabedoria e criatividade.

Passando para uma estrutura textual mais histórica e bibliográfica podemos dizer que os estudos sobre a contemporaneidade tratam de temas globais e coletivos que refletem e se expressam na vida individual, tendo como marco histórico inicial a ruptura com o período anterior, a modernidade, por meio do declínio da União Soviética e a queda do muro de Berlim, que promoveram intensas mudanças socioeconômicas em nível global, rompendo com o modelo moderno vigente durante a Guerra Fria (MAFFESOLI, 2015, on-line) e “alterando a geopolítica³⁶ global” (CASTELLS, 2000, p. 39).

³⁶ Geopolítica é um estudo dos Estados em sua relação no contexto mundial (BOFIM, 2005).

As novas concepções de mundo e de realidade devido a vários fenômenos contemporâneos, entre eles a expansão dos conceitos de identidade de gênero e de raça, cria dúvidas e fomentam reflexão sobre os problemas econômicos, sociais e ambientais que têm sido amplamente discutidos tanto no âmbito acadêmico como fora dele. Essas análises sobre a condição histórica que vivemos tem como um ponto chave o paradoxo globalização e fragmentação. Por um lado, a globalização hegemoniza as manifestações culturais e impõe o modelo econômico neoliberal baseado no consumismo em larga escala que gera produção e descarte em larga escala. Por outro lado, a fragmentação desse processo por meio dos impactos no sistema político Estado-Nação “devido às diferenças regionais, locais e institucionais que emergem não apenas entre grupos geopolíticos, mas também de dentro deles” (MARTINS, 2013). Para Martins, essas duas forças contraditórias criam conflitos em espaços sociais que são intensificados, na pós-modernidade, pela participação das massas nas redes sociais localizadas no ciberespaço.

Essa transformação socioeconômica e cultural, de certa forma ainda recente para os teóricos, promove algumas divergências entre autores e escolas sobre o atual período histórico que vivemos e suas definições, porém há consenso que passamos por uma densa transformação social, econômica, cultural e simbólica possível e potencializada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Para embasar teoricamente esta pesquisa, serão apresentados os conceitos de pós-moderno, supermoderno e hipermoderno e suas relações com o ciberespaço e com os movimentos sociais contemporâneos.

As definições de pós-modernidade, ou supermodernidade ou hipermodernidade estão ligadas às mutações sociais pelas quais a sociedade contemporânea está passando em decorrência das rupturas com os regimes de verdade e metanarrativas modernas já sedimentadas na cultura social. Esses três termos foram cunhados por pesquisadores de escolas diferentes com o objetivo de definir o estado da arte do período que a sociedade contemporânea vivencia, e também como forma de tornar teoricamente possível desenvolver estudos metodológicos sobre o tema. Traremos algumas definições sobre essa temática para que possamos ter um melhor entendimento sobre a época em que vivemos.

Maffesoli (2015), ao abordar a pós-modernidade, ressalta a dificuldade na definição do termo, mas cria uma definição provisória que seria “a sinergia dos fenômenos arcaicos e o desenvolvimento tecnológico” e explica que os principais objetos de estudo da pós-modernidade são o Estado-Nação, as instituições e os sistemas ideológicos com ênfase no local, nas tribos urbanas e nas bricolagens³⁷ mitológicas. Para Bauman (2001), existe uma transição do modelo moderno (sólido) para o modelo pós-moderno (líquido), em que as relações humanas estão se tornando cada vez mais efêmeras. Giddens (1991) entende que ainda estamos na modernidade e o termo pós-modernidade é a “tentativa de fundamentar a epistemologia” sobre a vida social e os padrões de desenvolvimento social que fugiram ao controle da filosofia e da epistemologia contemporânea, e propõe analisar a natureza própria da modernidade, que tem sido insuficientemente abrangida pelas ciências sociais. Augé (2012) rejeita o termo pós-modernidade por achar que não há ruptura com a modernidade que o termo pós sugere, defendendo a continuidade com a modernidade, porém, a modernidade com fatores de aceleração definidos como “figuras de excessos”, e “não lugares” que ele caracteriza como superabundância espacial, individualização das referências e transformação nas categorias de tempo, que seriam a supermodernidade. Lipovetsky (2004), um dos teóricos que popularizou o termo “pós-moderno”, hoje discorda que há o rompimento com a modernidade e defende o termo hipermoderno baseado nos excessos para definir a atual era. Ele explica que no momento em que a expressão “pós-moderno” surgiu, no final da década de 1970, os pesquisadores analisavam a transmutação social, política, econômica e cultural da época e precisavam de um termo para explicá-la. O termo cunhado à época foi “pós-moderno”. Lyotard (1970) foi um dos pioneiros na utilização do termo pós-moderno na filosofia cruzando filosofia ligada à arte e à política para dar ênfase ao estudo sobre a sociedade pós-industrial e a cultura pós-moderna. O autor afirma que devido à perda de credibilidade nos grandes discursos legitimadores da realidade, ou seja, das metanarrativas modernas, conseqüentemente surgiram espaços a serem preenchidos pelo pluralismo e pela afirmação das diferenças.

³⁷ “**Bricolagem**” é um termo com origem no francês “*bricolage*”, cujo significado se refere à execução de **pequenos trabalhos domésticos** sem necessidade de recorrer aos serviços de um profissional. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/bricolagem>>. Acesso em: 23/04/2018. Neste artigo, utilizamos o conceito no sentido em que a “objetividade científica não exclui a mente humana, o sujeito individual, a cultura, a sociedade: ela os mobiliza. E a objetividade se fundamenta na mobilização ininterrupta da mente humana, de seus poderes construtivos, de fermentos socioculturais e de fermentos históricos” (MORIN, 2007, p. 58).

Pessoas podem se conectar a outras pelas redes sociais por texto, vídeo, voz ou imagens, independentemente da localidade ou do fuso horário. A vida na contemporaneidade é objetualizada, origina elementos como dados, compartilhados entre os participantes das plataformas de mídias digitais, desde momentos tristes e de indignação a momentos de alegria. Entendemos que essas profundas transformações em um curto período de tempo têm influenciado na criação de tribos urbanas com viés altamente consumista desses dados gerados.

Essa concepção de sociedade consumista conversa com o pensamento de Baudrillard (1981) que propõe explicar o comportamento pessoal contemporâneo por meio da sociedade de consumo e a objetificação das coisas, da própria vida, tramando uma realidade em que o objeto tem mais valor que sua funcionalidade, ou seja, consumir determinado objeto é mais importante do que sua utilidade. A publicidade utiliza-se muito disso com o branding³⁸, promovendo a imagem de determinado objeto, empresa, marca conhecida e transformando o próprio produto na sua finalidade. Essa concepção definida por Baudrillard (1981) como “mercado-signo” é diferente de tudo que as sociedades anteriores haviam vivido até então.

Tudo isso é potencializado pelo modelo de sistema capitalista e globalizado vigente que massifica a sociedade por meio da indústria cultural e pauta as discussões diárias, como é elucidado pelos estudos da teoria da agenda setting.³⁹ Esses instrumentos de poder são utilizados em larga escala e empobrecem as relações pessoais, objetificando essas relações e as tornando mercadoria, desqualificando quem opta por meios de vida que não estejam atrelados ao consumismo (ADORNO, 1992).

O traço característico desta época é que nenhum ser humano, sem exceção, é capaz de determinar sua vida num sentido até certo ponto transparente, tal como se dava antigamente na avaliação das relações de mercado. Em princípio, todos são objetos, mesmo os mais poderosos (ADORNO, 1992, p. 31).

³⁸ “*Branding* é o sistema de gerenciamento das marcas orientado pela significância e influência que as marcas podem ter na vida das pessoas, objetivando a geração de valor para os seus públicos de interesse” (CAMEIRA, 2012, p. 44).

³⁹ “(..) seleção diária na apresentação das notícias, os editores e diretores de redação focam nossa atenção e influenciam nossas percepções naqueles que são as mais importantes questões do dia. Esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada da função do agendamento dos veículos noticiosos” (McCOMBS, 2009, p. 17-18).

Os indivíduos passam a se comportar como mercadorias e tentam por meio da imagem agregar valor a eles mesmos. Esse valor na sociedade de consumo tem a ver com ostentação de bens materiais e de consumo, além da demonstração pública de poder aquisitivo ou poder político que os eleva como produto de consumo perante os outros indivíduos que vivem nesse sistema de simbólico em que menos curtidas, menos seguidores representa a invisibilidade, e na era da conectividade, “a invisibilidade é equivalente à morte” (BAUMAN, 2009, p. 21).

[...] as pessoas fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajados a colocar no mercado, promover e vender são elas mesmas (BAUMAN, 2009, p. 13).

Para Debord (1997), vivemos em uma “sociedade do espetáculo”, em que a mercadoria e a aparência se tornaram mais valorizadas no contexto das relações sociais, tornando-se uma forma de relação social em que o ter e o aparentar ser suprem momentaneamente o viver, objetificando e artificializando as experiências que deixam de ser vividas em sua essência. A imagem que o indivíduo tenta transmitir de si mesmo ou do modo de vida que vive ultrapassa a realidade e torna a imagem, a representação, uma nova realidade. Debord (1997, p. 8) diz que “o espetáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente”. O espetáculo não é apenas um conjunto de imagens postadas ou compartilhadas nas plataformas de mídias sociais, ele está inserido no contexto das relações sociais contemporâneas, mediando as relações entre as pessoas por imagens, narrativas e enquadramentos. E esse espetáculo, essa atuação social, contribui para a criação da realidade coletiva nos dias atuais.

Como tem sido apresentada desde o início deste texto, a sociedade vem passando por transmutações em todas as esferas de maneira muito rápida. Quando Debord (1997) analisa e explica a “sociedade do espetáculo”, ele está fazendo uma análise dos anos de 1960 e, mesmo depois, no ano de 1988, e quando o autor faz uma nova avaliação sobre a sociedade espetacular, ainda é muito diferente da realidade que vivenciamos no ano de 2023. As novas tecnologias de comunicação e informação foram assimiladas pelo mercado criando uma economia digital que faz circular capital por meio da venda de dados; como exemplos temos o escândalo de vendas de dados pelo Facebook (2018), as eleições dos EUA e do Brasil, que tiveram massivo uso de

inteligência artificial. Os grupos de poder ligados ao capital financeiro utilizam as novas possibilidades das TCIs para influenciar as eleições políticas, as democracias, os modos de viver das pessoas, principalmente por utilizarem e aplicarem a complexidade dos conhecimentos acadêmicos para fins de dominação.

Concordamos com Debord (1997), embora, na atualidade, os dispositivos tecnológicos se multiplicaram, como as plataformas e redes sociais o fizeram, além do número de pessoas que têm acesso às novas concepções de realidade e de metanarrativas. Esses prosumers⁴⁰ tornam-se fixadores e mantenedores desse modo de vida pautado no espetáculo, no consumo, na ficção, e “tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997, p. 15). A maneira de se viver a vida é muito pessoal, mas, analisando por meio do pensamento de Debord, vemos constantemente a publicidade construir imagens dos produtos que serão consumidos. Nesse caso, a imagem torna-se mais que os próprios produtos, e as pessoas tornam-se também produtos que precisam ter uma boa imagem. Sendo assim, a imagem assume um papel de vida que carrega desejo e passa a compor a pessoa.

Outro ponto importante apontado por Han (2014) está relacionado à vigilância na sociedade atual, que, diferentemente daquela analisada por Foucault na década de 1970, é feita pelos próprios indivíduos sociais. Seria uma espécie de panóptico digital em que as pessoas se despem, ou seja, colocam informações pessoais valiosas nas redes sociais, a maioria delas compostas por imagens. As imagens aumentaram o seu poder para criar e sustentar regimes de verdade e poder. O prossumidor, na ilusão de ser autêntico dentro de um determinado círculo social, cria suas imagens ficcionais carregadas de poder e narrativa neoliberalistas, fomentando e validando o sistema imagético hegemônico. Tudo isso armazenado em Big Data, que gera, por meio de inteligência artificial, dados estatísticos de alta precisão, processando enormes

⁴⁰ Em 1979, Alvin Toffler cunhou o termo *prosumer*, que deriva da união de duas palavras que em um primeiro momento são antagônicas, produtor e consumidor (produtor – *producer*; consumidor – *consumer*). Esses consumidores, além de interferirem na forma de produção, também poderiam customizar seus produtos. Kirsner Scott (2005) vê o termo *prosumer* como a união de “*professional-consumer*” que não estão em busca de obtenção de capital, mas sim melhorar seus canais de distribuição de trabalhos criativos. No campo mercadológico, Mcfedries (2002) identifica como “*proactive-consumer*”, ou consumidor proativo, que seria aquele que toma providências para tentar solucionar problemas junto de companhias e empresas. Esses estudos colaboraram para que as empresas criassem departamentos especializados no contato com os *prosumers* e que a publicidade criasse o conceito de *branding*, que “é o sistema de gerenciamento das marcas orientado pela significância e influência que as marcas podem ter na vida das pessoas, objetivando a geração de valor para os seus públicos de interesse” (CAMEIRA, 2012, p. 44).

quantidades de informações personalizadas sobre determinados grupos humanos com interesses comuns que elucidam muitas características desses grupos segmentados.

A idolatria da imagem proposta por Flusser (2013) faz muito sentido hoje. A vida na mesmice, na monotonia, exige sonhos e aventuras. Han (2014) diz que as imagens não são apenas “reproduções, mas também modelos onde nos refugiamos para sermos melhores, mais bonitos e mais vivos”. O sistema neoliberal identificou isso e, aparentemente, a equipe de comunicação desse sistema leu Flusser, estudou a história da fotografia e da cultura visual e aprendeu sobre o poder das imagens. O conhecimento produzido na academia tem sido aplicado por grupos de poder para a vigilância e dominação da sociedade.

Outro dado interessante para trazermos para essa pesquisa é o documentário “O Século do Ego” que foi realizado pela rede de televisão inglesa BBC em 2002, com roteiro, produção e direção de Adam Curtis. Esse documentário é dividido em quatro episódios e dura, aproximadamente, quatro horas. O documentário revela como figuras como Edward Bernays, muitas vezes chamado de “pai das Relações Públicas,” usaram psicologia, psicanálise e propaganda para influenciar as massas, especialmente nos Estados Unidos. Bernays acreditava que as emoções irracionais das pessoas poderiam ser direcionadas para moldar o comportamento do consumidor. O exemplo das “Tochas da Liberdade”, que visava associar cigarros a um símbolo de independência feminina, ilustra essa estratégia. A série também explora como o consumismo se tornou um motor da sociedade americana e como as massas eram manipuladas para promover o consumo. O documentário sugere que as estratégias de controle da opinião pública tiveram um grande impacto na sociedade e na economia ao longo do século passado. O documentário retrata o surgimento das Relações Públicas e a influência da propaganda na sociedade, abordando o contexto histórico e cultural do século XX. Ele analisa a sociedade complexa, o conceito de pseudoacontecimento, a sociedade de massa e a atualidade mediática, destacando a interseção entre comunicação, política, economia e psicologia.

No episódio II “A Engenharia do Consentimento”, discute-se como os ensinamentos de Freud sobre o inconsciente humano, especialmente em relação aos sonhos, foram utilizados após a Segunda Guerra Mundial na década de 1950. Administradores, governos e órgãos de

investigação, como FBI e CIA, acreditavam que os sonhos escondiam forças primitivas, medos e desejos, que poderiam representar ameaças à sociedade. Essas forças foram associadas à ascensão da Alemanha Nazista, levando a esforços para controlá-las e manter a democracia. No episódio III “Há um Policial Dentro de Nossas Cabeças: Ele Deve Ser Destruído”, psicoterapeutas, como Wilhelm Reich, desafiam as ideias da família Freud nos anos 1960 e 1970, promovendo a expressão aberta do inconsciente em vez da repressão. Empresas americanas passam a ver nisso uma oportunidade de lucro, promovendo a unicidade na sociedade de massa, incentivando a individualidade e desafiando o poder estabelecido. Já no episódio IV “Oito Pessoas Bebendo Vinho em Kettering”, o último episódio, aborda a apropriação de técnicas empresariais comerciais por políticos de esquerda nas décadas de 1980 e 1990, visando conquistar poder e eleitores. Eles usam pesquisas de mercado para entender as necessidades individuais da população e adaptam suas estratégias políticas de acordo com essas necessidades. O documentário destaca como a relação entre política, publicidade e psicanálise moldou a democracia de massa.

Somos bombardeados diariamente por imagens de pessoas com casamentos arruinados postando fotografias da última viagem em família para a Europa, nos melhores restaurantes, com roupas caras indicadas por *personal stylist*, rostos marcados por produtos de beleza e procedimentos estéticos sorrindo para a fotografia que irá compor um álbum de registros familiares no Facebook ou no Instagram, com o objetivo de se colocarem nesse mercado imagético sob o prisma de uma imagem de sucesso familiar e, por conseguinte, incentivando outras famílias a fazerem o mesmo. Tudo isso contribui para a manutenção desse sistema social que se tornou hegemônico. Essa fotografia – esse produto, no qual essas pessoas aparecem encenando uma vida feliz – é utilizada como instrumento de construção de uma autoimagem que representa valores morais e culturais da classe ou do grupo social aos quais pertencem ou querem pertencer.

O atual regime hegemônico de poder, por financiar pesquisas e deter o conhecimento, atua diretamente no funcionamento da sociedade atual. E tem utilizado o poder das imagens e informações pessoais transformadas em algoritmos para criar regimes de verdade e regimes de poder para vigiar e controlar a sociedade. Não é algo novo. A técnica fotográfica, desde sua

criação, no século XIX, foi utilizada para criar regimes de verdade que estigmatizaram povos e culturas, contribuindo para a dominação eurocêntrica a nível global.

Existe uma evolução das estruturas de poder no mercado global, especialmente no que diz respeito à informação, comunicação e sua influência na produção global. O marketing desempenha um papel essencial na política, usando técnicas publicitárias para comercializar ideias e personalidades políticas “da mesma forma que a publicidade não torna difícil as coisas para o consumidor, o político trata de facilitar o ato de sua própria compra” (SENNETT, 2008, p. 126). Existe uma nítida relação entre as classes dominantes e as superestruturas tecnológicas da informação, que utilizam a força e a ideologia para consolidar seu domínio e legitimar suas ideias. O impacto das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) na produção global é quem determina o que será consumido e quem terá poder em uma esfera global.

A influência da informação na sociedade é ilustrada pela transição de paradigmas econômicos ao longo da história. Além disso, a terceira onda de modernização, conhecida como a Sociedade da Informação ou Sociedade do Conhecimento, e seu impacto na aquisição de conhecimento. Existe uma manipulação invisível das pessoas por algoritmos que as coloca em bolhas sociais e de conhecimento sem que haja a conscientização das pessoas sobre essa manipulação. E por todos nós estarmos conectados por computadores, notebooks, dispositivos celulares, estamos todos dentro deste sistema. Cabe a nós decidirmos quais os dados iremos fornecer e criar.

O computador explodiu nesta cena por volta de 1950. Com o seu poder sem precedentes de análise e disseminação de dados extremamente variados em quantidades inacreditáveis a velocidades que assustam a mente, o computador tornou-se uma força capital por detrás da mais recente aceleração no setor do conhecimento e de sua aquisição. Combinado com outros instrumentos de poder crescente analítico para a observação do universo invisível que nos cerca, o computador fez subir o ritmo da aquisição do conhecimento a velocidades estarrecedoras. (TOFFLER, 2001, p. 23).

Na plataforma da Netflix existe o documentário "Privacidade Hackeada" (2019) que destaca o caso da Cambridge Analytica, uma empresa britânica de análise de dados, que teve suas atividades encerradas após um escândalo de divulgação mundial. O vídeo discute como a modernização e industrialização afetaram a sociedade, transformando-a em uma "sociedade

fábrica" novas formas de produção dentro das redes do novo mercado mundial, sob domínio da produção informatizada de serviços" (HARDT e NEGRI, 2004, p. 309). O documentário explora o conceito de capitalismo de plataforma, onde a extração de dados se torna uma fonte crucial de valor.

O documentário mostra o poder das gigantes de tecnologia, que cooperam com líderes políticos em todo o mundo, operando dentro das redes do novo mercado global. A produção imaterial, baseada em informações e conhecimento, é enfatizada, assim como a influência do Facebook ao permitir o uso indevido de dados pela Cambridge Analytica em campanhas políticas. O vídeo analisa como as interações com objetos, incluindo bens de consumo, geram uma cultura compartilhada, proporcionando um sentimento de pertencimento social. Ele destaca como as empresas se unem em associações e fazem pactos para fortalecer sua posição. Além disso, aborda como as redes sociais não são ferramentas neutras, mas moldam a atividade social e afetam todos os setores da economia e esferas da vida. Hoje, as gigantes da tecnologia têm um papel crucial no capitalismo tecnológico atual, influenciando a percepção do público e gerando desconfiança na sociedade.

A invisibilidade e intangibilidade do poder e da influência das grandes empresas de tecnologia em nossa sociedade se tornou algo assombroso. Estamos sendo filmados, vigiados e induzidos em nossos comportamentos como ovelhinhas. O capitalismo contemporâneo é caracterizado como transformador, convertendo tudo em mercadoria com o uso de tecnologia. Os gigantes da indústria, especialmente as empresas de tecnologia, exercem poder ao manipular, muitas vezes de maneira invisível, os desejos e interesses da sociedade. As redes de informação desempenham um papel crucial na eficácia dessa manipulação, fortalecendo a comunicação nesse contexto. A tendência à desterritorialização da produção, impulsionada pelo manuseio de conhecimento e informação, beneficia as redes de informação, abreviando as distâncias entre produtores e consumidores. As gigantes da tecnologia, como as GAFA (Google, Apple, Facebook e Amazon), exercem influência significativa no ecossistema da plataforma, moldando a interação entre setores, instituições e cidadãos-consumidores. Por meio do documentário entendemos que o poder dessas plataformas tecnológicas está se expandindo para se tornarem proprietárias das infraestruturas da sociedade, levantando questões sobre possíveis monopólios. Também, como as redes de informação influenciam a

percepção de liberdade e colocam em xeque a ideologia intangível. No geral, os documentários analisados mostram diferentes formas de manipulação, sendo uma pessoal e baseada na fé, e a outra relacionada a campanhas políticas e ao uso de dados por meio de algoritmos. Ambas envolvem a invisibilidade e a intangibilidade dos aparatos tecnológicos e ideológicos.

Humanidades Digitais

É importante para essa pesquisa elucidar parte da história e o estado da arte das Humanidades Digitais. Como investigador transdisciplinar com maior foco nas áreas das ciências sociais, humanidades e das artes me mantenho atento às potencialidades que as novas tecnologias e ferramentas digitais podem me proporcionar para facilitar e aperfeiçoar a realização do meu trabalho, e, acho importante conhecer o percurso histórico da criação destas novas tecnologias computacionais desde os primórdios do seu desenvolvimento, além da motivação para criação das mesmas. O campo transdisciplinar, Humanidades Digitais trabalha nas intersecções entre as artes e humanidades, computação, estudos de cultura, comunicação e ciências da informação como diz Edmond; Lehmann (2021):

A ideia de que os profissionais das Humanidades Digitais possam fornecer uma capacidade de tradução dentro e entre as artes, as humanidades, a informação e a ciência da computação, facilitando a colaboração entre estas disciplinas e melhorando os resultados partilhados, não é nova: na verdade, há uma longa tradição de conceituando pelo menos alguns humanistas digitais como 'intermediários', (Edmond, 2005) 'tradutores' (Siemens et al., 2011) ou 'pessoas híbridas' (Liu et al., 2007; Lutz et al., 2008 citado em Siemens et al., 2008 citado em Siemens et al., 2008). al., 2011). À medida que avança a tão esperada integração “pós-digital” das humanidades digitais e dos métodos digitais na investigação em artes e humanidades, podemos esperar a continuação desta transformação das humanidades digitais de uma força disruptiva para uma força de apoio. Além disso, embora alguns membros da academia certamente vejam com suspeita a potencial relevância industrial das humanidades digitais (Allington et al., 2016), há talvez ainda mais vozes da própria indústria que apelam ao desenvolvimento de uma dimensão mais humanística e crítica no mundo. trabalho da indústria das TIC (Hartley, 2017; Madsbjerg, 2017; Hern, 2018; Center for Humane Technology, 2019; The Copenhagen Letter, 2019).

Já, a análise histórica por meio de uma perspectiva sul-americana, temos a Professora da Universidade de São Paulo (USP), Maria Clara Paixão de Sousa⁴¹ (2011) que faz um relato

⁴¹ A pesquisadora coordenou o I Seminário Internacional em Humanidades Digitais no Brasil (2013), foi uma das fundadoras da AHDig, Associação das Humanidades Digitais (2013), e foi membro do Comitê Executivo da Global Outlook Digital Humanities (GO::DH) (2014-2015).

histórico acerca do panorama⁴² das Humanidades Digitais no mundo. De acordo com a professora a Alliance of Digital Humanities Organizations (ADHO), organização que congrega as diversas iniciativas no campo, foi fundada em 2002 – entretanto, a primeira conferência chamada “Digital Humanities” foi realizada já em 1989, como uma ação conjunta da Association for Computers and the Humanities e da Association for Literary and Linguistic Computing; desde então, a conferência tem sido realizada anualmente, e numerosos outros eventos têm sido criados em torno do tema.

Também o número de publicações voltadas às Humanidades Digitais aumentou exponencialmente na última década – publicações eletrônicas como sites, wikis e blogs, e publicações no modelo mais clássico, como livros e periódicos (pode-se lembrar, como emblemáticos, a coleção *Topics in the Digital Humanities* da Universidade de Illinois, e os periódicos *Digital Humanities Quarterly*, *Digital Medievalist*, e *Digital Studies – Le champ numérique*). Em todas essas esferas, pode-se verificar um crescimento, traduzido no aumento do número de assinantes de periódicos especializados e do número de participantes de congressos, cursos, listas de discussão e associações, em particular entre 2009 e 2011 – como se pode examinar, por exemplo, na listagem agrupada pela Universidade de Nova Iorque⁴³. (2011, ON LINE).

Neste período, nas primeiras décadas dos anos 2000, as discussões sobre “o que são as humanidades digitais” (Mathew Kirschenbaum, 2010, ON LINE) proliferaram de tal maneira que os textos sobre a temática passaram a ser considerados um gênero à parte. Para Paixão de Souza (2011, ON LINE) a “multiplicação de projetos e iniciativas sob o rótulo de “Humanidades Digitais” ao redor do mundo é acompanhada por uma multiplicação de acepções distintas do próprio rótulo: ele é usado para designar ora um conjunto de práticas, ora um novo campo acadêmico.” Para o pesquisador James Cummings (2011, ON LINE) “Humanidades Digitais é um campo acadêmico que olha de forma autorreflexiva para a aplicação da tecnologia digital aos campos de investigação das humanidades”. Já para Theodoros Chiotis (2011, ON LINE):

As humanidades digitais investigam como as mídias digitais afetam as disciplinas em que são utilizadas. Na prática, estamos constantemente redefinindo não apenas o conceito de computação nas humanidades, mas também da própria computação. Dessa forma, passamos a compreender como essas disciplinas quando recalibradas para um ambiente digital contribuem para o nosso conhecimento da computação;

⁴² <https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>

⁴³ https://wiki.commons.gc.cuny.edu/The_CUNY_Digital_Humanities_Resource_Guide/

também entendemos como a computação muda a maneira como adquirimos conhecimento e a experiência afeta.⁴⁴

À época, em 2011, Paixão de Souza utilizou dados do Centro de Humanidades Digitais do University College para mapear o número de centros de pesquisa, associações, publicações, eventos científicos e páginas web associados ao rótulo Humanidades Digitais e o volume de financiamento dedicado a essas iniciativas.

é impressionante: existem hoje no mundo 114 centros de pesquisa agrupados sob a denominação “Humanidades Digitais”, espalhados em 24 países, e envolvendo investimentos da ordem de 40 milhões de dólares. (ON LINE).



Imagem 1. Quantifying Digital Humanities | Dados de Terras (2011) | <http://www.ucl.ac.uk/infostudies/melissa-terras/DigitalHumanitiesInfographic.pdf>

Paixão de Souza (2011) traz outro dado interessante para ser apresentado que é a criação do Manifesto das Humanidades Digitais que trata as Humanidades Digitais como uma “transdisciplina” que incorpora os métodos, os dispositivos e as perspectivas heurísticas das ciências humanas e sociais, ao mesmo tempo em que mobiliza as ferramentas e perspectivas singulares abertas pela tecnologia digital.

⁴⁴ <https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>

CONTEXTO

Nós, atores ou observadores das humanidades digitais, reunimo-nos em Paris para a realização do THATCamp dos dias 18 e 19 de maio de 2010.

Durante esses dois dias, discutimos, partilhámos ideias e refletimos conjuntamente sobre o que são as humanidades digitais, procurando imaginar o que poderiam ser e inventá-las.

Terminada a conferência, que consideramos ter representado apenas uma etapa inicial, propomos às comunidades de investigação e a quem participa na criação, na edição, na valorização ou na preservação do conhecimento, um manifesto das humanidades digitais.

DEFINIÇÃO

1. A coção da sociedade pelo digital altera e questiona as condições de produção e divulgação do conhecimento.
2. Para nós, as humanidades digitais referem-se ao conjunto das Ciências Humanas e Sociais, às Artes e às Letras. As humanidades digitais não negam o passado; apoiam-se, pelo contrário, ao conjunto dos paradigmas, saber fazer e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspetivas singulares do mundo digital.
3. As humanidades digitais designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspetivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências Humanas e Sociais.

SITUAÇÃO

4. Consideramos que:
 - nos últimos cinquenta anos têm-se multiplicado as experiências no domínio do digital em Ciências Humanas e Sociais; sendo que, mais recentemente, têm surgido centros de humanidades digitais, que, atualmente, apenas constituem protótipos ou lugares de aplicação específica da abordagem das humanidades digitais;
 - o digital comporta para a investigação maiores constrangimentos técnicos, e consequentemente económicos, sendo que estes constrangimentos proporcionam uma oportunidade para promover o trabalho colaborativo;
 - embora existam diversos métodos empregados, os mesmos não são conhecidos e partilhados de modo igual;
 - existem múltiplas comunidades específicas, oriundas de interesses por diversas práticas, instrumentos ou objetos transverbiais (codificação de fontes textuais; sistemas de informação geográfica; lexicometria; digitalização do património cultural, científico e literário; cartografia da web; mineração de dados; 3D; arquivos orais; artes e literaturas digitais e hipermedias; etc.) e que estão a convergir atualmente para fechar o campo das humanidades digitais.

MANIFESTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS

DECLARAÇÃO

5. Nós, atores das humanidades digitais, constituimo-nos numa comunidade de prática solidária, aberta, acolhedora e de livre acesso.
6. Somos uma comunidade sem fronteiras. Somos uma comunidade multilíngua e multidisciplinar.
7. Além da esfera académica, os nossos objetivos são o progresso do conhecimento, o reforço da qualidade da investigação nas nossas disciplinas, e o enriquecimento do saber e do património coletivo.
8. Apelamos à integração da cultura digital na definição da cultura geral do século XXI.

ORIENTAÇÕES

9. Lançamos um apelo ao acesso livre a dados e metadados. Estes devem ser documentados e interoperáveis, tanto técnica como conceitualmente.
10. Somos a favor da divulgação, da circulação e do livre enriquecimento dos métodos, do código, dos formatos e dos resultados da investigação.
11. Apelamos à integração da formação em humanidades digitais nos currículos em Ciências Humanas e Sociais, Artes e Letras. Desejamos igualmente a criação de diplomas em humanidades digitais e o desenvolvimento de formações profissionais específicas. Por último, desejamos que estas competências sejam consideradas nos recrutamentos e nas progressões de carreira.
12. Comprometemo-nos com a edificação de uma competência coletiva que se apoie num vocabulário comum, competência coletiva que proceda do trabalho do conjunto dos atores. Essa competência coletiva deve tornar-se um bem comum. Constitui uma oportunidade científica, mas também uma oportunidade de inserção profissional, em todos os setores.

13. Desejamos participar da definição e da divulgação de boas práticas, correspondentes a necessidades disciplinares e transdisciplinares identificadas, que são evolutivas e procedentes de um debate e de um consenso nas comunidades interessadas. A abertura fundamental das humanidades digitais assegura no entanto uma abordagem pragmática dos protocolos e das visões, que mantém o direito à coexistência de métodos diferentes e concorrentes, para o enriquecimento da reflexão e das práticas.
14. Apelamos à construção de hiperinfraestruturas evolutivas que respondam a necessidades reais. Estas hiperinfraestruturas construir-se-ão de maneira iterativa, apoiando-se sobre o reconhecimento de métodos e abordagens já empregados pelas comunidades de investigação.

JUNTEM-SE A NÓS

Mais informação

Web: <http://www.humanidades.ufr.fr/>
 Correo electrónico: thatcamp@univ-paris1.fr
 Fórum de discussão: humanidades@univ-paris1.fr

Membres de la future association www.humanidades.ufr.fr/ para as Humanidades Digitais.

Imagem 2. Manifesto das Humanidades Digitais | Tradução para o português de Hervé Théry | <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais>

O pesquisador P. O'Donnell (2011), por exemplo, define “Humanidades Digitais” como uma “atividade interdisciplinar que transfere para os meios digitais o trabalho tradicional com textos, objetos culturais e outros dados, com isso estendendo radicalmente seus usos potenciais”⁴⁵.

Desde que existe a computação em humanidades, a computação em humanidades trata da representação de materiais de origem primária e da construção de ferramentas que nos ajudam a criar essas representações ou nos ajudam a manipulá-las e analisá-las. Os materiais de base podem ser – e muitas vezes têm sido – textos, mas também podem ser desenhos, pinturas, sítios arquitetônicos ou arqueológicos, música, mapas, têxteis, esculturas, performances ou qualquer uma das outras formas nas quais o registro da cultura humana e a criatividade humana pode ser encontrada. Sob essa descrição, pode parecer que temos trabalhado continuamente mais ou menos na mesma coisa, já há bastante tempo – mais de meio século. Mas seria um erro fazer essa suposição e um desserviço imputar ao campo mera estagnação ou repetição. Na verdade, ao longo do meio século que antecedeu até agora, registaram-se realizações e mudanças significativas. Como resultado deles, e (ainda mais) como resultado das mudanças no mundo que nos rodeia, estamos, penso eu, à beira do que me parece a terceira grande fase da computação em humanidades, que passou de ferramentas em anos 50, 60 e 70, para fontes primárias nos anos 80 e 90, e agora parece voltar às ferramentas, numa sequência que sugere uma oscilação que pode repetir-se no futuro. Mas quer o padrão se repita ou não, penso que estamos a chegar a um momento em que a forma da atenção que prestamos aos materiais de origem primária está a mudar da digitalização para a análise, dos artefatos para os agregados, e da representação para a abstração. (JOHN UNSWORTH, 2006, ON LINE⁴⁶).

Para o presidente da Associação Brasileira de Humanidades Digitais (ABHD), Prof. Jair Martins (2022, ON LINE⁴⁷) as perspectivas abertas pela tecnologia digital na humanidade são cada vez mais impactantes no mundo contemporâneo, levando muitos estudiosos a comparar esse fenômeno ao impacto civilizatório provocado pela passagem da comunicação oral para a escrita. A cultura digital emerge em todas as esferas da sociedade, atinge direta ou indiretamente todos os seus agentes e subverte as suas noções de tempo, espaço e conhecimento. Tanto por possibilitar a comunicação intercontinental em rede, como por aumentar exponencialmente a capacidade de armazenamento e processamento de dados, por convergir todo tipo de acervo em conteúdo digital ou por facilitar o acesso a esse conteúdo, a

⁴⁵http://www.artsrn.ualberta.ca/taporwiki/index.php/How_do_you_define_Humanities_Computing_/Digital_Humanities%3F

⁴⁶ <https://people.brandeis.edu/~unsworth/UCF/>

⁴⁷ http://abhd.org.br/?page_id=20

dados e informações em dispositivos móveis na vida cotidiana, esse fenômeno vem se constituindo como um fértil campo de investigação, sob o rótulo de Humanidades Digitais. As Humanidades Digitais, enquanto expressão agregadora de práticas, teorias e métodos que se desenvolvem desde a segunda metade do século XX, a partir do trabalho pioneiro do padre Roberto Busa, em linguística computacional, ao se associar à IBM em 1949 para tratar as obras de Tomás de Aquino para criar "Index thomisticus".

Robert Busa, foi um sacerdote jesuíta e linguista italiano, é uma figura fundamental na história das Humanidades Digitais, especialmente no contexto das artes. Em meados do século XX, Busa desenvolveu o "Index Thomisticus", um projeto ambicioso de indexação de todas as obras de São Tomás de Aquino, com o objetivo de facilitar a pesquisa e análise textual. Ele colaborou com a IBM para a criação de um sistema de indexação e análise de texto computadorizado, utilizando cartões perfurados. Esse trabalho foi pioneiro distribuído como bases para a aplicação da computação nas áreas de pesquisa e análise literária, linguística e filosofia, fornecendo um modelo para estudos futuros em Humanidades Digitais. A visão de Busa e sua colaboração com a tecnologia descoberta como as ferramentas digitais podem revolucionar a pesquisa e a compreensão das obras literárias e filosóficas, ilustrando assim a importância crucial da interseção entre a tecnologia nas artes e na pesquisa acadêmica.

Em 1949, Robert Busa, desenvolveu o projeto Index Thomisticus, que é considerado a primeira experiência no âmbito da aplicação da computação aos estudos linguísticos por meio da indexação e lematização⁴⁸ das obras de S. Tomás de Aquino. Esta experiência teve grande repercussão e impulsionou o desenvolvimento de um novo ramo de investigação, a computação para as Humanidades (humanities computing). Com o desenrolar da história, a *European Association for Digital Humanities* (ALLC) criou em 1998 o prêmio Roberto Busa, que é atribuído de três em três anos. A utilização dos computadores nos trabalhos de investigação em humanidades vem acompanhando a evolução tecnológica e a sua utilização pelos investigadores das ciências humanas e das Artes também cresce, ao mesmo tempo que

⁴⁸ "Lematização é, pois, a representação da palavra através de seu masculino singular, adjetivos e substantivos e infinitivo (verbos), apenas no contexto da lexicologia. Stemming é a retirada de sufixos do radical, enquanto stem é o radical." Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/download/lematizacao_versus_stemming.pdf> Acesso em: 28/10/2023.

umentam e se tornam mais complexas as suas exigências e expectativas em relação ao mundo digital⁴⁹.

Então, vamos dar a palavra ao mestre. Roberto A Busa⁵⁰ (2004) ao relatar sua trajetória e analisar os avanços das Humanidades Digitais⁵¹. Em seu prefácio para o livro “A Companion to Digital Humanities⁵²”, Busa (2004) diz que:

A computação em humanidades é precisamente a automatização de todas as análises possíveis da expressão humana (portanto, é uma atividade primorosamente “humanística”), no sentido mais amplo da palavra, da música ao teatro, do design e da pintura à fonética, mas cujo núcleo permanece o discurso dos textos escritos.

Ao longo dos últimos sessenta anos acrescentei ao ensino da filosofia escolástica o processamento de mais de 22 milhões de palavras em 23 línguas e 9 alfabetos, registrando-as e classificando-as com as minhas equipas de assistentes. Metade dessas palavras, a obra principal, está em latim. Vou resumir as três perspectivas diferentes que vi e experimentei nestes sessenta anos. “Miniaturização” tecnológica Segundo a perspectiva da miniaturização tecnológica, primeira perspectiva que tratarei, o Index Thomisticus passou por três fases. O primeiro durou menos de 10 anos. Comecei, em 1949, apenas com máquinas eletrocontáveis com cartões perfurados. Meu objetivo era ter um arquivo com 13 milhões desses cartões, um para cada palavra, com um contexto de 12 linhas estampado no verso. A lima teria 90 metros de comprimento, 1,20 m de altura, 1 m de profundidade e pesaria 500 toneladas. Em Sua misericórdia, por volta de 1955, Deus levou os homens a inventarem fitas magnéticas. Os primeiros foram os de aço da Remington, seguidos de perto pelos de plástico da IBM. Até 1980, trabalhei em 1.800 fitas, cada uma com 2.400 pés de comprimento, e a extensão combinada era de 1.500 km, a distância de Paris a Lisboa, ou de Milão a Palermo. Usei todas as gerações de computadores dinossauros da IBM daquela época. Terminei em 1980 (antes da chegada dos computadores pessoais) com 20 fitas finais e conclusivas, e com elas e o fotocompositor automático da IBM, preparei para offset os 20 milhões de linhas que preenchi as 65.000 páginas dos 56 volumes em formato de enciclopédia que compõem criar o Index Thomisticus em papel. A terceira fase começou em 1987 com

⁴⁹ A digitalização vem acontecendo em todas as áreas sociais, entretanto, devido ao recorte deste trabalho iremos falar de apenas algumas disciplinas, mais especificamente dos campos das Artes e Humanidades.

⁵⁰ <https://eadh.org/father-roberto-busa-1>

⁵¹ Andrea Laue (ON LINE, 2004) diz que os humanistas da computação envolvem as tecnologias digitais em seus estudos de artefatos humanísticos (...) O computador foi construído para ser um dispositivo sofisticado para a manipulação de símbolos, e, em vários níveis, é exatamente isso. Mas essa descrição não reconhece que os computadores também são símbolos, nem revela até que ponto os computadores empregam tecnologias simbólicas de tendências históricas e culturais maiores. Para entender como os computadores funcionam, precisamos entender como os humanos usam computadores para manipular símbolos, mas também como os mecanismos dentro da máquina manipulam os usuários humanos (...) Todos os dados passam pelo computador como nada mais do que pulsos de eletricidade; A máquina reconhece dois estados: com carga e sem carga. Muitas vezes representamos esses dois estados com dois dígitos, “1” e “0”, respectivamente. (Isso na verdade inverte a representação histórica: modelos lógicos de dispositivos computacionais usavam lógica binária anterior à construção real de máquinas eletromecânicas ou puramente elétricas.) Esta também é a origem do termo “bit” e, por extensão, “byte”. Um bit de informação é um interruptor, um 1 ou 0, um “lugar”; oito bits é um byte. Assim, nossos teclados e nossos computadores se comunicam via eletricidade, e matemáticos e lógicos desenvolveram métodos para traduzir linguagem (símbolos) e muitos processos de pensamento em código binário.

⁵² https://companions.digitalhumanities.org/DH/?chapter=content/9781405103213_foreword.html

os preparativos para a transferência dos dados para CD-ROM. A primeira edição saiu em 1992 e agora estamos às portas da terceira. O trabalho agora consiste em 1,36 GB de dados, compactados pelo método Huffman, em um único disco. (ON LINE)

Busa (2004, ON LINE) delineou três perspectivas distintas na evolução das Humanidades Digitais. A primeira perspectiva, que pode ser denominada "documentarística" ou "documental", remonta às iniciativas da American Documentation Society e da Deutsche Gesellschaft für Dokumentation na década de 1950. Nessa corrente, os bancos de dados, a Internet e a World Wide Web representam infraestruturas de telecomunicações em constante evolução, proporcionando meios de multiplicação, distribuição e rastreamento ágil de informações e textos. A segunda corrente, denominada "editorial", se manifesta em formatos como CDs e multimídia, que introduzem uma nova forma de apresentação textual, enriquecida por elementos audiovisuais. Ambas essas perspectivas compartilham a característica de transferir, substancialmente, palavras e pontuações para um suporte eletrônico, juntamente com comandos operacionais. Embora enfrentando obstáculos distintos, ambas prosperaram, sendo a primeira notavelmente mais sólida e menos suscetível a desilusões do que a segunda, devido à prestação de serviços com um rápido retorno do investimento.

A terceira perspectiva, a qual Busa (2004) identificou como "hermenêutica" ou interpretativa, está mais associada à análise linguística. Como ilustrado no exemplo do Index Thomisticus eletrônico, essa corrente adota uma abordagem minuciosa, encapsulando cada uma das 11 milhões de palavras em registros de 152 bytes, alocando cerca de 22 bytes para a palavra em si e reservando os restantes 130 para a inclusão de 300 "hipertextos internos" interligados, os quais especificam valores morfológicos em níveis diversos de análise linguística. Essas perspectivas, embora distintas, demonstram a diversidade e o potencial interdisciplinar das Humanidades Digitais, contribuindo para uma compreensão mais profunda das artes e da linguagem por meio da convergência entre tecnologia e pesquisa humanística.

Após estudarmos sobre o início das Humanidades Digitais podemos notar que a linguagem e a linguística foram uma das precursoras no desenvolvimento deste campo, hoje, transdisciplinar. Johanna Drucker (2022) em palestra⁵³ sobre seu livro "Inventando o

⁵³ https://www.youtube.com/watch?v=Hf_Q9KNuvCE

Alfabeto”, diz que o alfabeto é o conjunto de sinais inventado pelas tribos nômades há 1700 anos A.C. Para Drucker (2022), hoje, há um pequeno conjunto de sinais que sustentam a comunicação global por meio da internet. Este conjunto de algarismos arábicos e anotações alfanuméricas, podem representar scripts e todos os tipos de coisas nas telas de computadores, tablets, smartphones e etc. Para Drucker (2022) a massa intelectual do alfabeto atua como um sistema de sinais discretos que funciona de forma eficiente e eficaz e é a base da internet. Para a autora “as vezes dá arrepios absurdos perceber que existe um contínuo no presente e que na verdade a força hegemônica do alfabeto tem um sistema de controle global.”

A pesquisadora Maria Fernanda Rollo (2020) relata que, em 17 de outubro de 2003, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO⁵⁴) adotou a Carta sobre a conservação do patrimônio digital durante sua 32ª sessão da Conferência Geral. A carta definiu o conceito de patrimônio digital como recursos únicos que abrangem conhecimento e expressões humanas em várias áreas, como cultura, educação, ciência, administração e informações técnicas, legais e médicas, seja criado digitalmente ou convertidos para o formato digital a partir de fontes analógicas. Esses documentos digitais podem assumir diversos formatos eletrônicos, incluindo texto, bancos de dados, imagens estáticas e animadas, áudio, gráficos e páginas da web, muitas vezes efêmeros e exigindo manutenção contínua desde sua criação. A carta também ressalta a presença global desse patrimônio digital, em diferentes idiomas e domínios do conhecimento, bem como seu potencial para facilitar a criação, comunicação e compartilhamento de conhecimento entre povos. Além disso, enfatizou a urgência de conservar esse patrimônio em interesse das gerações atuais e futuras. Para Rollo (2020) a carta reconheceu a importância de preservar o "patrimônio digital" como parte integrante da "memória do mundo" em um contexto de rápida revolução digital e desafios de preservação, envolvendo várias partes interessadas, desde instituições governamentais até sociedade civil e setor privado.

O projeto AITP que será relatado na próxima seção nasceu no meio digital já pensado para ser patrimônio digital. Foi necessário fazer o percurso histórico sobre a criação e como tem se desenvolvido e expandido o campo das humanidades digitais para que se entendesse a

⁵⁴ <https://www.unesco.org/en>

importância da salvaguarda dos documentos digitais. Após todo o exposto nesta seção iremos passar para o estudo de caso e relato de experiência do AITP.

SEÇÃO 2

ARTE E INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ESTUDO DE CASO

Arte e Inovação em Tempos de Pandemia: primeira onda

Esta seção tem a intenção de explicar em que contexto e sob quais influências surgiu o projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”, que iniciou como um projeto de *lives* em meio a pandemia de Covid-19 e se expandiu para uma publicação com mais de 50 autores de diversas áreas do conhecimento. Como principal influência e motivação temos a experiência vivida e a análise sistêmica junto ao movimento “Brasília Maior que o Covid – BMC” que produziu máscaras de proteção facial para os profissionais da saúde do Distrito Federal-DF.

Iremos relatar o processo de adaptação e criação do protetor facial para proteção individual dos profissionais de saúde do Distrito Federal - DF em meio a pandemia da COVID-19. O relato é referente aos meses de março e junho de 2020, que foram os meses que participei do grupo, assumindo a coordenação de comunicação e memória do movimento. Isso me possibilitou analisar a formação e evolução tanto estrutural como logística do movimento BMC e que foram de extrema importância para a criação do projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” que será relatado nesta seção.

Novas formas de mobilização e ativismo têm surgido utilizando plataformas de redes sociais que se tornaram instrumentos importantes para a organização e a mobilização da sociedade, chamando a atenção de diversos atores sociais para sua capacidade de engajar pessoas e disseminar suas ideias nos processos conflituos. Aqui falamos das novas tecnologias de comunicação e informação. “As novas tecnologias proporcionam a aproximação do cidadão aos representantes políticos e também ao objeto de discussão política em um espaço de autonomia, muito além de controle de governos e empresas” (CASTELLS, 2013, p. 11), criando um lugar propício para o desenvolvimento do ativismo digital, ou ativismo on-line.

A seguir iremos aprofundar o entendimento de como grupos de poder têm utilizado conhecimentos científico e acadêmico – como os conceitos de civilização da conectividade e de civilização da imagem – para controlar e subjugar sociedades inteiras, iniciando uma nova fase, a do psicocapitalismo. O pesquisador camaronês Achille Mbembe (2017, s/p) alerta que a era do “humanismo está chegando ao fim”. Para Mbembe, “outro longo e mortal jogo começou. O principal choque da primeira metade do século XXI não será entre religiões ou

civilizações. Será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o niilismo” (2017, s/p).

A partir do entendimento sobre os conceitos de mercado signo, sociedade do espetáculo, era da conectividade, o século do ego e civilização da imagem – que são resultantes de pesquisas sociais produzidas nas últimas décadas –, podemos adentrar na atual discussão a respeito da sociedade contemporânea,⁵⁵ também denominada de sociedade da transparência. O conceito de sociedade da transparência engloba todos os conceitos apresentados, unifica-os em uma única definição e propõe uma análise sistematizada do modo de vida da sociedade atual, simplificando esse denso assunto para estudos acadêmicos.

O ativismo on-line tem proporcionado mudanças na cultura política e pautado o combate a variadas formas de opressão de gênero, sexualidade, raça, credo ou classe. “Trata-se de um engajamento que visa não exclusivamente confrontar ou se conectar aos mecanismos formais da política, mas que logra, principalmente, gerar e fomentar mudanças comportamentais na sociedade” (TEIXEIRA, ZANINI, MENESES, 2017, ON LINE). Por sua vez, Gerbaudo (2016) analisa esse ativismo como “momentos de entusiasmo digital” gerados pela sinergia entre administrador da página, que cria narrativas e enquadramentos, e seguidores, que exercem o papel de uma espécie de prosumer ao receberem, reforçarem e compartilharem. O autor também reflete sobre a liquidez das mídias sociais, em que os eventos são fugazes e os movimentos entram em declínio quando deixam o “ao vivo”, passando a ser efêmeros e substituídos por outros, bem característico da sociedade de consumo e da sociedade do espetáculo.

Internet e movimentos sociais

Redes sociais on-line permitem que as pessoas, em qualquer lugar que estejam, da forma que estiverem, interajam, mantenham contato com amigos e conhecidos e que indivíduos se expressem e sejam ouvidos por uma audiência local ou até mesmo global e, cada vez mais, está se tornando alvo de campanhas de marketing, publicidade, além de palco de disputas políticas e ideológicas (BENEVENUTO, 2010, p. 3). Os movimentos sociais na internet buscam criar

⁵⁵ Estamos falando, principalmente, de grandes conglomerados urbanos.

identidades que os distanciem dos antigos movimentos ao mesmo tempo que dão uma nova roupagem ou abordagem a antigos problemas.

Atrair esses diversos grupos cria capilaridade política, o que favorece e muito a expansão das ideias e o domínio do grupo. Entretanto, essa expansão também fragmenta o grupo devido a uma série de fatores que são explicados pelo dilema de coesão e expansão. A coesão leva em consideração a unidade do grupo por meio da identidade, da identificação que as pessoas têm com a causa, o grupo, a ação, o tema, o enquadramento. Por sua vez, a expansão diz respeito à flexibilização de compromissos identitários para alcançar um maior número de indivíduos (GOBBI, 2016, p. 42).

Bennet e Segerberg (2012) dividem as ações em redes em três principais tópicos: redes negociadas organizacionalmente; redes ativadas organizacionalmente; e redes ativadas pela multidão. Nos três casos os indivíduos detêm certa liberdade e autonomia nas ações – “enquadramentos de ação personalizáveis” –, que diferem da lógica de ação coletiva.

Novas formas de mobilização e ativismo têm surgido utilizando plataformas de redes sociais que se tornaram instrumentos importantes para a organização e a mobilização da sociedade, chamando a atenção de diversos atores sociais por sua capacidade de engajar pessoas e disseminar suas ideias nos processos conflituivos. “As novas tecnologias proporcionam a aproximação do cidadão aos representantes políticos e também ao objeto de discussão política em um espaço de autonomia, muito além de controle de governos e empresas” (CASTELLS, 2013, p. 11), criando um lugar propício para o desenvolvimento do ativismo digital, ou ativismo on-line.

Com o advento das novas tecnologias e da expansão das redes e das mídias sociais, os populistas têm criado suas pautas e compartilhado sem os filtros dos gatekeepers⁵⁶, jornalistas, profissionais das mídias de massa. Essa relação entre política, mídias sociais e populismo é referenciada no estudo de Bimber (1998, p. 137 APUD Sven Engesser, Nayla Fawzi e Anders

⁵⁶ *Gatekeeper* também pode ser entendido como o “porteiro” da redação. É aquela pessoa que é responsável pela filtragem da notícia, ou seja, ela vai definir, de acordo com critérios editoriais, o que vai ser veiculado. Com a efervescência e até um certo modismo da prática do jornalismo colaborativo, a função do *gatekeeper* tem sofrido alterações. A audiência cada vez menos passiva e mais participativa deixa a figura deste menos centralizada, mas sem perder a importância na estrutura da construção da notícia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gatekeeping>>. Acesso em: 19/05/2018.

Olof Larsson, 2017), que clarifica o potencial em promover comunicação não mediada entre políticos e cidadãos e, assim, “reestruturar o poder político em uma direção populista”. Ao analisar o crescimento político nas mídias sociais e a expansão da linguagem populista para mobilização social, Bartlett (2014, p. 94) ressalta que “a natureza amarga e curta das mensagens populistas funciona bem neste meio”.

Por meio desse breve levantamento bibliográfico a respeito dos movimentos sociais no ciberespaço e das relações sociais na contemporaneidade, tentamos explicar o atual contexto e conjuntura contemporânea da organização de movimentos sociais no ciberespaço e como grupos de poder tem atuado dentro deste novo constructo social. Queremos provocar o leitor para fatos inerentes à nossa sociedade e mostrar por meio de autores de diversas áreas que existe uma densa transformação social que está influenciando diretamente na reorganização social por meio do poder que as imagens e sua representação, percepção exercem sobre a humanidade.

Movimento e mobilização social no ciberespaço

O movimento BMC nasceu no final de março de 2020 como mobilizações coletivas por meio de plataformas sociais no ciberespaço em meio ao início dos primeiros casos de COVID-19 no Brasil. O movimento cresceu de forma coesa, pois mobilizou pessoas em um esforço coletivo de voluntários com a intenção de dar apoio às equipes de saúde no front de atendimento. Esse grupo em um curto período de tempo foi capaz de entregar totalmente gratuitamente à rede de saúde: 13.265 protetores faciais (*face shields*), 17.000 máscaras de pano e 4.500 máscaras cirúrgicas. Esses (EPIS) foram fundamentais para equipar e suprir o momento mais crítico da pandemia, que foi o ápice do número de casos e a incapacidade do Estado e da iniciativa privada em oferecer esse material básico.

O movimento conseguiu inicialmente criar uma “identidade de projeto”, que para Castells (1999), seria quando os atores sociais propõem novas posturas e valores, utilizando o material cultural ao seu alcance, promovendo consequências nas estruturas de produção, reprodução socioeconômica, inclusive quanto aos padrões historicamente estabelecidos. Essa identidade ganhou mais força devido ao momento de fragilidade que todos vivemos e que estava potencializado naquela época. O afeto concentrou ainda mais o grupo que mesmo com

as leves tensões das diferenças individuais negociavam e se reorganizavam em prol do objetivo solidário em comum.

As primeiras proteções faciais tiveram como referência o modelo da *Prusa Research*⁵⁷, uma empresa de impressão 3D com sede em Praga, República Tcheca. Esse modelo, que pode ser observado na figura 1, foi disponibilizado mundialmente de forma gratuita pelo site da própria empresa.



Imagem 3 e 4: Máscaras desenvolvidas pela *Prusa Research*. Fonte: <https://www.prusa3d.com/>

Com base neste modelo, o BMC iniciou sua produção de face Shields. O grupo arrecadou doações em dinheiro por meio de doações no site vakinha.com.br e fazia suas divulgações pelo Instagram e outras plataformas digitais, que eram compartilhadas pelos usuários e voluntários.

A logística do BMC consistia na divisão de trabalhos organizada por aplicativos de interação social, sendo o principal o *WhatsApp*⁵⁸. Neste aplicativo, inicialmente, foi criado apenas um grupo de trabalho com todos os voluntários, entretanto, o número de participantes causava confusão na distribuição de tarefas e na organização das falas dentro do grupo. Então, esse grupo foi subdividido em grupos de trabalho. Cada integrante teve a opção de escolher o

⁵⁷ <https://www.prusa3d.com/covid19/>

⁵⁸ *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>>. Acesso em: 02/02/2021.

grupo que poderia contribuir da melhor forma. O grupo das pessoas que tinham impressora 3D, o grupo dos montadores, o grupo de distribuição, o grupo de marketing, o grupo de contabilidade. Cada grupo tinha um coordenador que gerenciava e distribuía as tarefas. Na figura 2 podemos ver a primeira geração das máscaras produzidas pelo BMC, réplicas do modelo da Prusa.



Imagem 5: Máscaras desenvolvidas pelo BMC. Foto: Rodolfo Ward.

É importante relatar como essa distribuição de tarefas e obrigações se desenvolveu, pois foi fundamental para a expansão e sucesso do movimento. O BMC se articulou e organizou primordialmente pelo meio digital. Muitas pessoas não se conheciam e nunca se viram pessoalmente. Entretanto, existia hierarquia e todos a seguiam de forma voluntária. As comunicações feitas por meio do aplicativo WhatsApp seguiam uma ordem hierárquica que vinha dos coordenadores para as pessoas que estavam na linha de produção e de entrega. Contudo, todos tinham voz nos grupos, uma vez que não existia remuneração pelo trabalho e não existia chefe, visto que a liderança era exercida de forma descentralizada, o que contribuiu para uma maior interação, coesão e expansão do grupo e, conseqüentemente, da diversidade de suas atividades e aumento dos produtos desenvolvidos por eles.

Nessa primeira fase, a produção e a montagem eram descentralizadas, sendo necessária a utilização de prestadores de serviço de transporte privado urbano, através de aplicativos de transporte, para levar as impressões 3D para a casa dos montadores que, por sua vez, montavam

as máscaras e acionavam os motoristas de aplicativos para a entrega diretamente nos hospitais, o que gerava ônus e atrasos tanto na montagem como na entrega.

Enquanto a linha de produção oferecia mão de obra gratuita, alguns coordenadores articulavam novas parcerias. Uma dessas parcerias possibilitou a expansão e uma nova organização do BMC. A parceria com uma fábrica de peças de motos foi fundamental para a transição da produção artesanal para a produção em escala industrial. Nessa transição, as impressoras 3D foram substituídas por máquinas de corte a laser. As linhas de produção e montagem passaram a estar no mesmo local, o que facilitou a montagem e a entrega. Nessa nova fase, foi firmado um acordo com a Secretaria de Saúde do Distrito Federal – SESDF, que ficou responsável pela distribuição para toda a rede de hospitais e profissionais de saúde do Distrito Federal. Com uma linha de produção e montagem reunidas em apenas um local, foi possível também o controle das normas de higiene estabelecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa.





Figura 6 e 7: Entrega de máscaras de proteção para a Secretária de Saúde do DF. Foto: Rodolfo Ward.

Na segunda fase do BMC, novos profissionais participaram com conhecimento técnico e científico. Ao analisar o modelo da Prusa, membros voluntários do BMC perceberam que esse modelo demorava muito tempo para impressão, pois continha muito material desnecessário que tornava a impressão mais lenta e cara. Baseado no modelo da impressora 3D, foram feitos o esboço e a alteração na espessura do material para ser cortado na máquina a laser e ser produzido em acrílico, com objetivo de agilizar a produção. O modelo original da Prusa produzia em impressora 3D uma unidade a cada 4 horas. O novo modelo criado pelo BMC para impressora 3D produzia uma unidade por hora. No corte a laser, passaram a ser produzidas 40 unidades em 30 minutos. O software utilizado foi *SolidWorks* 2018.

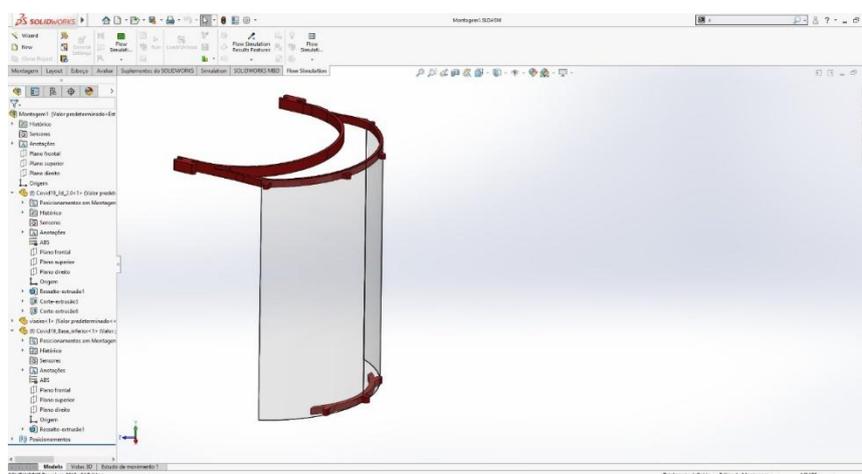
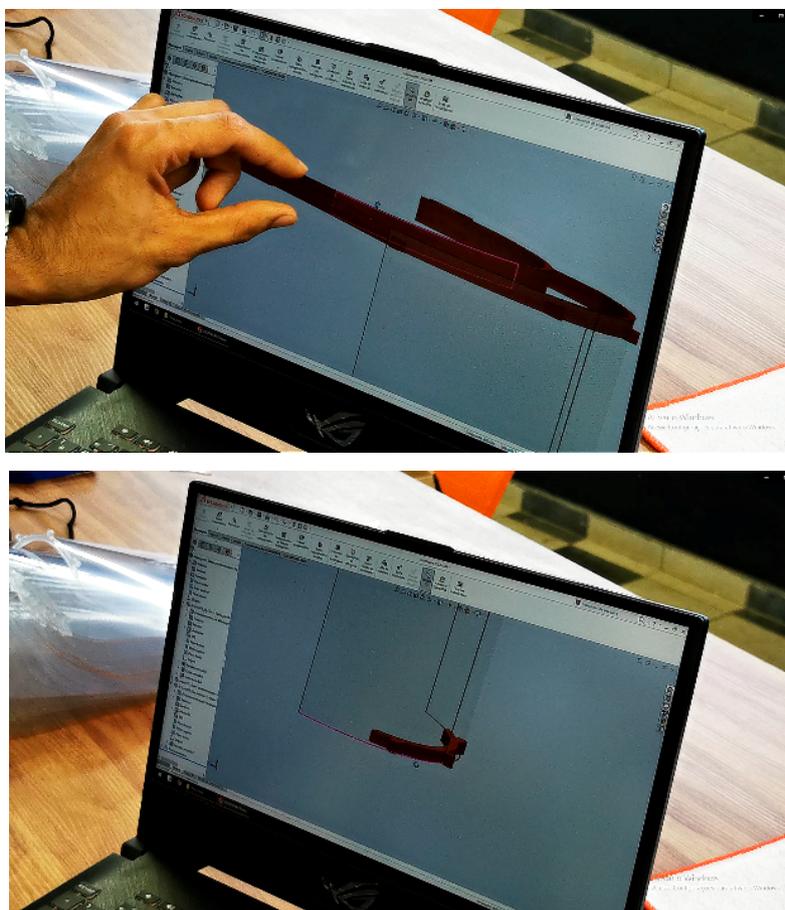


Imagem 8: Protótipo da Máscaras desenvolvidas pelo BMC. Fonte: Arquivo BMC.

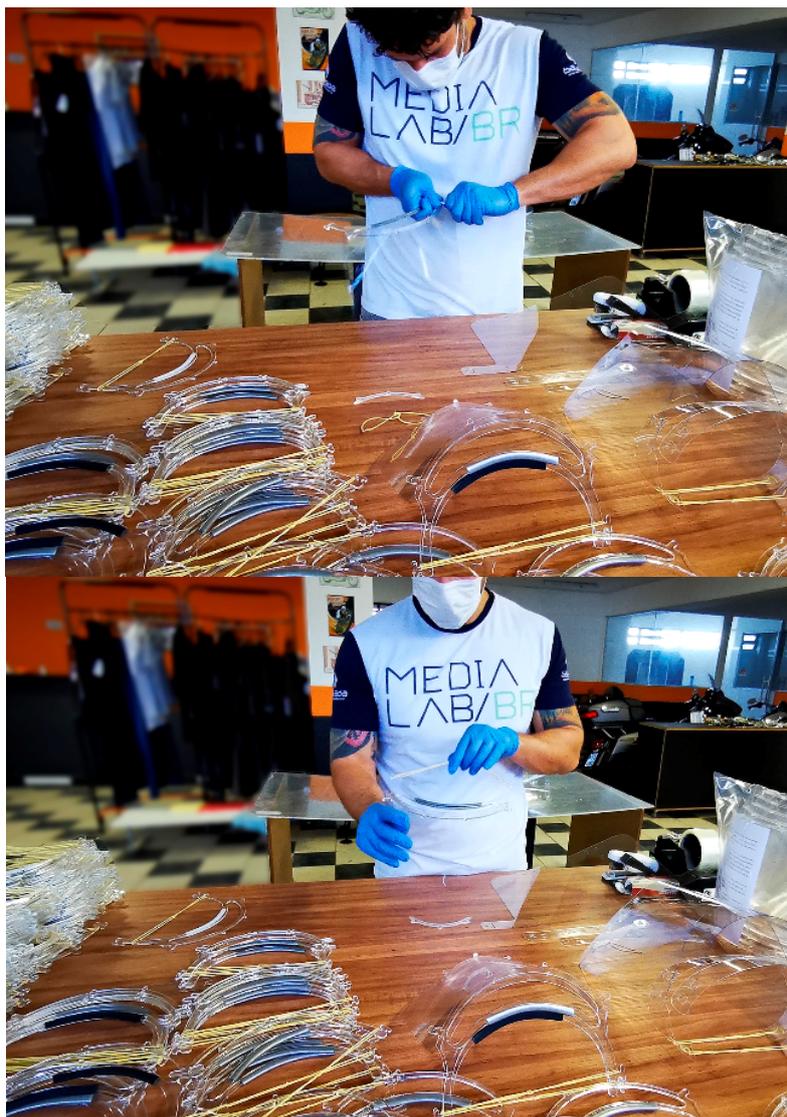
O BMC, então, produziu um novo modelo baseado no disponibilizado pela Prusa. Neste novo modelo, foram mantidas as curvas e os ângulos da Prusa para manter o estudo de ergonomia deles e aproveitar a viseira que já estava sendo produzida. Foi reduzido o volume do material na parte frontal do suporte da viseira, a parte transparente, e foi diminuindo o volume, ficando apenas o necessário para segurar a viseira e possíveis impactos. A parte da testa de quem está usando foi aumentada a altura e colocado um preenchimento para ficar com uma ergonomia melhor.



Figuras 9 e 10: Protótipo da Máscaras desenvolvidas pelo BMC. Fotos: Rodolfo Ward.

O modelo da Prusa foi otimizado. Passou de 1 unidade em 4 horas para 1 unidade a cada 1 hora, e, posteriormente, para ter mais agilidade foi adaptado para a máquina de corte a laser que produzia 40 unidades em 30 minutos. Nessa nova fase, do corte a laser à parte superior e inferior foram produzidas simultaneamente.

A partir daí, a produção e a montagem das máscaras ficaram mais ágeis e os custos foram reduzidos, havendo uma otimização do trabalho, desenvolvimento e expansão do projeto, que permitiu a atuação em novas frentes. Os novos produtos incorporados foram as máscaras cirúrgicas e as máscaras de pano em parceria com costureiras locais.



Figuras 11 e 12: Montagem das Máscaras desenvolvidas pelo BMC. Fotos: Rodolfo Ward/autorretrato.

O BMC iniciou uma terceira fase de expansão a partir da parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Distrito Federal – Senai-DF. Nessa terceira fase iniciada pelo BMC, percebemos a alteração estrutural no modelo e natureza do movimento. Originário do ciberespaço e de caráter colaborativo, artesanal, “faça você mesmo”, o

movimento, ao tomar proporções industriais, adentra em uma outra lógica. Entretanto, essa expansão também fragmentou o grupo devido a uma série de fatores que são explicados pelo dilema de coesão e expansão. A coesão leva em consideração a unidade do grupo por meio da identidade, da identificação que as pessoas têm com a causa, o grupo, a ação, o tema, o enquadramento. Por sua vez, a expansão diz respeito à flexibilização de compromissos indenitários para alcançar um maior número de indivíduos, objetivos e abrangência de domínio do grupo (GOBBI, 2016, p. 42).

Entendemos que há fatores de extrema complexidade para as lideranças dos movimentos sociais para manter o grupo coeso e engajado enquanto expande o território e a abrangência de domínio do grupo. Tarrow (2009) afirma que o poder de promover ações coletivas não é o mesmo poder para dar continuidade a elas. É necessário controle e estratégia das lideranças para equilibrar as disputas internas nos processos organizacionais e para manter o grupo coeso ao mesmo tempo que tira o melhor proveito da internet sobre os processos políticos (VÖN BULLOW, 2016 apud GOBBI, 2016).

Os movimentos sociais na contemporaneidade, na pós-modernidade, funcionam de forma diferente dos movimentos sociais da modernidade. Han (2018) cita o psicólogo Gustave Le Bon (1895) que vê a modernidade como a era das massas, uma era de transformações do pensamento humano que deu voz ao povo e levou a insurgência das massas, à crise da soberania e ao declínio da cultura. As massas de antes tinham como características formações firmes, conseguiam formar um "Nós", tinham a alma unida, uma ideologia, ação comum e marchavam em conjunto em uma única direção. Hoje, encontramos-nos em uma nova transmutação de pensamento, da cultura moderna para a cultura digital. Entretanto, para Han (2018) as novas massas apresentam características diferentes das antigas massas, não possuem nem alma nem espírito. São como um enxame. "O enxame digital consiste em indivíduos singularizados" que se fundem em uma nova unidade, incoerente, efêmera, instável, volátil, sem perfil próprio e sem desenvolver um "Nós" como eram as massas de ação do passado. Passando a ser percebido como um barulho. E esse barulho é uma das crises de comunicação digital que produz barulho comunicativo.

Nesta terceira fase, as relações estavam estremecidas. A demanda inicial havia sido suprida. Foi o momento em que resolvi criar o meu próprio projeto unindo arte e cultura. Um

projeto dentro da Universidade. E a Universidade de Brasília – UnB, por meio do Decanato de Pesquisa e Inovação – DPI/UnB abriu essa oportunidade quando lançou o edital de fluxo contínuo de combate à Covid-19.

A invenção da cultura: transição mitológica

Após a vivência e a experiência dentro do projeto BMC, eu resolvi criar meu próprio projeto. Minhas motivações eram em relação à arte, inovação e cultura brasileira. Comecei a refletir sobre essas definições políticas, geográficas, culturais e econômicas que definem muito mais que o território brasileiro e nacional, definem quem você é dentro da sociedade local. Como falar de uma arte nacional dentro de um território tão heterogêneo e complexo? Lembrei de Lévi-Strauss, que fez um trabalho monumental sobre a mitologia ameríndia.

Após a passagem de Lévi-Strauss pelo Brasil, pela América do Sul, seus estudos sobre a mitologia dos Bororo, do desaninhador de pássaros, sobre a conquista da cultura e outros vários mitos ameríndios (cerca de 813), que tentam explicar, sob a perspectiva de cada povo, e dar sentido para a vida humana na Terra, as alianças e regras entre povos, a separação entre humanos e não humanos. Lévi-Strauss estrutura o cotidiano de todas as sociedades como a relação com o sobrenatural, com a natureza, com a cultura e, astutamente, cria analogias, anagramas, representações que, ao que me parece, possam ser interpretadas por toda a sociedade, pois, em grande parte, são metáforas culinárias ou coisas do cotidiano, e, sendo a alimentação um requisito básico para a sobrevivência humana, entendemos que ele quis dar a maior visibilidade possível para sua pesquisa e método de análise. A partir daí, o pesquisador que se aventura pelo campo da etnografia por conta própria e consegue sistematizar acadêmica, filosófica e sob influência artística dos surrealistas, poeticamente, sua tetralogia, “As Mitológicas”.

Na parte III da obra de sua vida, Lévi-Strauss passa para uma pesquisa etnográfica e documental em bibliotecas na América do Norte. O que eu penso ser um grande passo para comprovar sua teoria de que as narrativas dos mitos se conectam em diversos pontos em povos diferentes e que sua metodologia de análise estrutural, em partes, sob influência da linguística e da fonologia, era eficiente para estudar os mitos em diferentes culturas e povos. O autor trabalha a ideia de que a semelhança é importante para se estabelecer a diferença e que os mitos

duplicam os personagens em oposições parecidas, criando dualidade e ambiguidade, que parece ser uma propriedade intrínseca à função simbólica do mito.

Já nas “Pequenas Mitológicas”, o autor aborda o dualismo americano e o perpétuo desequilíbrio. Para Lévi-Strauss, os brancos não estão fora do mundo indígena assim como os indígenas não estão fora do mundo dos brancos. Perpétuo desequilíbrio, índios e brancos, gêmeos míticos. Essa linha de raciocínio transdisciplinar e que já ensaia o que hoje alguns chamam de transnacionalismo, é iniciado pelo pensamento filosófico que se tornou antropológico e, posteriormente, etnográfico. A construção de conhecimento transcultural de Lévi Strauss foi fundamental para criação de sua obra. Ele se aproxima bastante do pensamento dos artistas surrealistas da época que promoviam críticas ao caos da lógica totalizante que a própria ciência tenta universalizar.

A arte faz a ponte entre o mundo tangível e o mundo metafísico ou mitológico. A arte está ligada aos sonhos, à ficção, ao não útil, à criação do novo, à criação de novas realidades. Não é de se espantar que a união transdisciplinar de saberes, aliada à escrita de fácil assimilação, tenham feito dele um dos maiores pensadores do século XX. Entretanto, no meu ponto de vista, a escrita acaba não sendo tão fácil pois alguns exemplos, analogias, como os musicais, não são compreendidos por grande parte da população.

A partir do seu pensamento, entendemos que a ressignificação local dos mitos se dá por meio de convergência e da troca relacional, uma vez que as unidades sociais estão em constante mudança. Os mitos vivem e se transmutam cada vez que são contados ou lidos. Existe uma ampliação do mito, um enriquecimento pela influência externa que leva à evolução do mito. O pensamento Bororo é impregnado de pensamento Tupi. Qual é o mito fundante? O Bororo ou o Tupi?

Lévi Strauss ao falar sobre o mito vs. a ciência nos diz que “ a realidade de experiência comum no mundo clássico é apenas uma pequena parte do que é” e que o pensamento científico, “a grandeza do oriente”, pode por vezes distanciar o entendimento humano do pensamento mítico, que é de suma importância para a tentativa de dar sentido à vida. Na ciência temos a física quântica que seria uma forma, talvez, de buscar entendimento acerca do mundo

que vivemos, da busca por resposta de um mundo que não compreendemos, um mundo que os mitos tentam explicar, um mundo sobrenatural. O mundo tangível e o mundo das ideias.

Hoje existe um debate sobre a arte e a cultura local e a arte e cultura transnacional. Como já visto neste texto Lévi-Strauss já antecipa esse pensamento quando se questiona sobre qual é o mito fundante. Mesmo assim, fiquei preso em duas questões principais. Quem é o povo brasileiro e somos moldados pelas definições? São questões que nos levam a inúmeras outras. Sob qual cultura vivemos, qual a nossa visão de mundo, quais são nossas noções de realidade, sob que regimes de verdade vivemos, qual a importância da nossa consciência nos nossos atos, como nos relacionamos com o outro e com o coletivo, como recebemos e emitimos afetos, quem somos nós, apenas um corpo físico? Entre inúmeras outras que são extremamente interessantes, entretanto, infinitas. A partir destas inúmeras questões que acompanham a humanidade desde que ela se emancipou perante a natureza, criando a cultura, propomos trazer reflexões sobre esses temas diversos por meio de lives com pesquisadores, artistas, membros de comunidades tradicionais e da cultura popular.

É interessante para que possamos entender a historiografia deste projeto, e continuar falando de suas transmutações no decorrer do tempo. O projeto de Lives teve dois momentos antes de se tornar um livro digital e posteriormente impresso. Para o primeiro momento convidei inicialmente os membros do meu laboratório, o Media Lab/UnB, no Instituto de Artes – IDA/UnB. Criamos em conjunto o projeto “Faça-Você-Mesmo: arte, design e tecnologia como antídoto nas questões de grave e cuidadoso interesse como a pandemia” onde foram realizadas duas oficinas on-line, pelo Zoom, desenvolvidas pelo Media Lab/UnB em parceria com a rede Media Lab/BR. Este projeto, o qual eu fui um dos idealizadores, tinha um caráter mais formal e acadêmico. Este projeto foi aprovado na 1º chamada do Edital COPEI - DPI/DEX/UnB - Apoio à execução de projetos de pesquisas científicas, tecnológicas, de inovação e de extensão e combate à COVID-19 e, logo após as oficinas, foi finalizado.

As duas oficinas do projeto foram ministradas pelo coordenador da rede Media Lab/BR, prof. Dr. Cleomar Rocha com a participação oficial dos coordenadores do MediaLab/UnB (prof. Dr. Antenor Ferreira), coordenador do Media Lab/UFG (prof. Dr. Cleomar Rocha), coordenadora do Media Lab/Puc Campinas (profa. Dra. Luisa Paraguai), coordenadora do Media Lab/UAM (Profa. Dra. Suzete Venturelli) e coordenador do Media Lab/UNIFESSPA

(Prof. doutorando Teófilo Augusto Silva). Assim como com a participação dos convidados Artur Cabral Reis, Prahlada Hargreaves, Rodolfo Ward, Juliana Henno, Milton Sogabe, Gilberto Prado, Gisela B. Campos, Cláudio Coutinho.

O segundo projeto, no caso o qual será tratado mais a fundo, “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”, foi desenvolvido dentro do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – Ceam/UnB. Nós aprovamos na 2º chamada do Edital Copei/UnB, por unanimidade, no colegiado do Ceam/UnB e transformamos em projeto de extensão. Não ficamos apenas no âmbito da UnB e aprovamos no Edital da Lei Aldir Blanc Gran Circular (DF), aprovamos como comunicação longa no II Congresso Internacional de Humanidades Digitais, no Rio de Janeiro – HDRio21, e, como desdobramento, se transformou em livro digital publicado inicialmente pelo Ceam/UnB e posteriormente pela Editora do Senado Federal. Posteriormente, aprovamos também na Lei Aldir Blanc no Estado do Tocantins para uma edição “Arte e Inovação: edição Tocantins”.

As lives ⁵⁹ realizadas foram com o Prof. Cleomar Rocha (Arte e Inovação em Tempos de Pandemia), do Prof. e ex-reitor da UnB, José Geraldo Júnior (Direito e Inovação em Tempos de Pandemia), da Profa. Suzete Venturelli (Arte Computacional em Tempos de Pandemia), Profa. Avelín Buniacá (A importância da Liderança da Mulher Indígena em Meio a Pandemia), Profa. Juliana Passos (Os Desafios do Ensino em Meio a Pandemia), Profxs, Maria Cristina, Maria Isabel e Antenor Ferreira (Educação Musical em Tempos de Pandemia), Profa. Célia Xakriabá (Inovação e Liderança Feminina. Novos desafios na luta dos Povos Indígenas), Prof. Jaider Esbell (Arte Indígena: a arte contemporânea brasileira), Prof. (Das Ruas) GOG (O Movimento Hip-Hop em Meio a Pandemia), Profa. Ingrid Koudella (A Nova Proposta do Ensino do Teatro), Prof. Elimar Nascimento (Incertezas da democracia: o espaço da livre expressão e das artes) e com o Prof. Dr. Francisco Perna (Poesia e isolamento: ninguém está só, quando se reconhece).

O projeto foi se transmutando e se tornando uma websérie que teve 11 edições do projeto original e mais 10 na Edição Tocantins. Para a edição Tocantins foram convidados palestrantes de notório saber, além de jovens que estão se destacando nas distintas vertentes

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLF9LNFew4RjE_3io-FWIfGCWn4cDKmaYN>
Acesso em: 03/02/2021.

das artes e inovações tecnológicas diversas. O projeto conversa com o movimento decolonial ou decolonialismo. Para isso utilizamos conceitos teóricos sobre a cultura digital, inovação, serendipity e tecnociência. As transmissões que compõem a websérie foram editadas e transformadas em outros produtos como vídeo documentário, artigo científico, dois livros, uma coletânea e iremos criar *Reels* de partes importantes das entrevistas para o Instagram.

O projeto que se transformou em livro busca além de tudo servir de material de referência para futuras pesquisas sobre essa época turbulenta em que vivemos. A heterogeneidade das temáticas visa contribuir para um melhor entendimento conjuntural da nossa sociedade e do povo brasileiro no futuro. Esse livro, esse documento que se tornou monumento, tenta contribuir para que, no futuro, possamos tentar responder questões, hoje, impensadas. Para essa publicação, foram convidados(as) autores de áreas diversas que somaram ao projeto inicial de lives qualidade artística e conhecimento transdisciplinar, modificando completamente o projeto inicial. O projeto do livro iniciou de uma forma, com um número X, entretanto, a vontade das pessoas em colaborar com um movimento que já estava acontecendo e que já tinha sido premiado e validado em algumas instâncias, com nomes influentes e a possibilidade de haver outros desdobramentos, seduziu ainda mais as pessoas e o livro se tornou monumental. A formação final da publicação ficou assim:

Capa – Jaider Esbell (Artista Indígena), Diagramação - (Editora), Palavras da Editora, Introdução – Viviane de Melo Resende (Diretora do Ceam[IL]/UnB), Extensão – Perci Coelho de Souza (Extensão Ceam[SER]/UnB), Arte e Inovação em Tempos de Pandemia – Rodolfo Ward (UnB), Prefácio 1 – Ian Erickson-Kery (Duke University), Ensaio Visual 1 – Gilberto Prado (ECA-USP/UAM) [Arte Computacional], Ensaio Visual 2 – Mídia Índia [Coletivo Fotodocumental], Ensaio Visual 3 – Jaider Esbell (Artista Indígena/RR) [Pintura], Ensaio Visual 4 – Mamana (Coletiva) [Coletivo Fotodocumental], Ensaio Visual 5 – Luiza Gunther (IDA/UnB), Ensaio Visual 6 – Christus Nóbrega (IDA/UnB), Ensaio Visual 7 – Susana Dobal (FAC/UnB) [Fotografia], Ensaio Visual 8 – Duda Bentes (FAC/UnB) [Fotografia de Celular], Ensaio Visual 9 – Rodolfo Ward (Ceam/UnB) [Fotografia de Celular], Ensaio Visual 10 – TAMIKUÃ TXIHI (Artista Indígena/Pindorama) [Pintura], Ensaio Visual 11 – Daidara Tukano (Artista Indígena/Tukano) [Pintura], Prefácio 2 - Luciano Tosta (University of Kansas), Entrevista 1 – José Geraldo (Direito/UnB), Entrevista 2 – Suzete Venturelli

(UnB/Anhembi Morumbi), Entrevista 3 - Avelin Buniacá (Líder Indígena Minas Gerais), Entrevista 4 – Juliana Passos (Dança/IFB), Entrevista 5 – Antenor Ferreira, Maria Isabel, Maria Cristina (MUS/UnB), Entrevista 6 – Célia Xakriabá (Líder Indígena Minas Gerais/UFMG) Entrevista 7 – Jaider Esbell (Artista Indígena) Entrevista 8 – GOG (Rapper Distrito Federal/DF) Entrevista 9 – Ingrid Koudella (Teatro/USP), Entrevista 10 – Elimar Nascimento (CDS/UnB), Entrevista 11 – Chico Perna (Poeta/UFG), Prefácio 3 – Walescka Pino-Ojeda (Director New Zealand Centre for Latin American Studies - NZCLAS), Artigo 1 – Dep. Prof. Dorinha Seabra Rezende (Líder Feminina na Câmara dos Deputados) [Fundeb: perspectivas futuras até 2026], Artigo 2 – Valeska Zanello (IP/UnB) [Mensagens de Whats App masculinas na pandemia], Artigo 3 – Daniela Garrossini (IDA/UnB) [Trajetórias Culturais em Fluxos], Artigo 4 – Lúcia Leão (PUC/SP) [método e a produção de conhecimento na contemporaneidade], Artigo 5 – Lidia Zuin (Unicamp e UOL TAB) [ficção científica, futurologia e tentativas de prever ou imaginar o futuro], Artigo 6 – Lourdes Bandeira (SOL/UnB) [Crimes de Femicídio], Artigo 7 – Marco Antônio Valentim (UFPR) [Ideias ameríndias transmitidas pela etnografia e pela antropologia contemporânea], Artigo 8 – Renísia Garcia (FE/UnB) [Decolonialismo], Artigo 9 – Viviane Vieira (LIT/UnB) [Leitura Crítica do Discurso em Tempos de Pandemia], Prefácio 4 – Natalia Castro Picón (Princeton University), Poesia 1 – Oswaldo Montenegro (Músico Brasileiro - 2 Poesias), Poesia 2 – Eliane Potiguara (Rede Grumin de Mulheres Indígenas - 2 poesias), Poesia 3 – Elizandra Souza (Coletivo Mjiba em Ação/SP - 2 poesias), Poesia 4 – Marcia Wayna Kambeba (Poetisa Indígena/PA - 2 poesias), Poesia 5 – Aline Pachamama (Poetisa Indígena/UFRRJ), Poesia 6 – Julie Dorrico (Poetisa Indígena PUCRS - 2 poesias), Poesia 7 – Carlos Lin (FACDM - DF - 2 poesias), Poesia 8 – Benny (FAU/UnB - 2 poesias), Poesia 9 – Kaká Werá (Escritor e ambientalista Tapuia - 2 poesias), Poesia 10 – Julie Oliveira (Cordel Sem Machismo - 2 poesias), Poesia 11 – Izabel Nascimento (Cordel Sem Machismo - 2 poesias) – Rodolfo Ward (1 poesia).

Como a obra coletiva cresceu bastante, eu subdividi o livro em quatro seções para facilitar para quem iria escrever o prefácio, pois prefaciá-la uma obra dessas com mais de 50 autores é um trabalho extremamente denso e complexo. Então, convidei pessoas de universidades internacionais de diferentes países com um duplo intuito: dar visibilidade internacional para os autores e trazer mais pessoas para a obra, e assim, fazê-la entrar em círculos diversos. Nessa fase, convidamos prefaciadores estrangeiros que se interessassem pela

cultura latino-americana, em específico, brasileira, para que os autores pudessem ter mobilidade internacional em suas obras e o livro ganhasse alcance e visibilidade maior.

Essa é a maior pandemia já registrada na história da humanidade. Como lidamos com ela? Como convivemos com ela? Como ela é vista e representada por artistas, pesquisadores, pessoas de áreas do conhecimento diversas, visões de mundo dissemelhantes, culturas diferentes, gêneros distintos? Como funciona essa memória coletiva em que nos esforçamos para sustentar e viver nela?

É importante entender que cada época tem uma forma coletiva de pensar ou uma organização social pautada em normas, regras e leis que faziam sentido em cada momento histórico distinto. Ou seja, as definições mudam de época para época. E, se somos moldados pelas definições, também mudamos? E, para isso, precisamos nos aprofundar nos assuntos de história, memória e imaginário coletivo e trazer luz sobre a importância das definições na nossa sociedade e como as definições moldam e influenciam tanto na produção de conhecimento quanto na interação dos indivíduos e no imaginário coletivo.

História, Memória e Imaginário Coletivo

O sociólogo político francês Michael Pollak (1989), em seu texto “Memória, esquecimento, silêncio”, fala sobre a memória coletiva a que pertencemos e que compartilhamos. O autor cita os estudos de seus conterrâneos, o historiador Pierre Nora (1985), que busca definir as referências estruturais da nossa memória e sua inserção na memória coletiva. E também, do sociólogo francês Maurice Halbwachs⁶⁰ (1968) da escola durkheimiana, que trata “fatos sociais como coisas” e estrutura a memória em “suas hierarquias e classificações”, tentando definir o que “é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais”. Para Pollack (1989), os monumentos são de extrema importância para a memória coletiva que compartilhamos e que queremos criar.

(...) o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos

⁶⁰ “Em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva.” (POLLACK, 1989, p. 3)

incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. (POLLACK, 1989, p. 3)

Outro fato importante que queremos ressaltar aqui é a diferença da ênfase dada pela escola durkheimiana, em que a memória coletiva é tida como uma força impositiva quase institucional ligada à duração, à continuidade e à estabilidade e, de certa forma, ligada à dominação e à violência simbólica. Já o projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” conversa com a forma positiva proposta por Halbwachs (1986), que “reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”, denominada de “comunidade afetiva” e também com a vertente denominada “memória subterrânea” que, por meio da história oral⁶¹, parte integrante das “culturas minoritárias e dominadas” se opõe à “memória oficial” e privilegia os excluídos, marginalizados e minorias.

Muitas das línguas indígenas se perderam no tempo e foram extintas pois eram em sua maioria cultura oral. Ou seja, aquele conhecimento não foi escrito em forma alfabética. Era passada de geração para geração por meio da oralidade. Muitas coisas também eram transmitidas pela pintura⁶², entretanto, o que eu afirmo é que não houve a criação e sistematização de um alfabeto escrito que pudesse ser transcrito depois por outros povos. Ou seja, a comunicação e cultura ficavam restritas àquela comunidade e se perdeu com o tempo.

⁶¹ “A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas.” (POLLACK, 1989, p. 6)

⁶² Temos um exemplo atual. No dia 17/02/2022, após o falecimento do artista indígena Jaider Esbell, eu fiz uma visita a artista e ativista Daiara Tukano, em seu apartamento em Brasília-DF, para convidá-la para fazer parte do meu projeto AITP com mais de 50 pessoas. Ficamos mais de 4h conversando e eu expliquei todo o projeto AITP, os passos, a importância de uma obra monumental e transdisciplinar sobre a cultura brasileira, as etapas para captação de recursos e aplicação destes na realização do projeto. No dia 12/10/2022 ela estava abrindo uma exposição com mais de 50 profissionais, intitulada “*Nhe'ê Porã: Memória e Transformação*”, com um robusto patrocínio, no Museu da Língua Portuguesa, na cidade de São Paulo (SP). Coincidência ou não, foi uma bela e importante exposição. No site da exposição Daiara disse, “Colocamos em debate o fato de que somos descritos como povos ágrafos, sem escrita, mas nossas pinturas também são escritas – só que não alfabéticas”. É realmente um pensamento interessante pois ela tenta colocar o grafismo e pinturas indígena no mesmo patamar da escrita, e, em um momento tão confuso com a expansão de conceitos como o que vivemos atualmente, faz sentido, principalmente, para a sociedade em geral que não estuda sobre o tema e é o público do Museu. Entretanto, por mais que as pinturas indígenas assim como a escrita visam estabelecer comunicação existe uma grande diferença entre pintura e escrita. Escrita é isso e pintura é isso. Outro elemento fundamental aqui é a comunicação. Só existe comunicação quando existe o entendimento por parte do receptor da informação. Se a Daiara tivesse colocado “(...) nossas pinturas são uma forma artística de escrita (...)”, ou, “são pictogramas” estaria correto, no meu ponto de vista. Contudo, isso não seria o bastante para que as culturas, tradições e línguas ainda estivessem vivas, como de fato não estão. Essa vontade de fazer de alguns colegas muitas vezes adentram no que chamamos de lacração. Mas, a Daiara entendeu a importância da escrita e da apresentação de uma rigorosa planilha orçamentária para captar recursos.

Pela não publicação perdemos inúmeras culturas e línguas de povos indígenas. Essa é uma das motivações na construção deste projeto e no empenho em publicar em formato de livro.

Este projeto se originou em entrevistas audiovisuais que foram transcritas, ou seja, transpostas para a linguagem escrita, e que representam uma memória transmitida pela oralidade. Há uma inversão sistêmica, de memória subterrânea para “memória oficial”, “memória nacional”. Buscamos adentrar nas batalhas de narrativas, enquadramentos e reescritas da memória coletiva tão em voga nas discussões contemporâneas e contribuir para romper com signos e símbolos de uma memória elitista ligada à aristocracia que continuamente oprime povos e raças.

Continuando no pensamento da escola francesa, o historiador Jacques Le Goff (1996), ao analisar a historicidade da memória coletiva humana, afirma que ela é construída no decorrer do tempo pelos documentos e pelos monumentos. Le Goff (1996) entende que não há distinção entre documentos e monumentos, sendo o documento um monumento, pois o autor do documento cria a partir de uma estrutura de poder, política, econômica, artística ou qualquer outra manifestação escolhida por quem o produz. Não existe abstração na hora de compor o documento, mas sim, total controle e prudência naquele momento para se dizer o que se quer dizer.

O historiador e teórico da fotografia, André Rouillé (2013), também aborda a questão relacionada à deriva dos documentos que são cada vez mais digitais e convertidos em imagens. O autor cita Michel Foucault para explicar que, atualmente, as imagens seguem um fluxo inverso àquele que a história havia presenciado até então. Se, tradicionalmente, a história memorizava documentos do passado e os transformava em monumentos, hoje seria o inverso: os monumentos são transformados em documentos. Esse é o eixo central da crise fotografia-documento, que oscila entre a lógica documental única e verticalizada e a lógica documental múltipla, móvel e fluida, a qual a sociedade e a arte do século XXI⁶³ estão incorporadas e que é uma das bases de pensamento para criação desta obra monumental e enciclopédica.

⁶³ Venturelli (2004) entende que os avanços tecnológicos proporcionaram novas formas de se fazer arte e que as vanguardas dos movimentos artísticos buscaram incorporar novas técnicas e ferramentas em suas criações. Explicita que os movimentos artísticos do século XX, de modo geral, introduziram na arte o desejo pelo novo e rejeitaram cânones de uma tradição determinada pela classe burguesa. Por novas tecnologias entende-se a fotografia, o cinema e o vídeo, e por tecnologias contemporâneas, as computacionais. Venturelli (2016)

O Artista, o historiador, o arqueólogo e o etnógrafo

No âmbito da história da arte e das disciplinas em geral, as definições das “outras” disciplinas são de certa forma incompletas, algumas vezes feitas em forma de “máximas”, o que impede a total integração transdisciplinar e transversal dos estudos. Como exemplo, cito as definições sobre arqueologia, etnologia e antropologia realizadas pelo crítico e historiador da arte, o norte-americano, George Kluber, no seu texto “A Forma do Tempo – Observação sobre a história dos objetos”. Isso se faz cotidianamente nas Universidades. O pesquisador, na maioria das vezes, jovem, quer falar de algum tema, como por exemplo ecologia, que está em alta, entretanto, nunca cursou uma disciplina sobre a matéria. Essa perspectiva deve ser revista e o pesquisador deve estar sempre se reciclando e buscando conhecimento em outros campos.

George Kluber (1990) no seu texto “A Forma do Tempo – Observação sobre a história dos objetos”, traz uma conceituação incompleta, para os dias atuais, sobre arqueologia e antropologia. Claro que já é um texto antigo, entretanto, ainda utilizado. E como no decorrer do seu estudo ele faz diversas comparações entre arqueologia, antropologia, história e história da arte, principalmente sobre o uso dos objetos e os vestígios históricos, dentre outros temas, como a função do historiador, definições para cientistas e artistas. Eu senti a necessidade de ir em outros textos, principalmente da antropologia, para esclarecer algumas dúvidas que irei pontuar no decorrer da minha breve apresentação. Kluber (1990, p. 13-14) diz que é necessário encontrar melhores processos de abordagens de tudo o que o homem tem feito. Como ponto de partida, a arte, não o uso dos objetos. Os vestígios da história oferecem objetos desejados feitos pelo homem. Nossa sobrevivência depende de objetos pertencentes a segmentos identificáveis do passado. Para o autor, os processos que usamos para descrever este passado visível são ainda extremamente inadequados. A Arqueologia e a Etnologia abordam a cultura material em geral. A História da Arte aborda os produtos menos úteis e mais expressivos da indústria humana. É um pensamento interessante, entretanto, incompleto para os dias atuais. Kluber (1990) diz que o historiador narrativo tem sempre o privilégio de decidir como unir ou separar as continuidades. O autor propõe uma análise histórica por meio da análise das clivagens,

complementa que uma das principais características da arte do século XXI é a liberdade em relação a todo controle autoritário em prescrever normas racionais pela estética e tem como objetivo desenvolver na estética a força da reflexão e, assim, romper com a alienação das massas.

divisões, ou momentos de separação de diferentes tipos de acontecimentos históricos que possam vir a se encaixar.

Os arqueólogos e os antropólogos classificam as coisas pelos usos que elas têm, depois de separarem cultura material e mental, ou objectos e ideias. Os historiadores de arte, que separam produtos úteis e produtos estéticos, classificam estes últimos consoante os tipos, as escolas e os estilos. (KLUBER, 1990, p.15).

Após ter lido o texto de Kluber (1990) eu busquei maiores informações no departamento de Antropologia da Universidade de Brasília – UnB. O professor do Departamento de Antropologia da UnB, Luiz Cayón (2020), diz que a arqueologia trabalha com restos materiais, sim, mas a partir deles, dependendo do contexto, é possível trabalhar questões como troca, ideologia, etc. Já a etnologia não se limita à vida material, pois se centra na comparação de diferentes estruturas sociais e cosmológicas e vai entender a cultura material como integrada a esses sistemas mais amplos. Para Cayón (2020) o estudo de Kluber (1990) tem um olhar anacrônico e está pensando mais no evolucionismo cultural sobre o que fazem a arqueologia e a etnologia, pois, de acordo com Cayón (2020), pelo menos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, na antropologia, ninguém está interessado em inventários (ou sim, àqueles que ainda acreditam no evolucionismo cultural). Para o antropólogo, a história só é percebida “em situação”, enquanto processo vivido, pois as percepções das experiências individuais são distintas e singulares e têm significados diferentes para cada indivíduo. Por meio do estudo transdisciplinar exposto acima, nós criamos e executamos o projeto “Arte e inovação em tempos de Pandemia”. O projeto nasce dentro do contexto e perspectiva da cultura digital, das humanidades digitais e da minha experiência vivida .

Do Virtual para o Real: da teoria para a prática

O projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia - AITP” iniciou-se como um projeto de lives em meio a pandemia de Covid-19 e se expandiu para uma publicação com mais de cinquenta autores de diversas áreas do conhecimento e das mais prestigiadas Instituições de Ensino Superior do mundo. Um espaço criado no ciberespaço, estruturalmente pensado de forma transdisciplinar e com caráter inclusivo. Tendo como objetivo agregar e gerar conhecimentos nas diversas áreas que compõem a heterogeneidade da nossa sociedade, principalmente a brasileira, eixo essencial e foco do trabalho. Todo processo é desvelado à luz

de importantes conceitos teóricos nas esferas da Arte, do Direito, Filosofia, Cultura Tradicional, Desenvolvimento Sustentável, Cultura Digital, Inovação e Serendipidade.

Este espaço de pesquisa só foi possível graças à mobilização colaborativa e afetiva da rede Media Lab/BR⁶⁴, da Universidade de Brasília – UnB e do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM/UnB⁶⁵. A Universidade assumiu seu papel histórico de vanguarda dentre as Instituições de Ensino Superior do Brasil se articulando e agindo de forma célere em combate à pandemia. Foram lançados editais de fomento para que técnicos e professores pudessem desenvolver pesquisas e ações contra o avanço exponencial do Vírus. Este foi um dos projetos contemplados no Edital Comitê de Pesquisa, Inovação e Extensão de combate à Covid-19 (COPEI – DPI/DEX/UnB) – Apoio à execução de projetos de pesquisas científicas, tecnológicas, de inovação e de extensão de combate à Covid-19. O projeto também foi aprovado no Edital da Lei Aldir Blanc Gran Circular, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF). Após essa etapa de aprovação o projeto foi apresentado ao colegiado do CEAM e aprovado por unanimidade, assim como, foi aprovado pelo Media Lab/BR para realização das lives nas suas plataformas de redes sociais, Instagram e Youtube. O projeto foi aprovado também no edital Aldir Blanc da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Turismo e Cultura do Estado do Tocantins – Adetuc como Arte e Inovação em Tempos de Pandemia: edição Tocantins. Foi Realizado com artistas Tocantinenses (Estado da Amazônia Legal). As lives foram sobre temas diversos: artes visuais, audiovisual, teatro, dança, produção cultural, gestão pública na área da cultura, quadrinhos e etc.

Devido ao rápido avanço do Covid-19 em solo brasileiro, as pessoas ficaram mais em casa. A partir dessa condição de isolamento social foi pensado um produto cultural que chegasse aos lares das pessoas e amenizasse a dor do isolamento, trouxesse conforto, esperança, conhecimento, novas formas de pensar e reflexões acerca da nossa própria

⁶⁴ O Media Lab / BR é uma rede de laboratórios composta por - UnB, PUC-SP, Anhembi Morumbi, Instituto Mauá, UFG e UNIFESSPA. A rede Media Lab / BR se dedica à pesquisa, desenvolvimento e inovação em mídias interativas, com forte atuação cultural, social e artística, gerando impacto no desenvolvimento humano e científico.

⁶⁵ São 34 Núcleos Temáticos que compõem cinco Eixos Estratégicos que transversalizam projetos e ações estruturados por meio de linhas de pesquisa e atividade de ensino e extensão. Eixo de estudos em Direitos Humanos, Eixo de estudos em Políticas Públicas, Eixo de estudos em Contextos Regionais e Internacionais, Eixo de estudos em Linguagem, Comunicação, Cultura e Arte.

existência neste mundo, tendo como essência a cultura brasileira. Um produto que integrasse arte, cultura, ciência, inovação e estivesse ligado à vanguarda do pensamento acadêmico, o descolonialismo, o qual vem ganhando força mundialmente. Dentro deste pensamento, na fase das *lives*, foram produzidos conteúdos audiovisuais por meio de transmissões ao vivo com pesquisadores, artistas, membros de comunidades tradicionais e da cultura popular. Este projeto priorizou a geração, disseminação e democratização de conteúdo e conhecimento transdisciplinar para a sociedade de modo geral, contribuindo também para a promoção integral desses saberes. Foram realizadas 12 *lives* nas plataformas de redes sociais, Instagram e Youtube do Media Lab/BR. Posteriormente, foram realizadas mais 10 *lives* com artistas tocantineses.

O projeto se transformou em livro e busca além de tudo servir de material de referência histórica para futuras pesquisas sobre essa época turbulenta que vivemos. A heterogeneidade das temáticas visa a contribuir para um melhor entendimento conjuntural da nossa sociedade e do povo brasileiro no futuro. Este livro, este documento que se torna monumento, pretende contribuir para que no futuro possamos responder questões hoje impensadas. Para essa publicação foram convidados(as) autores de áreas diversas que somaram ao projeto inicial de *lives* qualidade artística e conhecimento transdisciplinar, modificando completamente o projeto inicial.

Como a obra coletiva cresceu bastante, ela foi subdividida em quatro seções. Então, convidei pessoas de universidades internacionais de diferentes países com um duplo intuito: dar visibilidade internacional para os autores e trazer mais pessoas para a obra e, assim, fazê-la entrar em círculos internacionais diversos. Nessa fase, convidamos prefaciadores estrangeiros que se interessassem pela cultura latino-americana, em específico, brasileira, para que os autores pudessem ter mobilidade internacional em suas obras e o livro ganhasse maior visibilidade e alcance. O ponto de partida foram os Centros e Institutos de pesquisa latino-americanos das Universidades de Stanford, Princeton e Duke, nos Estados Unidos da América e a Universidade de Auckland, da Nova Zelândia.

Após o contato com professores(as) e pesquisadores(as) dos Centros de Pesquisas sobre a América Latina, em específico o Brasil, que tinham interesse em participar da construção coletiva desta Obra, nós enviamos os materiais originais e acompanhamos a produção dos prefácios. Hoje, o livro está publicado em português pela Editora do Senado Federal Brasileiro

e está sendo traduzido para o inglês pela professora do departamento de Letras da UnB, Profa. Elisa Teixeira que faz parte do projeto Translate-a-thon, onde alunos da Universidade de Michigan nos EUA se candidatam para traduzir obras estrangeiras. Concomitantemente estamos selecionando trechos importantes das entrevistas (das lives que originaram o projeto) para transformar em Reels legendados em inglês com foco nas plataformas de mídias sociais, e, assim, ocupar os espaços que estão disponíveis para quem produz conteúdo de valor cultural e educativo, visando a produção de conhecimento de qualidade.

Arte e Inovação em tempos de Pandemia: um bloco de sentimentos

A ideia inicial do livro AITP era uma publicação única. Um só volume com 4 seções organizadas pela cronologia que eu fui pensando à época. Devido a emergência que a temática pedia a Obra original “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”, apresentei a publicação para o Centro de Estudos Multidisciplinares da UnB com intuito de publicar como Cadernos do Ceam. Concomitantemente, eu fiz uma pesquisa nas principais e mais prestigiosas universidades do mundo (respaldado pelos rankings acadêmicos internacionais), de quem eram os diretores dos centros de pesquisa da América Latina nestas Instituições. Achei as autoridades nas áreas das Artes Visuais, Letras, Desenvolvimento Sustentável, Direito, Inovação e etc. Após localizar esses mestres do conhecimento eu entrei em contato e apresentei o projeto e consegui 5 pareceristas que se interessaram pela temática e pela proposta do projeto. Já com os pareceres de autoridades internacionais do conhecimento, nós conseguimos um espaço de destaque para lançar 4 números dos Cadernos do Ceam. O que nos honrou muito pois somente os principais pesquisadores da UnB publicaram nestes Cadernos. Contrariando a ideia inicial do projeto, a publicação foi dividida em 4 volumes para se adaptar ao formato editorial de publicação dos tradicionais cadernos do Ceam. Nesta fase de encontrar um local para publicar tivemos que trabalhar muito nossas habilidades políticas e acima de tudo acreditar no projeto e na nossa capacidade.

Subdividimos cada livro por volumes para que pudesse ser publicado. Arte e Inovação em Tempos de Pandemia 1 – Lives, Arte e Inovação em Tempos de Pandemia 2 – Artes Visuais, Arte e Inovação em Tempos de Pandemia 3 – Artigos, Arte e Inovação em Tempos de Pandemia 4 – Poesias. Para cada capa desta edição foi utilizada uma arte do Artista Indígena

Jaidier Esbell, *In Memorian*. Como nós desde o início havíamos pensado o formato do livro de uma forma desmembrada e independente, que é como a estrutura do meu pensamento funciona, e, também, como as características do nosso tempo acontecem, de forma rizomática e desierarquizada, o livro já nasceu em um formato pronto para se adequar aos inúmeros suportes midiáticos que existem. Cada capítulo do livro foi criado de forma autônoma para que pudesse, se, desmembrada, ficar de pé e caminhar sozinha. Pensar a publicação desta forma nos poupou tempo e nos fez estar preparados para as oportunidades que foram surgindo.

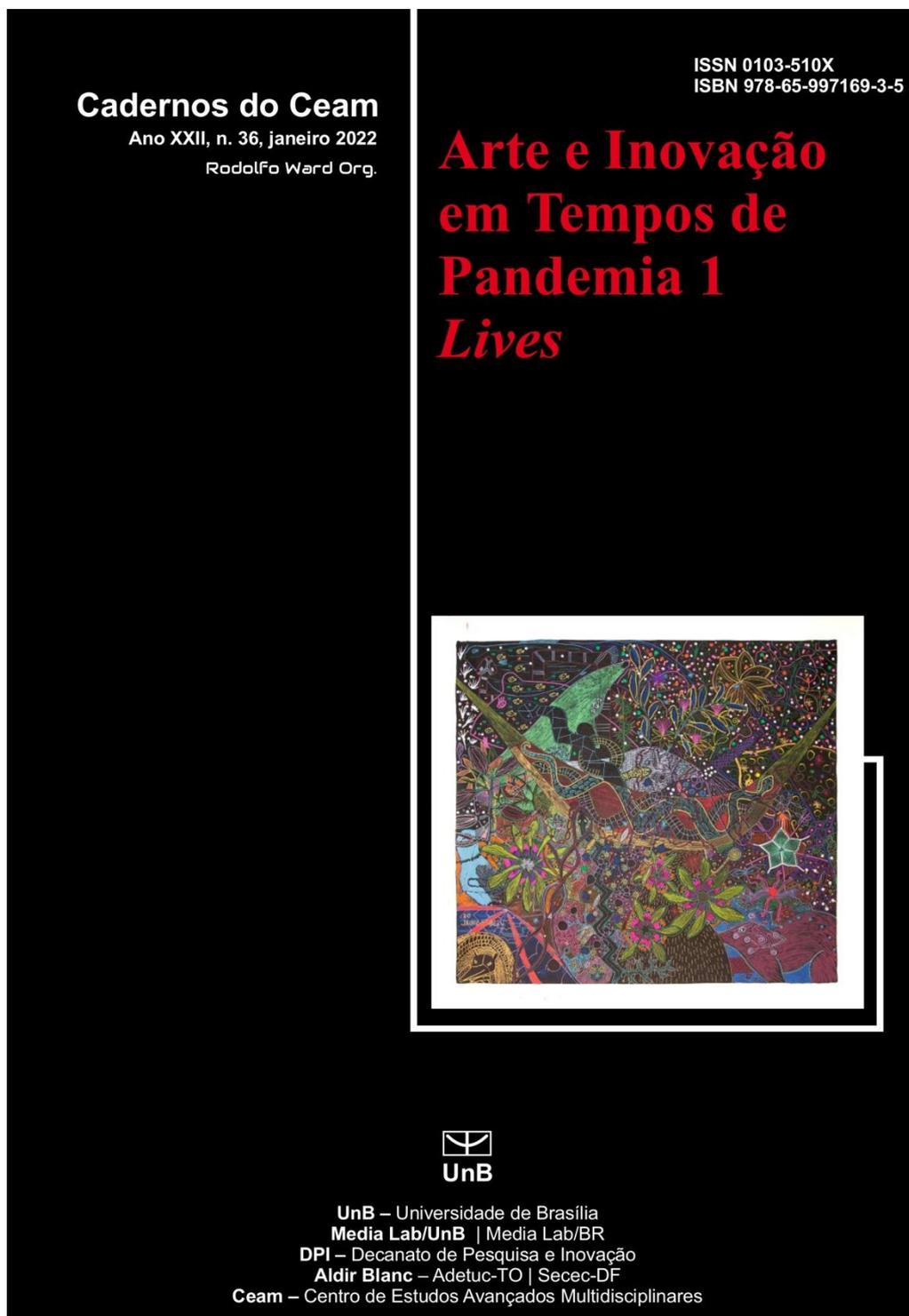
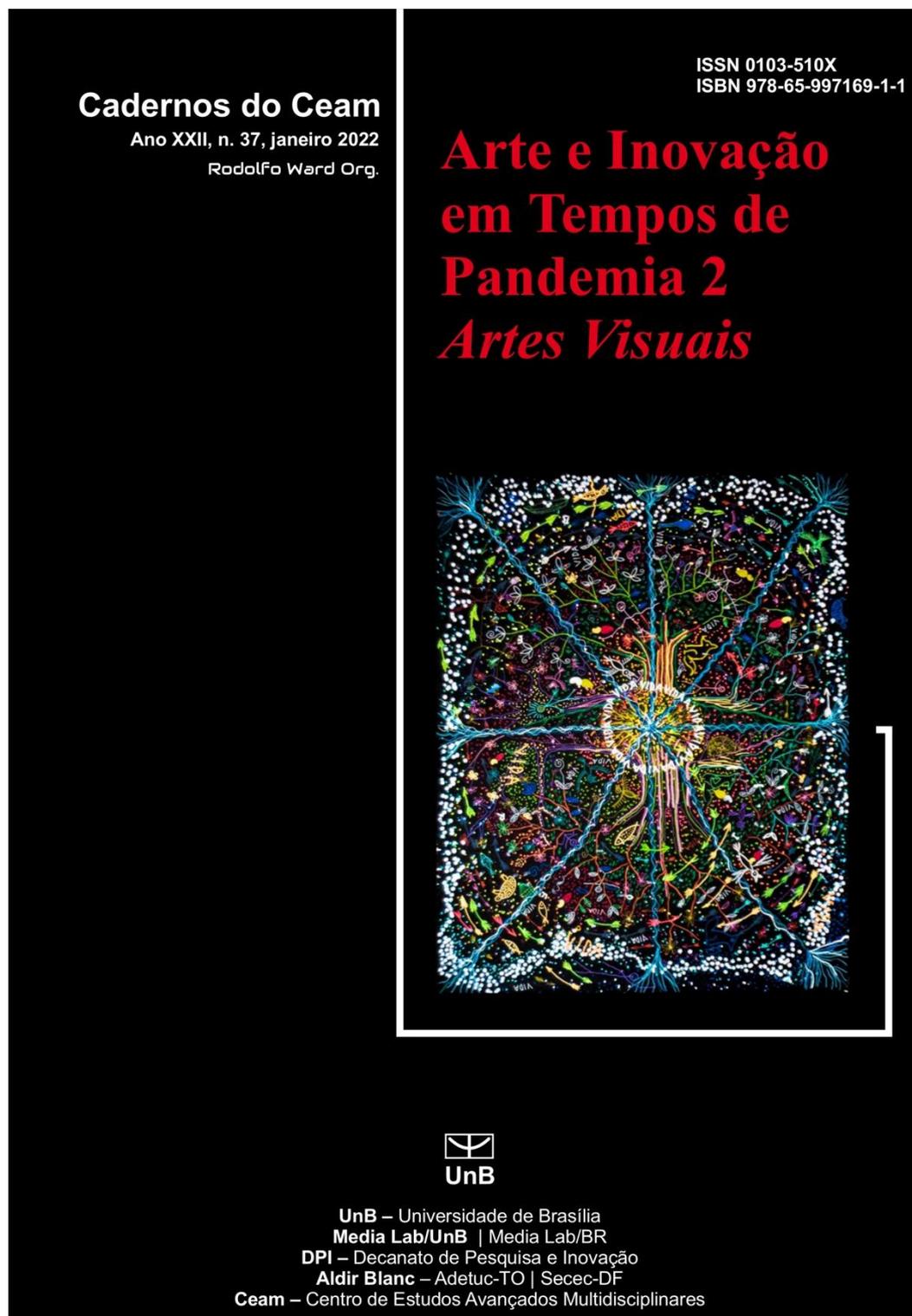
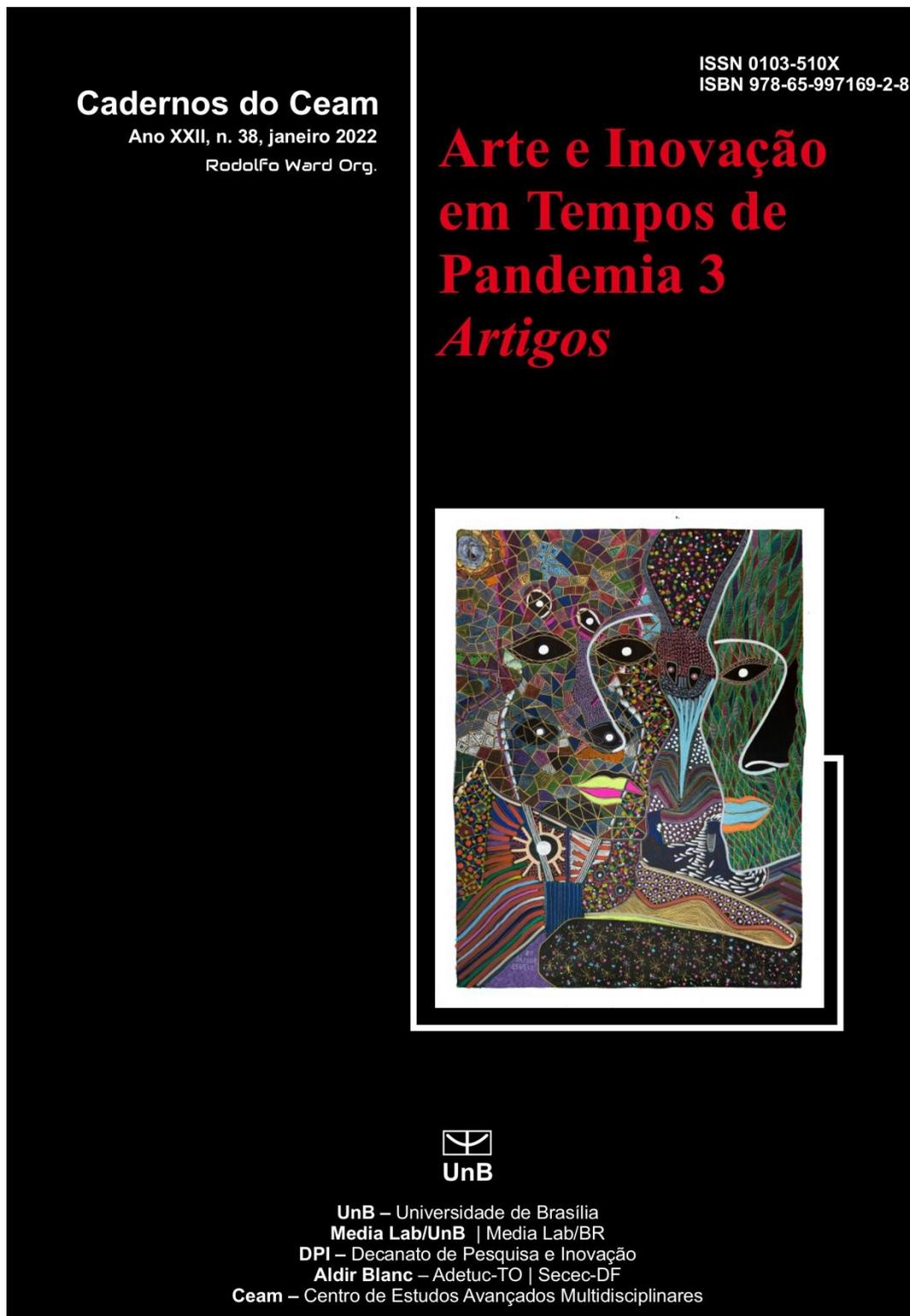


Imagem 13: Capa do Livro Arte e Inovação em Tempos de Pandemia.



Figuras 14: Capa do Livro Arte e Inovação em Tempos de Pandemia.



Figuras 15: Capa do Livro Arte e Inovação em Tempos de Pandemia.

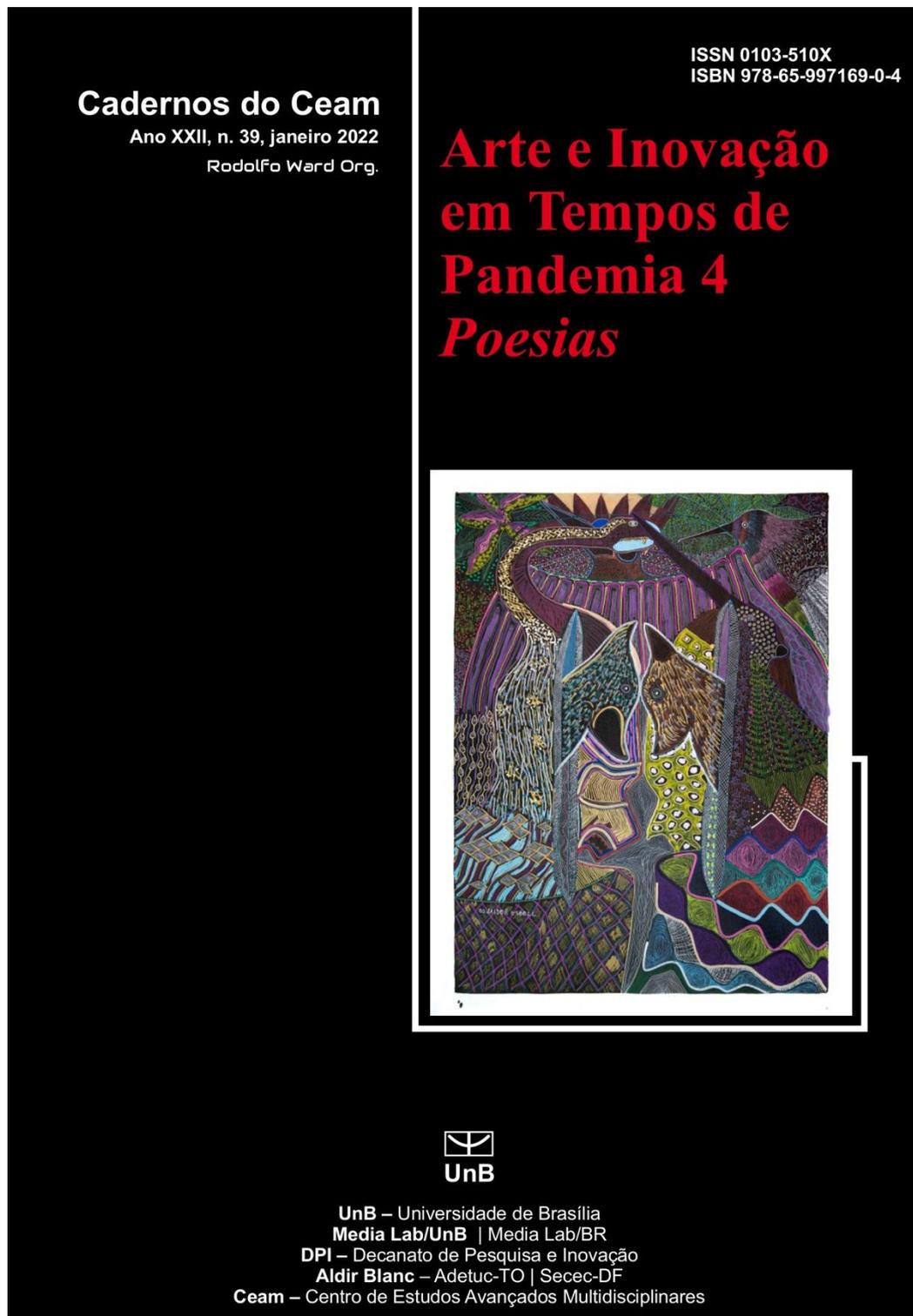
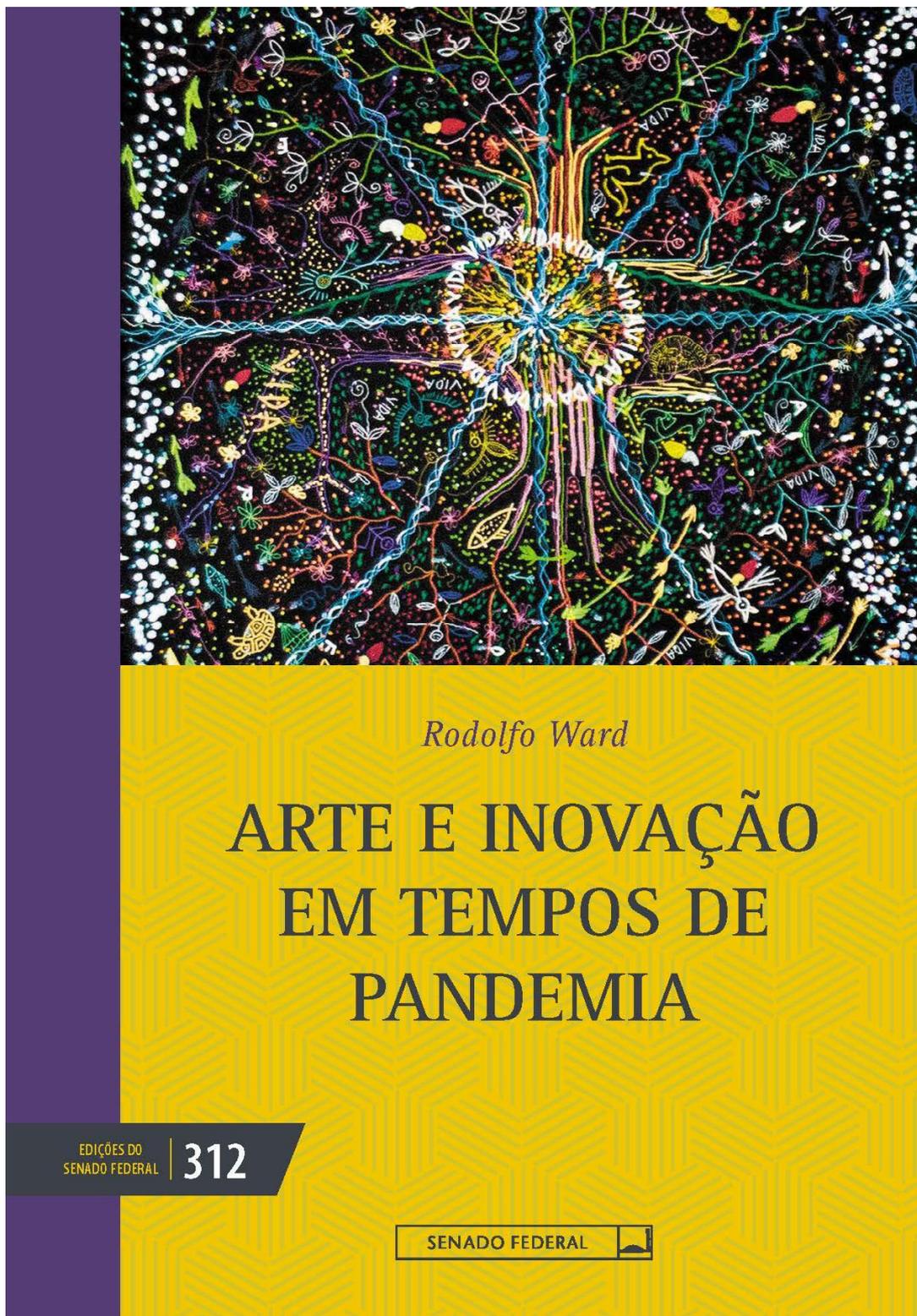


Imagem 16: Capa do Livro Arte e Inovação em Tempos de Pandemia.

A obra havia sido publicada, entretanto, não como eu havia idealizado. Então, apresentei para o Conselho Editorial do Senado Federal, que para minha sorte, tinha um seletivo e transdisciplinar grupo de pareceristas no biênio 2023/2024. A obra foi aprovada e seguiu o fluxo tradicional da Editora para publicação. Como já havia publicado pelo Ceam/UnB, validado academicamente a Obra, eu já estava mais tranquilo neste momento e esperei a Obra que foi impressa em outubro de 2023. Vale ressaltar aqui que a Obra havia sido aprovada pelo conselho editorial, entretanto, devido ao teor do artigo da Profa. Valeska Zanello, que contém imagens, memes, machistas, eróticos e pornográficos, a Obra foi travada pela bancada moralista e evangélica do Senado, que, hoje ocupa um espaço grande na casa. O conselho editorial entrou em contato comigo solicitando uma decisão se tirava o artigo da Zanello, retirava as imagens ou cobria com uma tarja preta? Em conversa com a autora decidimos cobrir com uma tarja preta até com símbolo da censura. A experiência de criar, desenvolver, administrar e executar um projeto dessa envergadura, com pessoas de destaque em suas áreas, por um longo período de tempo foi sem dúvidas um grande aprendizado e também uma oportunidade para aplicar as teorias que tanto estudo. Retornando ao relato da Obra.

A obra Arte e Inovação em Tempos de Pandemia é um bloco de sensações e sentimentos que não pode ser dividido. A potência dela está aí. E por isso atraiu tantas pessoas interessantes. Estamos inovando, todo o projeto é fundamentado na cultura da inovação, na necessidade de se criar novas formas de pensar, novos produtos culturais e novas realidades. Está além do pensamento científico e adentra o artístico e filosófico.



Figuras 17: Capa do Livro Arte e Inovação em Tempos de Pandemia.

Para Deleuze e Guattari (1992) a filosofia inventa conceitos para resolver problemas relativos a acontecimentos da vida. Por esse viés entendemos que os conceitos são imanentes e devem ser criados para cada acontecimento específico. Os autores explicam que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”, sendo necessário determinar “uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão” (p. 10) do acontecimento que pretendemos solucionar.

Para que os conceitos sejam formulados com potência e possam ser assimilados pelos “outros” é necessário compor um cenário de formulação filosófica. Dentro deste cenário deve-se criar diálogos com personagens conceituais que irão proporcionar a evolução e a consistência do conceito. A composição do cenário e os componentes do cenário são importantes, uma vez que cada corpo possui capacidade singular de afetar outro corpo em um determinado momento. O momento de pandemia é um momento único que traz reflexões únicas. Neste momento único convidamos pessoas distintas de áreas diversas para nos ajudar a conceituar transdisciplinarmente este período histórico.

Deleuze e Guattari (1992) dizem que é necessário criar uma espécie de teatralização sobre o acontecimento para a criação do conceito e não apenas aceitar passivamente conceitos milagrosos.

Os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, ont-los, ontem-los, persuadindo Sobre a relação da amizade com a possibilidade de pensar, no mundo moderno, os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso. (NIETZSCHE APUD DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.11-12)

Os personagens conceituais aos quais os autores se referem seriam criações imagéticas de “amigos”, no plano imaginário, aos quais confidenciáramos e confiaríamos nossas ideias e pensamentos, contudo, sempre desconfiando desse suposto amigo para mantermos nossa liberdade criativa, de pensamento e de análise. Outra possibilidade de formulação filosófica seria a confrontação de determinado problema com um suposto inimigo, como um desafio, que instigue a evolução ou mutação e potencialize a formulação filosófica de conceitos. Sob esse prisma Deleuze e Guattari (1992) afirmam que o filósofo “é conceito em potência” (p. 13).

Se o filósofo é conceito em potência e o conceito é imanente ao ser, podemos chegar à conclusão de que cada indivíduo é capaz de criar seu próprio conceito. Por essa lógica, entendemos que não existe um conceito único, universal. Também podemos afirmar que os conceitos são formados por múltiplos componentes, sendo o momento um deles. Os múltiplos componentes se unem em um determinado momento para criar uma experiência que irá afetar cada corpo de uma forma diferente. Como resultado de cada uma dessas novas experiências, novas sensações, novos mundos são criados. Outra questão importante apresentada pelos autores

Por meio da análise do pensamento dos autores, chegamos à conclusão de que a realidade possui vários níveis e é múltipla e complexa, que por sua vez, cria um mundo múltiplo e complexo. E, a “ideia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição” (p. 27) do emaranhado de conhecimentos e ideias que formam a realidade. Com esse pensamento complexo que se forma e movimenta rizomaticamente Deleuze e Guattari (1992) rompem com a analogia da árvore do conhecimento do século XVII, de Descartes. A famosa imagem da árvore do conhecimento é composta por raízes que representam o pensamento metafísico, o tronco da filosofia e a partir dele as ramificações dos saberes em suas várias ciências.

Deleuze e Guattari (1992) distinguem de forma clara, ao mesmo tempo em que colocam no mesmo nível, os três tipos de pensamentos: o artístico, o filosófico e o científico. Para os autores, o pensamento filosófico é diferente do pensamento artístico, que por sua vez, é diferente do pensamento científico. Essa última forma de pensamento cria funções científicas. O pensamento filosófico cria conceitos existenciais para emancipar o indivíduo sobre os diversos problemas relacionados à vida e o pensamento artístico cria pensamento por meio de um bloco de sensações, um composto de “perceptos e afectos” que após criados passam a existir em si mesmos. Os afectos são precisamente devires não humanos do homem e os perceptos são paisagens não humanas da natureza. Torna o observador parte do composto de sensações.

Os perceptos e afectos após criados deixam de ser percepções ou sentimentos, pois evoluem e se tornam independentes dos componentes (artista, modelo, personagem, criador, espectador, auditor) e do momento em que foram criados. Para sua criação é necessário o artista. Entretanto, sua sobrevivência não está mais ligada a este e sim a duração do seu suporte

e materiais constitutivos. A única lei da criação é que o composto de afectos e perceptos deve ficar em pé sozinho para que se eternize.

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformarmos com eles, ele nos apanha no composto. (p. 227)

O nosso corpo sofre modificações a partir de encontros com outros corpos que se tornam impressões ou imagens chamadas de afectos. Para os autores, a mente está unida ao corpo. Um grande erro que cometemos é associar a imagem da alegria à imagem do corpo que nos afetou. Pois, como vimos, cada momento e cada experiência são diferentes. Afeto é a variação da nossa potência de agir e pode ser mais potente, que seria a felicidade e menos potente, que seria a tristeza. Um corpo pode afetar de forma mais potente em um determinado momento e menos potente em outro momento.

Afeto é o que afeta, é o que me move o ser humano. O desejo, a alegria, a tristeza e suas várias ramificações como a inveja, a soberba, o amor, a paixão. Por meio da experimentação de corpos, podemos conhecer diferentes tipos de afetos. O pensamento artístico consegue transformar as percepções em perceptos que criam afectos e se eternizam. A arte libera a vida aprisionada, quebra o hábito, propõe novas composições de afetos para o corpo e para a mente que passam a se sentir de outro jeito, liberta uma vida entristecida, ou, pode entristecer uma vida alegre. O artista na contemporaneidade tem buscado novas formas, vertentes tecnológicas, para produzir diferentes afetos.

A criação artística possui a capacidade de criar um bloco de sensações e afetar o outro produzindo um momento que se conserva e passa a existir em si mesmo, de forma independente. É esse pensamento que nos interessa na criação da obra Arte e Inovação em tempos de Pandemia. A arte é o que resiste à morte. Ao unir elementos artísticos com elementos filosóficos Deleuze e Guattari (1992) propõem um novo olhar e novas possibilidades para criação de conceitos que fogem da passividade e mera repetição de teorias e conceitos já criados e estabelecidos como verdade.

A liberdade humana vem do conhecimento dos afetos. Para isso, é importante saber como produzir afetos. A partir dos entendimentos deleuziano e gattariano (1992) que uniu arte, ciência e filosofia em conjunto com outra vanguarda do conhecimento, à emergente implantação da cultura da inovação tem seu curso estabelecido com o surgimento da obra *Arte e Inovação em Tempos de Pandemia*. A inovação vem para solucionar os problemas complexos do mundo contemporâneo, criar ou recriar modelos de negócios para satisfazer uma necessidade humana que ainda não foi satisfeita. Segundo o Manual de Oslo, documento central e amplamente utilizado em políticas públicas de estímulo à inovação tecnológica, inovação é “a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas” (OCDE, 2005, p. 55).”

Atualmente, a sociedade não se interessa mais por produtos acadêmicos e técnicos que se limitam a um pequeno número de indivíduos visto como “elite do conhecimento”. Povos tradicionais e ancestrais já criavam arte, ciência, tecnologia e filosofia há muitos séculos. A faca e o garfo, presente no nosso dia a dia, hoje, com novos designs, são ferramentas tecnológicas que tiveram grande importância na evolução humana. Desde contribuir para menos esforço na mastigação⁶⁶ até a possibilidade de cortar e separar a carne, facilitando assim, junto com a agricultura, que as pessoas se estabilizassem e formassem as primeiras comunidades. A cisterna é um outro exemplo de tecnologia social que salva milhões de vidas por ano em todo o mundo. Ciência e tecnologia ancestral. Não tem como dizer que essas tecnologias não foram testadas, experimentadas ou seguiram um método científico até chegar ao produto final, conhecido por nós. Dizer isso soa arrogante e prepotente. A sociedade indígena brasileira sempre repassou seu conhecimento pela oralidade e muito desse conhecimento científico foi apropriado por empresas que levaram para laboratórios.

⁶⁶ “Katherine Zink e Daniel Lieberman (2013) afirmam que as novas tecnologias da época possibilitaram cortar os alimentos e cozinhá-los evitando o grande esforço da mastigação o que resultou ao longo do tempo na diminuição dos dentes e dos músculos da face proporcionando o crescimento e desenvolvimento do cérebro, um dos diferenciais no desenvolvimento das sociedades contempladas com bons fatores climáticos e de matéria prima.” (WARD, 2019).

Para o ativista indígena Ailton Krenak (2020) “os brancos precisam aprender a pisar mais suavemente na terra”.

Se os brancos aprendessem a pisar suavemente na Terra, a gente não estaria vivendo a crise que nós estamos vivendo agora. Eu acho que é a maneira mais simples de ajudar a compreender a diferença entre a vida dos índios e dos não indígenas. O povo indígena concebe a vida na terra como uma dádiva, como um dom, que a gente deve fruir esse dom da maneira mais respeitosa com todas as formas de vida que viajam junto com a gente. O não-indígena acha que pode incidir sobre a vida na terra e governar a terra. A gente está vendo que a gente não governa nada. (KRENAK, 2020, ON LINE⁶⁷).

O olhar de Ailton Krenak traz reflexões acerca das graves consequências geradas pelo capitalismo sobre o meio ambiente, incluindo a atual pandemia do coronavírus, e que reverberam nas formas de existir da humanidade. Essa reflexão pode ser estendida para o tradicional modelo academicista eurocêntrico. Temos que pisar mais suavemente no campo do saber. O mundo é um sistema complexo e interligado. Os saberes se complementam. A estética e a poética devem estar inseridas neste contexto. Paulo Freire (1987, p. 68) nos disse: “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

O pensamento eurocêntrico academicista sobre a ciência, arte, tecnologia e filosofia, em partes, é errôneo e precisa ser descolonizado, aprimorado. Devemos sempre nos perguntar: “Quem tem o poder de validar o que é ciência, o que é filosofia e o que é arte? Hoje, caminhamos para que todos estejam conectados à internet, produzindo e compartilhando dados. Até pouco tempo, os dispositivos de telefone móvel serviam só para ligações (linguagem oral), depois veio a era das mensagens de textos (linguagem escrita), e hoje todos têm câmeras fotográficas (linguagem da imagem) e conectividade com a internet. A internet faz parte da vida cotidiana das pessoas, e a tendência é que cada vez mais nos conectemos a dispositivos ligados à rede e que conectemos dispositivos eletrônicos do nosso uso diário à internet, tornando a conectividade um espaço comum na construção social e na identidade do ser social, de forma a não mais existir distinção entre o “on-line” e “off-line”, “real” e “virtual”. “A internet deixa de ser apenas um instrumento e passa a fazer parte da ação política de uma ampla rede de atores sociais”.

⁶⁷ Disponível em: <<https://yam.com.vc/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou>> Acesso em: 19/05/2021.

A obra AITP nasceu pensada para ser amplamente compartilhada como livro digital. Pensada para seguir o ritmo deste tempo. Um esquadrão de pesquisadores e artistas brasileiro em um único lugar. Inovação do livro acadêmico ou retorno ao modelo dos grandes clássicos com um facelift para a estética da era digital. Se você é um pesquisador, um artista, um pensador, você é um criador de conteúdo e cabe a você definir qual é seu público alvo e qual o impacto você quer para o conteúdo que você produz. Quando fomos entrevistar o ex-reitor da UnB, Cristovam Buarque (2018), para o documentário de 30 anos do Ceam/UnB, ele disse algo que ficou gravado na minha memória: “Eu sou um fazedor de coisas”. Eu não sei bem o que eu sou, mas, me identifiquei com essa frase. Como artista, eu sou um fazedor de coisas em confluência com a estética do meu tempo⁶⁸.

HackerArtivista: ritmos e ações

Para essa pesquisa utilizamos o conceito de hacker do hacker e escritor americano Eric Raymond (1996) que vai além da imagem difundida pela mídia convencional, que frequentemente os retrata como invasores irresponsáveis de sistemas computacionais. Na verdade, os hackers, em contraste com os crackers⁶⁹, rejeitam essa abordagem. Eles são parte de uma cultura originada das interações entre programadores online, focada em valores e crenças que priorizam a inovação. Essa cultura hacker desempenha um papel fundamental na criação de uma análise mais profunda sobre produtos empresariais ligados à disseminação das tecnologias da informação no tecido da sociedade capitalista, ou seja, no "mundo dos átomos". Um hacker é um indivíduo com habilidades avançadas em computação e tecnologia que utiliza seu conhecimento para explorar sistemas, entender seu funcionamento interno e encontrar

⁶⁸ Venturelli (2004) entende que os avanços tecnológicos proporcionaram novas formas de se fazer arte e as vanguardas dos movimentos artísticos buscaram incorporar novas técnicas e ferramentas em suas criações. Explicita que os movimentos artísticos do século XX, de modo geral, introduziram na arte o desejo pelo novo e rejeitavam cânones de uma tradição determinada pela classe burguesa. Por novas tecnologias entende-se a fotografia, o cinema e o vídeo, e por tecnologias contemporâneas, as computacionais. Venturelli (2016) complementa que uma das principais características da arte do século XXI é a liberdade em relação a todo controle autoritário em prescrever normas racionais pela estética e tem como objetivo desenvolver na estética a força da reflexão e assim romper com a alienação das massas.

⁶⁹ De acordo com Raymond (1996) um cracker é um indivíduo que utiliza suas habilidades em computação para invadir sistemas de computadores ou redes, geralmente com intenções maliciosas, como roubar informações confidenciais, danificar dados ou causar interrupções nos sistemas. Diferentemente dos hackers, os crackers têm como objetivo principal comprometer a segurança de sistemas de maneira ilegal, muitas vezes visando benefício pessoal ou causando prejuízos a terceiros.

soluções inovadoras para problemas complexos. Ao longo do tempo, a definição de hacker evoluiu para incluir diferentes categorias, como hackers éticos (que procuram melhorar a segurança de sistemas), hackers ativistas (que usam suas habilidades para promover causas sociais) e, infelizmente, também os crackers (que usam suas habilidades de forma ilegal, invadindo sistemas para fins maliciosos). Em geral, o termo hacker é associado a uma expertise técnica notável, criatividade e curiosidade para explorar e entender profundamente os sistemas tecnológicos. Já o artista é um indivíduo que emprega meios artísticos e criativos para expressar suas visões, opiniões e demandas em relação a questões sociais, políticas ou culturais. Esse termo deriva da combinação das palavras "artista" e "ativista", refletindo a prática de usar a arte como uma ferramenta de engajamento e transformação social. Os artistas usam diversas formas de expressão artística, como pintura, música, poesia, teatro, performance ou mídia visual, como uma maneira de transmitir mensagens, provocar reflexões e catalisar mudanças na sociedade. Seu objetivo principal é criar impacto social positivo por meio da arte e da expressão criativa.

A conexão entre o hacker e o ativismo se manifesta na forma como essa cultura questiona e desafia a estrutura estabelecida, buscando criar impacto e mudança não apenas no ambiente digital, mas também no mundo físico e social. Hackerativismo é a convergência dos princípios do hackerismo com os ideais do ativismo, formando uma prática que busca a transformação e a conscientização social por meio da tecnologia, da inovação e da ação criativa. Essa abordagem combina as habilidades técnicas e o conhecimento computacional dos hackers com a intenção ativista de promover mudanças positivas na sociedade. O hackerativismo procura utilizar a expertise em sistemas e redes para desafiar estruturas de poder, defender a liberdade de informação, promover a transparência e a justiça social, além de estimular a participação cívica e a expressão criativa. Ou seja, está ligado à formação de juízo de valor, a integração intelectual e mobilização da consciência que forma o pensamento estético do indivíduo. É uma definição contemporânea que está ligada aos ritmos e a estética da era digital.

No início do século XX, o antropólogo francês, Leroy-Gourhan⁷⁰ (2002), em seu livro “O Gesto e a Palavra – Memórias e Ritmos”, mais precisamente no capítulo XI, “Os

⁷⁰ O antropólogo francês, André Leroy-Gourhan dá continuidade a famosa tríade epistemológica de “montagens psico-físio-sociológicas de séries de atos” de seu orientador, Marcel Mauss, “articulado de maneira original à

fundamentos corporais dos valores e dos ritmos”, explica os diversos componentes dos equipamentos sensoriais dos mamíferos que juntos formam um “maravilhoso” aparelho de transformação de sensações em símbolos, e que, “tudo no homem é assimilável às diligências do pensamento esteticamente construtivo”. O autor afirma que a estética se baseia na consciência do homem, na sua capacidade de formar juízo de valor sobre as formas e sobre os movimentos, ou sobre os valores e sobre os ritmos, sendo necessário entender as fontes de que ele irá beber para criar sua percepção do movimento e das formas. O homem, com exclusão da sua integração intelectual e mobilização da consciência, possui sua máquina animal idêntica aos outros mamíferos se sujeitando ao “movimento da digestão”, comendo a horas fixas, “acompanhando a multidão, e tal como um carneiro, o ritmo do passo coletivo” (LEROY-GOURHAN, 2002, p. 85).

Gourhan (2002) nos apresenta seus estudos a respeito de suas definições para espécie e etnia. Para o autor, desde o início do século XVIII a filosofia se encontra dividida no que diz respeito às relações entre sociedade animal e sociedade humana, criando “duas posições em confronto: a da identidade essencial dos dois mundos, animal e humano, e da sua desigualdade” GOURHAN (p.11). Esses dois pontos de vista se entroncam numa mesma corrente que remontam “as origens da filosofia: a percepção das oposições entre material e espiritual” GOURHAN (p.11). No decorrer dos séculos essa percepção foi se moldando aos mais variados pensamentos de cada época, das mais remotas metafísicas, passando pelos mais variados invólucros ideológicos até a sociedade contemporânea, “a oposição entre natureza e cultura, zoológico e sociológico ressurge constantemente” (p.11).

Gourhan (2002) afirma que, levando em consideração a opinião sobre o mundo animal, de povos desde os australianos até os siberianos orientais, pode-se constatar, fundamentalmente “que não existe qualquer diferença de essência entre o animal e o homem, que ambos são dotados dos mesmos meios intelectuais e que, as suas reações, ao longo de toda mitologia, admitem a paridade entre animais e homens e a possível continuidade das suas relações”. Essa afirmação se torna muito clara quando pensamos sobre as tradições populares, os contos, os mitos, as lendas, sejam brasileiras, europeias ou norte- americanas, em que “os animais falam

dimensão estética, então inédita” se tornando o pai da “Antropologia Técnica ou Antropologia das Técnicas” (Garrabé, 2012, p. 67).

e se insinuam no desenrolar dos comportamentos humanos”. Para o autor, isto está ligado ao antropocentrismo que é extremamente frágil em sua tentativa de “separar radicalmente o animal e o humano a partir da oposição entre instinto e inteligência”. Para essa análise, ele trabalha sua teoria em dois campos distintos, o pensamento mitológico e o pensamento científico.

Para o autor, no domínio do pensamento mitológico, por mais que o animal e o homem possuam essência análoga, a partir de um determinado momento, seus caminhos se distanciam. Os animais só são humanos quando estiverem despojados de seu invólucro animal. Enquanto estão revestidos de seus invólucros assumem seus comportamentos específicos, assim como o homem assume o comportamento específico da sua etnia ou da sua classe social quando fazem uso dos seus “atributos vestimentares característicos” (p. 12). Isso nos faz refletir sobre as pinturas corporais e adereços utilizados pelos povos indígenas brasileiros. Para cada ocasião existe um tipo de pintura corporal e adereços simbólicos tradicionais utilizados em momentos de comunhão do grupo em atividades culturalmente estabelecidas naquele agrupamento humano específico. Essas tradições culturais foram repassadas por gerações na maioria dos casos pela oralidade. Hoje, temos uma realidade completamente diferente referente à transmissão da cultura destes povos que têm cada vez mais utilizado recursos audiovisuais para repassar essas informações.

Os atributos vestimentares característicos e um pensamento antropocêntrico que “revela a percepção da divisão de mundo vivo em unidades sociológicas distintas nos seus hábitos e atributos externos, contrapartida da identidade dos seres no seu estado natural” (p. 12). Para o autor, essa visão colabora com o fato real que é a separação do homem físico e seu invólucro social, tornando-o extensivo ao mundo animal aquilo que é próprio do ser humano, e permitindo analisar o fato essencial do duplo pertencimento do homem ao mundo zoológico e ao mundo sociológico.

Por outro lado, também permite definir um novo fato essencial, o de que os seres apenas são humanamente significantes através do comportamento próprio do seu grupo e, se tiver em conta a assimilação feita nos mitos entre animais e autênticas etnias, ela acaba por conduzir a constatação do caráter determinante da especificidade étnica” GOURHAN (p. 12).

Já no domínio do pensamento científico, Gourhan diz que nos últimos dois séculos a ciência tem dado ênfase a duas vias diferentes, sendo elas: a procura das “funções do instinto e da inteligência, e uma “tentativa de demarcação entre o natural e o cultural” GOURHAN (p. 12). A primeira, instinto vs. Inteligência, foi seguida pela psicologia animal, e a segunda, natural vs. Cultural, pela etnologia. Entretanto, mais adiante, o autor chama a atenção para uma terceira via, uma possível terceira solução para explicar a evolução das sociedades antropianas: o agrupamento social. Esta terceira hipótese une simultaneamente o zoológico e o social, em um corpo de tradições que seria o suporte para a sobrevivência do grupo, seja ele animal ou humano. Entender o problema de como se constituiu o agrupamento social se torna mais importante para o autor do que entender os problemas de animalidade vs. Humanidade e os problemas instinto vs. Intelecto.

Com efeito, para um observador exterior nada há de comum entre uma sociedade de formigas e uma sociedade humana a não ser a existência de tradições que asseguram, de uma geração para outra, a transmissão das cadeias operatórias que permitem a sobrevivência e o desenvolvimento do grupo social. GOURHAN (p. 13).

Para ele, a sobrevivência do grupo só é possível por meio dessa verdadeira memória social e, a partir daí, de uma espécie de coesão social, só possível por uma memória social, que forma determinado grupo, seja ele animal ou humano. A partir da definição do grupo você pode discutir as identidades, diferenças, comportamentos e etc. dentro deste grupo.

No caso do grupo animal, “esta memória específica a cada espécie baseia-se no aparelho extremamente complexo do instinto”. Já para os antropídeos, essa “memória específica de cada etnia baseia-se nesse aparelho não menos complexo que é a linguagem” Gourhan (p. 13). O autor adentra em um estudo muito importante para essa pesquisa ao estabelecer um confronto de análises entre instinto e linguagem ao invés de instinto e inteligência. Ele tenta demonstrar que existe uma forma particular de memória que formam dois distintos grupos de tradições. Um grupo de tradições constituiriam e dariam forma ao agrupamento animal, que ele denomina espécie, e o outro grupo daria forma ao agrupamento humano, denominado etnia.

Para o autor, o organismo social regido pela cultura moderna passou por um processo de racionalização que separou os domínios da religião dos domínios da estética colocando o indivíduo numa “situação favorável ao bom funcionamento do dispositivo sociotécnico. Sendo

que, a sociedade domina os indivíduos através do condicionamento rítmico, uma espécie de “acertar o passo”, a uniformização rítmica, a incorporação dos indivíduos numa multidão condicionada em busca de uma “uniformidade política”, criando o comportamento das multidões que avançam (como um só homem)”.

Ao abordarmos a questão temporal e rítmica, podemos trazer o exemplo do estudo das pesquisadoras Flávia Mello e Maria Darella (2005) sobre as comunidades Guaranis e o processo de duplicação da BR-101 em Santa Catarina. A BR-101 é uma rodovia que corta o litoral do Estado de norte a sul. Tem início no estado do Rio Grande do Norte, e termina no Rio Grande do Sul. São 4.650 km de extensão. A ocupação Guarani naquele território é de vários séculos, igualmente revigorada pela mitologia e a etnohistória Guarani. Inclusive deram nome a vários rios, municípios e etc. O planejamento e execução da rodovia refletem um longo histórico de expropriações territoriais e de desrespeito aos direitos das populações tradicionais que Silvio Coelho dos Santos chama de “tradição perversa”. Não iremos nos aprofundar nessa questão da “tradição perversa” porque o que nos interessa neste artigo é falar sobre a temporalidade e ritmo.

Tradicionalmente, na cultura Guarani, eles ocupam uma faixa territorial e se movimentam nesse território de forma circular. Os grupos familiares se movimentam esporadicamente. Essa movimentação está ligada ao tempo da terra. O tempo do cultivo e das forças naturais. Nessa faixa territorial estão os elementos para sua subsistência. Eles não abandonam esse território. Não é nomadismo, é um movimento seguindo o ritmo da natureza. Entretanto, para o projeto desenvolvimentista de implantação da BR-101, o fato desse deslocar abriu espaço para que a BR-101 cortassem suas terras causando grande impacto em seu modo de vidas por inúmeros fatores que não iremos aprofundar pois não é o foco deste estudo. O que queremos refletir é como os Guaranis ainda hoje tinham um próprio tempo ligado ao tempo da “mãe terra” e não aos projetos desenvolvimentistas ligados à economia.

Ainda para o autor, uma das características que difere o ser humano dos outros mamíferos é a conexão da sua vida mental a aparelhagem simbolizante que o permite viver a vida sensitiva em toda sua dimensão. Esse sistema humano de referências sensoriais que possibilita a análise estética comportam a ação como o retorno da reflexão. Contudo, o autor diz que é necessário refletir sobre uma segunda linha de pensamento que questiona se o

pensamento estético não se interrompe precisamente onde começam os comportamentos “naturais”, além disso, mesmo que o pensamento possa efetivamente assegurar uma certa consciência do vivido, o equipamento sensorial também atua a um nível infrassimbólico, como o caso do gosto, o qual não se consegue dar a imagem e só pode ser reconstituído por si só. Para o autor, o comportamento estético não está confinado à criação da obra de arte, entretanto, “A criação figurativa é o principal elemento da libertação individual, enquanto o comportamento técnico ou social é vivido de acordo com normas coletivas que implicam uma execução uniforme” (LEROY-GOURHAN, 2002, p. 85).

Entender a temporalidade e ritmos da cultura digital é de fundamental importância para entendermos o funcionamento do organismo social. A cultura moderna passou por um processo de racionalização que separou os domínios da religião dos domínios da estética, colocando o indivíduo numa “situação favorável ao bom funcionamento do dispositivo sociotécnico”. Sendo que, a sociedade domina os indivíduos por meio do condicionamento rítmico, uma espécie de “acertar o passo”, a uniformização rítmica, a incorporação dos indivíduos numa multidão condicionada em busca de uma “uniformidade política”, criando o comportamento das multidões que avançam (como um só homem)”. Como analistas, artistas e pesquisadores, devemos entender essa estética e atuar como protagonistas. É uma tentativa democrática de reconstrução histórica por diversos olhares, vozes, ações, dessa nação. Como bem disse Mano Brown (2021), “Acho importante dar cor aos personagens” sobre o apagamento dos negros, indígenas, mulheres dos livros de história e o embranquecimento desta. Nesta tese nós damos cor, voz, luz, ações e poder com intuito de que em algum momento da história humana neste mundo possa haver igualdade. Na próxima seção iremos apresentar a criação artística produzida na fase internacional desta pesquisa.

SEÇÃO 3**TECNOLOGIAS ANCESTRAIS E CONTEMPORÂNEAS: FOTOGRAFIA EM
*CLOROFILA PRINT***

Criação Artística: relato de experiência

Esta seção apresenta o relato do processo de criação artística do período internacional deste projeto de pesquisa experimental que busca contribuir no avanço do estado da arte na área do conhecimento das Humanidades Digitais, Arte e outras disciplinas afins. A parte internacional foi realizada na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA). O projeto, realizado em parceria entre a Universidade Anhembi Morumbi, Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), representa uma iniciativa transdisciplinar de relevância significativa para a expansão das fronteiras do conhecimento e para a promoção da cooperação internacional em pesquisa e inovação.

Durante a parte internacional do doutorado foi criado o projeto cultural “Da árvore da vida para as folhas do conhecimento: transcendendo estéticas” com “12 Fotografias impressas em folhas de plantas com a técnica artesanal de impressão em clorofila” e “4 Códigos QR com realidade aumentada que proporcionaram a interação entre os visitantes e as obras”. A realidade aumentada foi acessada a partir do dispositivo celular de quem visitou a exposição e apresentou por meio vídeos algumas fases do processo criativo da exposição, e, os mitos e as lendas da cultura da etnia Xerente, especificamente das tribos Porteira e Salto, localizadas no município de Tocantínia, Estado do Tocantins, região Amazônica brasileira. A exposição foi compreendida entre o período de 02 de agosto de 2023 a 02 de setembro de 2023, no Consulado Geral do Brasil em Los Angeles, em Beverly Hills, Califórnia, Estados Unidos da América (EUA).

Este projeto é parte prática, de criação artística e poética, resultado do meu trabalho de doutorado (PhD) no Media Lab/UnB, da Universidade de Brasília – UnB, com período de pesquisa na Universidade da Califórnia, Los Angeles – UCLA, com financiamento do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (CNPq), vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia do Governo Federal brasileiro. As imagens apresentadas são frutos da minha pesquisa etnográfica transdisciplinar realizada no ano de 2022, por meio de entrevistas audiovisuais, anotações e fotografias. Para essa exibição, eu também selecionei algumas imagens produzidas por mim em 2009, que fazem parte da obra trilingue “Wawekrurê: distintos olhares”, publicada pela Editora do Senado Federal do Brasil (1 ed. 2015 e 2 ed. 2019), durante minha primeira visita de campo e primeiro contato com o povo Xerente. Nessa ocasião, eu fui

junto com a equipe da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e a comitiva do centenário filósofo francês, Edgar Morin, às aldeias Xerentes e Quilombos da região.

A parte prática da pesquisa consistiu na produção de uma exposição fotográfica que foi criada a partir dos resultados dos estudos bibliográficos e das produções audiovisuais das visitas de campo às aldeias Xerentes. A exposição fotográfica foi produzida com a união das técnicas de fotografia fotossintética (*chlorophyll print*) e de realidade aumentada acessada por meio de código QR. A escolha dessas técnicas se dá em consonância com os objetivos artísticos e sustentáveis que propomos neste trabalho.

Por meio da interação entre tecnologias ancestrais⁷¹ e contemporâneas, a técnica de impressão em clorofila que resgata os primórdios da fotografia em conjunto com a de realidade aumentada, a exposição “Da árvore da vida para as folhas do conhecimento: transcendendo estéticas” visa demonstrar a importância da convergência de técnicas, conhecimentos, saberes tradicionais e contemporâneos para a produção e criação artística na atualidade, com intuito de produzir novos conceitos, perceptos e afetos. Já sob um viés mais acadêmico ela lança o olhar para conceitos atuais e amplamente discutidos no âmbito acadêmico, como transculturalidade, decolonialismo, bioarte, pós humanismo, antropoceno, humanidades digitais, sustentabilidade, novas tecnologias utilizadas no meio artístico, memória, cultura, tradição e as novas formas de interações entre humanos e não humano e por meio de um viés de construção artístico-científico sul americano.

As fotografias e recursos multimídias apresentados retrataram personagens visíveis e invisíveis que compuseram e compõem a história do Estado do Tocantins, região amazônica do Brasil. São moradores das Tribos Xerentes, Porteira e Salto, localizadas no município de Tocantínia. Personagens que fazem parte da história e cultura local e, no entanto, ficam invisíveis por não estarem inseridos no contexto social atual das grandes cidades ou do ciberespaço. As fotografias tematizam RASTROS DE MEMÓRIA FUTURA, visto que os registros foram feitos no passado, criando uma discussão no presente e servirão de catálogo

⁷¹ Nesta pesquisa utilizamos a definição da pesquisadora Suzete Venturelli (2023). Para a pesquisadora, o significado da palavra ancestral está relacionado à ideia de conexão com as gerações passadas. É uma forma de reconhecer e honrar aqueles que vieram antes de nós, reconhecendo sua influência e impacto em nossas vidas. A ancestralidade pode ser explorada através de pesquisas genealógicas, estudos históricos e práticas culturais. Nesse sentido falamos da ancestralidade da fotografia.

para os arquivos futuros. Trata-se de um trabalho inovador, uma vez que pretende uma estética potencializada no processamento digital das imagens que serão impressas em acetato para posteriormente serem impressas nas folhas de plantas por um processo natural. Como terceira tecnologia, utilizamos a realidade aumentada para criar mais interação na obra promovendo a cultura Xerente.

O projeto ofereceu uma abordagem inovadora ao explorar a interseção entre as humanidades digitais e a arte, demonstrando como a tecnologia pode ser utilizada de maneira criativa e reflexiva para ampliar a compreensão das tradições culturais e sua relação com a contemporaneidade. Apresenta uma contribuição significativa para a formação de recursos humanos especializados em diversos setores, abrangendo desde a academia até a indústria, o setor de serviços e o setor público. Sua abordagem transdisciplinar e inovadora proporciona uma base sólida para o desenvolvimento de profissionais capacitados e engajados em diversas áreas.

Durante meu doutorado eu tive a oportunidade de participar de eventos científicos e apresentar meu trabalho em algumas universidades nos EUA, uma delas foi a University of California, Berkeley, e aproveitei a oportunidade para ir ao *Art Museum & Pacific Film Archive (BAMPFA)*, da Universidade. Nesta visita pude ver de perto a obra de Binh Danh, um dos artistas que inspiraram esta pesquisa.

Com a utilização do processo de revelação diretamente em plantas, temos o trabalho *One Week's Dead*, de Binh Danh, em que são revelados retratos de 242 jovens americanos que morreram na Guerra do Vietnã. Formando um conjunto de retratos que se assemelha aos famosos “livros do ano” realizados pelos americanos no ensino médio, Danh dá forma aos retratos desses jovens utilizando como suporte a grama da selva onde eles morreram. Os retratos são depois encapsulados por uma camada de resina. Assim, Danh, que aos dois anos saiu do Vietnã com sua família para viver nos Estados Unidos, faz sobreviver a imagem dessas pessoas. (RENATA VOSS, 2017, p.100)



Figuras 18 e 19: Exposição Binh Danh.

Para MARQUÉZ-ELUL (2021), Danh procura dar vida a essas imagens de pessoas que foram vítimas do genocídio, trazendo-as de volta à luz, e assim, confrontando o passado com o presente. Ele acredita que a humanidade reencarna não de alma para alma, mas de memória para memória, e espera que as pessoas vejam em seu trabalho que os retratos das vítimas estão reencarnados e ressuscitados no momento presente. O pesquisador analisa o processo de Danh como uma tentativa de preservar a memória das vítimas e evitar que sejam esquecidas. Ele cria imagens que, por meio de sua técnica única, conseguem capturar a atenção dos espectadores e fazê-los refletir sobre o passado, o presente e a importância da memória. Através desse processo criativo, Danh se torna uma espécie de demiurgo, lidando com questões de história, destruição, morte e, ao mesmo tempo, proporcionando uma reflexão sobre o presente e a busca por reparação e justiça em relação ao genocídio.

MARQUÉZ-ELUL (2021) enfatiza a vulnerabilidade presente nas imagens, relacionando-a à vulnerabilidade humana, à memória e aos direitos humanos. As imagens em

tons de cinza, como imagens "grisalhas", representam o tempo passado, a descoloração e a transformação da vida em morte. Para o autor, elas também evocam os horrores do passado, como o genocídio perpetrado pelo Khmer Vermelho no Camboja. O autor destaca a importância de abordar essas imagens com respeito e empatia, em vez de estetizá-las ou explorá-las de maneira voyeurística. O autor também argumenta que as imagens em tons de cinza têm o poder de preservar a memória e desconstruir ideologias do perpetrador. Além disso, enfatiza a necessidade de cultivar a memória e relembrar as histórias por trás das imagens, buscando novas formas de interação e recepção ativa.

O restante deste relato de experiência está organizado da seguinte forma: o tópico 2 descreve as atividades desenvolvidas assim como a metodologia utilizada; os experimentos conduzidos e resultados obtidos são apresentados no tópico 3; e as considerações finais estão no tópico 4.

Atividades Desenvolvidas

A Tabela 1 sumariza as atividades desenvolvidas durante o período de pesquisa no exterior que foi realizado na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos da América - EUA. Ao decorrer dos nove meses foi feita a revisão bibliográfica e assim a literatura permaneceu atualizada. Tivemos três etapas bem definidas durante este período: a) pesquisa de acervo; b) Análise do trabalho de campo; c) participação em atividades acadêmicas e artísticas.

A execução dos experimentos ocorreu entre janeiro e julho em três fases. Na Fase 1, foram usados e testados materiais biológicos, folhas de plantas, colhidas no condado de Santa Mônica (parte da grande Los Angeles) onde eu residi por sete meses. Nesta fase, colhi inúmeras espécies de folhas nativas da região e outras coletei em jardins de forma aleatória. Algumas mais espessas que as outras. Comprei suporte e vidro para enquadrar essas folhas. Foram selecionadas imagens fotográficas produzidas nas aldeias indígenas brasileiras para serem editadas e impressas em acetato. Essas imagens foram emolduradas junto com as folhas de plantas coletadas com objetivo da impressão em clorofila. Entretanto, devido à alta umidade de Santa Mônica (cidade de praia) os experimentos fracassaram. Na Fase 2, eu comecei a participar do laboratório ART|SCI/UCLA e aprofundi meu conhecimento e técnica em torno

da bioarte. Nesse período resolvi viajar para o deserto de Palms Springs com intuito de verificar a hipótese elaborada a respeito da umidade. Na fase três, com os experimentos bem-sucedidos, foram selecionadas imagens para exposição fotográfica no Consulado Geral do Brasil em Los Angeles, em Beverly Hills.

Durante todo o processo foram realizadas reuniões, muitas vezes por WhatsApp com a orientadora do Brasil e mensalmente com o orientador nos EUA para alinhar e discutir as atividades, análises, conclusões, falhas, lacunas, melhorias, problemas técnicos e científicos, artigos de suporte às hipóteses, e escrita do artigo científico final para submissão a uma revista. Este artigo final com todos os resultados e conclusões está em processo de escrita e será submetido ainda em 2023.

Tabela 1

Atividade	Mês											
	2022			2023								
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Chegada a UCLA	x											
Pesquisa em Biblioteca, arquivo, acervo de museu	x	x	x	x	x	x	x	x				
Participação em atividades acadêmicas/artísticas		x	x	x		x	x	x				
Produzir <i>Exposição Artística</i>				x	x	x	x		x	x	x	
Orientações		x			x	x	x	x	x	x	x	x
Reuniões em grupo de pesquisa		x				x	x	x				
Retorno à Brasília									x			
Finalização do Projeto												x

Metodologia

Nesta fase do projeto, desenvolvemos a pesquisa e criação artística em *clorofila print*. As autoras Jesabel Katz e Andréa Brächer (2017) dizem que a fotografia fotossintética (*chlorophyll print*) é o “processo no qual fotografias são feitas diretamente sobre a superfície de grama ou folhas usando imagens positivas e/ou negativas. É um processo fotográfico contemporâneo”. Neste trabalho entendemos que o processo de impressão em clorofila é mais contemporâneo que cria vínculo com o ancestral, a produção artesanal do início do século XIX quando surge a fotografia. Neste trabalho é contemporâneo também, porque utilizamos softwares de edição de imagens, materiais como o acetato e aplicamos técnicas artísticas contemporâneas como fotografia de longa exposição, fotomontagem e manipulação digital para criação das imagens.

O processo de impressão em clorofila envolve a extração de clorofila de folhas ou plantas para criar imagens por meio da fotossíntese, usando a luz solar ou alguma fonte de luz ultravioleta para revelar as imagens. Apesar da fotossíntese ser um processo ancestral e fundamental para as plantas, a técnica de imprimir usando a clorofila extraída das plantas é uma aplicação moderna e mais recente principalmente pela emergência das pesquisas em bioarte, sustentabilidade e antropoceno. Artistas contemporâneos têm explorado essa técnica devido à sua natureza única e ecológica, criando obras de arte por meio da interação direta com elementos naturais, como folhas e luz. Embora a fotossíntese seja um processo natural antigo, o uso da clorofila como meio de impressão ou expressão artística é uma aplicação contemporânea e inovadora.

É importante para essa pesquisa falar que o primeiro relato conhecido do uso da clorofila como meio fotográfico remonta aos experimentos do botânico e fotógrafo inglês William Henry Fox Talbot (1844) em sua série de livros *"The Pencil of Nature"*, no século XIX. Embora não haja um relato exato do termo "*clorofila print*" nesta época, Fox Talbot é conhecido por ter explorado a sensibilidade à luz da clorofila para criar imagens fotossensíveis. Talbot estava entre os pioneiros da fotografia e realizou inúmeras experiências com processos fotográficos alternativos. Em sua busca por métodos para capturar imagens, ele descobriu que as folhas de plantas, ao serem esmagadas ou espremidas contra papel fotossensível, podiam deixar uma marca ou impressão. Ele notou que a clorofila presente nessas folhas reagia à luz, deixando uma marca que, após a exposição ao sol, produzia uma imagem fotográfica rudimentar. Essas

experimentações de Fox Talbot com a sensibilidade da clorofila à luz podem ser consideradas uma das primeiras instâncias de uso de pigmentos vegetais na fotografia. Seus estudos e experimentos pioneiros foram fundamentais para o desenvolvimento dos processos fotográficos e para a compreensão da fotossensibilidade de materiais orgânicos, incluindo a clorofila, como um meio de produzir imagens.

Para Renata Voss Chagas (2017, p. 89) “a fotografia trata do ausente, assim como a memória. Podemos compreender a fotografia como a lembrança da finitude de todas as coisas”. Temos analisado os trabalhos do fotógrafo vietnamita Binh Dahn⁷², que explora sua herança histórica, especialmente no que diz respeito à guerra e a morte, evocando uma sensação de perda e mortalidade, e, do fotógrafo uruguaio Fede Ruiz Santesteban, que trabalha com uma temática mais leve, trazendo a alegria das crianças em um trabalho que nos remete à um jardim de fotos. Suas fotografias apontam para reflexões sobre a intersecção entre arte e ciência e arte e natureza, bem como sobre a ecologia. As cientistas Katz e Brächer (2017) desenvolveram uma pesquisa de iniciação científica realizada na FABICO-UFRGS entre 01/08/2016 e 31/07/2017. Esta pesquisa está vinculada ao projeto "Experimentações com Photosynthesis: processos híbridos em fotografia e vegetais", que é uma continuação das investigações da professora/pesquisadora Andréa Brächer sobre processos históricos e alternativos em fotografia. A pesquisa de natureza teórico-prática dividiu-se em duas etapas: a primeira envolve a revisão da literatura sobre o método, que até o momento é limitada, e a segunda etapa é dedicada à realização de experimentos. O objetivo é explorar a técnica do *Chlorophyll Process*, que utiliza as propriedades fotossintéticas dos pigmentos naturais, como a clorofila, presentes nas células da maioria das plantas para reproduzir imagens em folhas e grama.

O Photosynthesis Process ou Chlorophyll Process é assim chamado porque “[...] reproduz imagens em folhas e grama aproveitando as propriedades fotossintéticas dos pigmentos (principalmente a clorofila verde) que estão presentes de forma natural nas células da maioria das plantas [...]”⁴ (ANTONINI et al., 2015, p. 180, tradução nossa). Dessa forma, a técnica problematiza o uso de suporte natural (folhas) e o não

⁷² Binh Danh é um artista vietnamita-americano conhecido por suas obras de fotografia alternativa, particularmente a técnica conhecida como "chlorophyll process" ou "processo de clorofila." Seu trabalho muitas vezes explora questões relacionadas à memória, identidade, história e natureza, utilizando elementos naturais em suas fotografias. No "processo de clorofila", ele incorpora folhas de plantas diretamente nas imagens fotográficas, criando impressões únicas e efêmeras.

uso de emulsões fotográficas tradicionais, tensionando questões tecnológicas, temporais, conceituais e estéticas. (KATZ e Brächer, 2017, p.1)

O Chlorophyll Process implica na criação de imagens positivas e/ou negativas fotográficas, produzidas digitalmente e impressas em material transparente. Essas imagens são, então, sobrepostas ao suporte vegetal (folhas) e expostas à luz solar. A técnica combina métodos digitais (para criar as imagens) e métodos alternativos (para transferi-las para as plantas). O artista Binh Danh é citado como uma referência prática desse processo, pois ele utiliza a impressão em clorofila para reproduzir imagens da guerra do Vietnã em plantas e gramíneas tropicais, criando um paradoxo ao usar a natureza viva para falar de perda e morte.

O processo em si é simples, pois consiste em: 1) produção de uma imagem positiva e/ou negativa fotográfica, elaborada digitalmente e impressa em material transparente; 2) sobreposição da transparência e do suporte (vegetal), utilizando-se um quadro de impressão para melhor contato; 3) exposição ao sol. O hibridismo se dá na combinação dos métodos digital (construção de positivos/negativos) e alternativo (passagem para as folhas). (KATZ e Brächer, 2017, p.2)

Para Katz e Brächer (2017) o *Chlorophyll Process* se insere na ideia de fotografia expandida, que envolve intervenções perturbadoras na imagem final, rompendo com os paradigmas estéticos da fotografia convencional. A técnica desafia a velocidade e a instantaneidade da fotografia contemporânea, enfatizando a produção artesanal, a resistência ao uso de papel como suporte e a densidade conceitual nas imagens.

Dentro dos conceitos de fotografia expandida (ou fotografia experimental, construída, contaminada, manipulada, criativa, híbrida, precária, entre tantas outras denominações) devemos considerar todos os tipos de intervenções que oferecem à imagem final um caráter perturbador, a qual aponta para uma reorientação dos paradigmas estéticos, que ousam ampliar os limites da fotografia enquanto linguagem, sem se deter na sua especificidade. (RUBENS FERNANDES JUNIOR, 2006, p. 16–17)

Katz e Brächer (2017) descrevem três níveis de intervenção do fotógrafo na fotografia expandida: artista e objeto, artista e aparelho, e artista e imagem, com o Chlorophyll Process principalmente focado no terceiro nível, a interferência no suporte da imagem. Isso envolve a

manipulação da matriz fotográfica e a transferência da imagem para um suporte orgânico, criando uma experiência estética única, sendo que cada planta tem um tempo de reação diferente e que a cor original da folha não determina a cor final da imagem.

Opôr-se ao industrialmente feito, recuperar historicamente uma técnica esquecida (e morosa) dos processos fotográficos é também uma postura crítica frente a sociedade do descarte e do instantâneo, além de permitir o resgate histórico dos primórdios da fotografia, sob novo ponto de vista (BRÄCHER, 2015, p. 7–8).

Katz e Brächer (2017, p. 5-6) empregaram uma metodologia experimental com os seguintes passos:

1. Escolha da imagem. A intenção era produzir um material que se relacionasse com a temática natureza e fosse ao mesmo tempo simples. Realizou-se então uma tomada fotográfica no Campus da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO-UFRGS), na qual priorizou-se plantas e animais (gatos, pássaros, insetos). Optou-se pela foto de um passarinho. 2. Construção do positivo. A fotografia foi manipulada digitalmente: convertida em preto e branco; cortada (selecionou-se apenas o pássaro); e ampliada em contraste. Após as alterações imprimiu-se três transparências com tamanhos distintos (5 x 5cm, 8 x 8cm e 12 x 12cm) visando melhor adequação à variedade de folhas. A aplicação da mesma imagem em todas as plantas é uma estratégia para facilitar a comparação dos resultados obtidos.

3. Escolha das folhas. As folhas selecionadas exploram bem a multiplicidade de cores (verde escuro, verde claro, vermelho, mesclado), texturas (de lisas a aveludadas) e espessuras (mais finas e mais espessas) encontradas na natureza. Todas elas são fotografadas antes do processo – para melhor visualização do contraste entre o antes e o depois –, bem como a planta de origem – o que auxilia no reconhecimento das espécies.

4. Exposição ao sol. Em um sanduíche de vidro – que proporciona melhor contato – as transparências são colocadas sobre as folhas e expostas ao sol por tempo variável (depende da velocidade de reação de cada vegetal).

5. Registro de observações e resultados finais. Em um diário anota-se: dias e horários de exposição de cada folha, condições climáticas (presença ou não de nuvens), descrições das transformações visíveis (coloração). Ao final das experiências as plantas são fotografadas novamente. Todos os dados apreendidos são transcritos para arquivos digitais e então associados e tabelados.

Criação Artística na UCLA

A seguir iremos apresentar o processo criativo e algumas imagens do que foi produzido para a exposição realizada em Beverly Hills, Los Angeles (CA). Primeiramente foram

escolhidas imagens fotográficas produzidas nas Aldeias Indígenas brasileiras, optou-se por imagens já premiadas em Salões e Festivais de fotografias e outras publicadas na imprensa ou livros. Todas de minha autoria. Após a escolha das imagens, passamos para o processo de pós edição das imagens coloridas em imagens em preto e branco que posteriormente seriam transformadas em positivos por meio de um processo de edição em softwares de imagem, neste caso, o Photoshop. Após a edição, as imagens foram montadas em uma arte pensada para caber todas as imagens em uma única impressão e enviadas para a gráfica especializada que trabalhava com impressão em acetato.

A arte foi montada com marcações para a faca de corte de forma que as imagens já fossem cortadas de forma profissional a laser na própria gráfica. Visitei algumas das maiores lojas de produtos e materiais artísticos tentando achar a caixa suporte de madeira com vidro de um lado e madeira do outro, com fecho que dá pressão nas duas folhas impedindo que se mova e borre a impressão. Essa caixa serve para colocar as folhas de acetato e as folhas de plantas em um suporte que irá manter o experimento seguro. Infelizmente, não encontrei e tive que utilizar a criatividade e criar minha gambiarra. Comprei em loja de molduras apenas o vidro e a parte de trás dos quadros para que pudesse colocar as duas folhas sob pressão. Em outra loja comprei presilhas para dar a pressão nas folhas e impedisse que se movessem. Esse foi o suporte para colocar o experimento sob o sol e esperar que as imagens se revelassem.

Como já citado anteriormente, escolhi fotografias com a temática indígena que receberam algum tipo de premiação ou validação no meio fotográfico como a fotografia “Beleza e Alegria”, que me rendeu o prêmio de primeiro lugar, da categoria profissional, no concurso fotográfico “Minha Foto um Postal”, promovido pela Prefeitura do município de Palmas - TO. Eu havia inscrito outras imagens no concurso, que considero melhor esteticamente, mas a banca escolheu essa. A fotografia apresenta aproximadamente 10 mulheres indígenas, de diversas etnias da América do Sul e Central, durante a preparação para o desfile de moda que aconteceu durante os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (2015). O desfile de moda acontece em várias aldeias de diferentes etnias indígenas de forma tradicional. Não no formato ocidental, mas, vale ressaltar que existe essa modalidade.



Imagem 20: Beleza e Alegria

As mulheres indígenas retratadas estão caracterizadas com vestes, adereços e pinturas corporais tradicionais representativas de suas etnias e regiões. Por estarem inseridas em um evento internacional, em um evento de moda, entendemos que a caracterização foi produzida para essa ocasião. Os povos indígenas costumam se produzir para ritos e rituais tradicionais de suas culturas. É interessante refletirmos sobre a representação dessa apresentação cultural.

No meu TCC de Relações Internacionais (2019) eu escrevi sobre a antropóloga Manuela Carneiro (2009), que propõe um olhar interessante para analisarmos esse evento, essa imagem e algumas questões levantadas neste texto. A autora elucida como os povos “fracos”, periféricos, subalternos, no caso, os indígenas, foram levados a adotar elementos de classificações culturais do resto do mundo como raça, cultura, história e dinheiro para se legitimarem e criarem uma resistência a seus colonizadores. Essas categorizações foram inicialmente impostas pelos colonizadores e posteriormente assimiladas por essas sociedades periféricas para terem a possibilidade de jogar o jogo de forma justa. Essa argumentação política foi necessária para se colocar em debate os direitos dos povos tradicionais que vinham

sendo vilipendiados durante séculos por países mais ricos. E, aqui, criamos um vínculo com os Direitos Humanos.

Após séculos de exploração e vilipêndio dos conhecimentos dos povos tradicionais, no ano de 1992, durante a Convenção sobre Diversidade Biológica⁷³ foi discutida a prática que normatizava os recursos genéticos e naturais como patrimônio comum de toda a humanidade. Essa discussão se torna de extrema importância não apenas para os povos tradicionais, mas para a soberania dos países de terceiro mundo, que viviam sob um sistema predatório de utilização de seus recursos genéticos e naturais por países mais poderosos. A partir do debate gerado pelos direitos autorais dos conhecimentos científicos indígenas sobre os recursos naturais, a Organização das Nações Unidas abriu espaço para essas discussões negligenciadas pelos governos dos países.

Os debates giraram em torno dos direitos dos povos tradicionais, principalmente da coletivização dos conhecimentos tradicionais que seria direito privado de um grupo e estavam disseminados e sendo utilizados por grupos diversos sem nenhum retorno para as comunidades tradicionais. Então, o grande marco dessas discussões foi que os conhecimentos que estavam difusos passam a ser concisos. Infelizmente, estamos vendo uma ofensiva por parte do sistema neoliberalista internacional que está tentando reverter isso, no Brasil estamos passando por um momento extremamente delicado de reversão das demarcações de reservas indígenas, reservas de recursos naturais e o que é mais sério nessa questão é que houve uma estratégia muito bem elaborada para conseguir o apoio da opinião pública e o respaldo coletivo para atos contra a humanidade.

O pensamento de Cunha (2009) se faz necessário não apenas para entendermos as inquietações que cercam a construção teórica e poética deste trabalho, mas também para uma

⁷³ A Convenção Sobre Diversidade Biológica (CDB) aconteceu no Rio de Janeiro em consonância com a ECO-92; também conhecida como Convenção da Biodiversidade) é um tratado internacional multilateral que, como seu nome sugere, trata da proteção e do uso da diversidade biológica em cada país signatário. A Convenção possui três objetivos principais: a conservação da diversidade biológica (ou biodiversidade), o seu uso sustentável e a distribuição justa e equitativa dos benefícios advindos do uso econômico dos recursos genéticos, respeitada a soberania de cada nação sobre o patrimônio existente em seu território. Em outras palavras, seu objetivo é o desenvolvimento de estratégias nacionais para a conservação e o uso sustentado da biodiversidade, e dentre diversos instrumentos e mecanismos que prevê destacam-se iniciativas de melhoria da gestão e de criação de áreas protegidas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o_sobre_Diversidade_Biol%C3%B3gica>

melhor compreensão do que está acontecendo e o que está por vir em nossa sociedade. Após esse breve levantamento a respeito do vasto pensamento da antropóloga, iremos afinar o pensamento dela para duas definições sobre cultura que achamos interessante para analisar a imagem “Beleza e Alegria”, a Cultura e a “Cultura”. A autora traça uma ligação com a linguagem marxista, da “cultura em si” e da “cultura para si”. Para ela todos os povos possuem suas culturas originais, possuem sua “cultura em si” e quando adquiriram a “cultura para si” começaram a exibir essa cultura dando a ela um caráter performático.

Então, a autora define a cultura sem aspas como o entendimento antropológico de cultura, a teia de costumes e significações nas quais estamos mergulhados em nossas realidades. Já a cultura, com aspas, seria falar de si mesmo de forma exagerada, podendo ser um exagero na utilização de adereços, pinturas ou outros objetos que contribuam para o exagero da estetização da imagem. Na fotografia “Beleza e Alegria”, podemos perceber o que as índias estão bem-caracterizadas com muitos ornamentos, pinturas corporais e vestimentas típicas. Entretanto, e que nos chama a atenção é a questão, talvez porque, também, se tratasse de um desfile de moda, em que existe um exagero na utilização de alguns adereços, inclusive, segundo o antropólogo Odair Giraldin, alguns povos tradicionais se apropriaram de adereços de outros povos para parecerem esteticamente melhor em suas representações imagéticas. Como exemplo, ele cita os Pataxós, de Porto Seguro – BA, que durante o tempo passaram a utilizar elementos culturais de outras etnias, e a apresentar e vender esses artefatos como tradicionalmente seus.

Não estou fazendo críticas à convergência cultural que algumas etnias sofreram ao passar dos tempos, estou levantando um questionamento a respeito da fotografia documental, no âmbito da veracidade. Quando o povo de determinada etnia se apresenta está apresentando sua etnia e entendemos que aquilo é a representação imagética e cultural das tradições do seu povo, principalmente, se é dentro de um evento como os JMPI. Mas se, por algum motivo, essa representação fosse adulterada pela utilização de artesanato típicos de outras etnias, como colares de sementes de outras regiões, cocares de aves de outras regiões, estaríamos diante de que tipo de representação? E a fotografia dessa representação seria a documentação das características tradicionais daquela etnia? Traçando um paralelo com a contemporaneidade e os conceitos da sociedade do espetáculo, tempos líquidos e gasosos, sociedade da transparência

e do cansaço, era do ego não seria parecido com as imagens que encontramos nas redes sociais, de realidades fictícias?

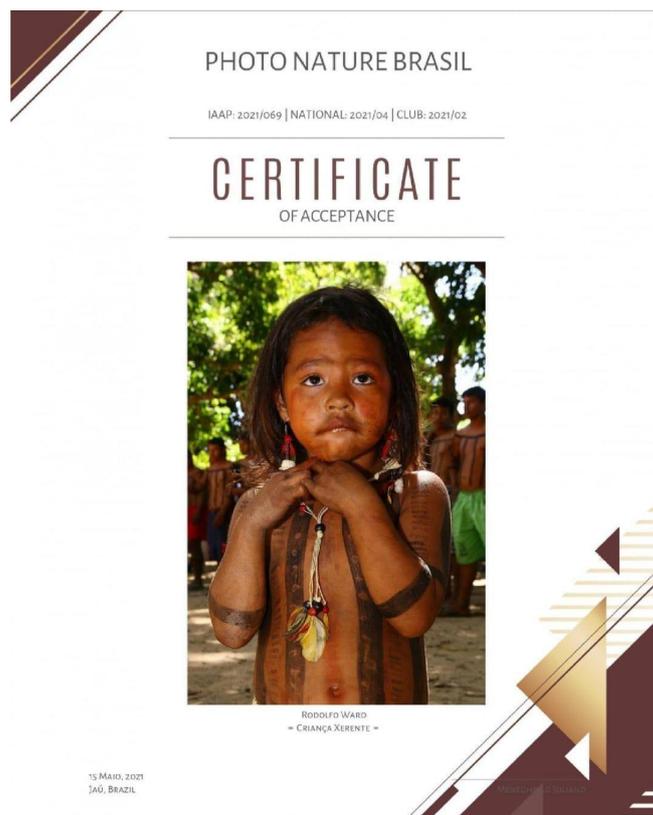


Imagem 21: Criança Indígena

Smithsonian
MAGAZINE

PHOTO CONTEST CATEGORIES LATEST ENTRIES WINNERS ABOUT



18TH ANNUAL SMITHSONIAN MAGAZINE PHOTO CONTEST | People

Powerful

[f](#)
[t](#)
[i](#)
[g](#)
[+](#)

The photograph presented depicts Avelin Buniaci, from Minas Gerais, Brazil, during the demonstration at the Terra Livre camp, in 2019, in the capital of Brazil, Brasília. Their ethnicity demands the demarcation of their lands. This image alludes to the luta of visible and invisible characters who composed and compose the history of Brazil. Characters who are part of local history and culture and yet are invisible because they are not inserted in the current social context of large cities or cyberspace. The photographs focus on FUTURE MEMORY TRACKS, since the records were made in the past, creating a discussion in the present and will serve as a catalog for future files.

#brazil #fight #pride

Photo Detail

Date Taken:	04.2019
Date Uploaded:	11.2020
Photo Location:	Brazil
Copyright:	© Rodolfo Ward de Oliveira

Smithsonian
MAGAZINE
PHOTO CONTEST

Imagem 22: Powerful



M

ENSHO / ESHAF FOTO ÚNICA / SINGLE IMAGE SECCIONAMENTO CONVOCATORIA PERFORMA

A Luta Xerente


[View Photo](#)

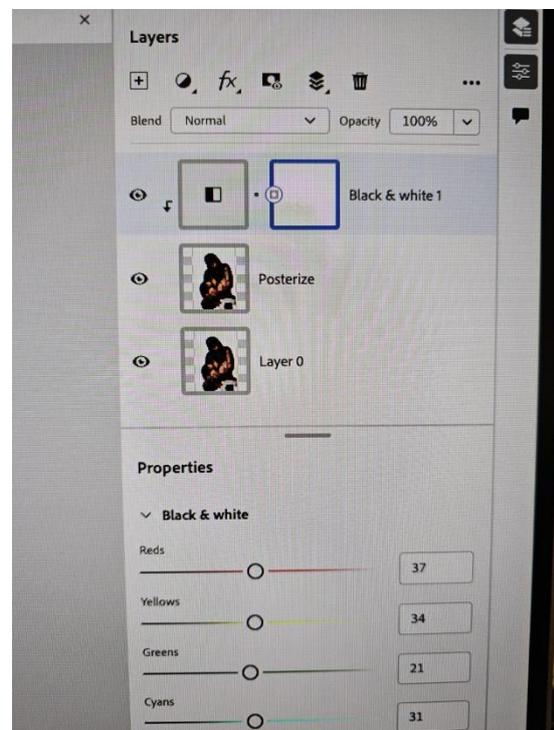
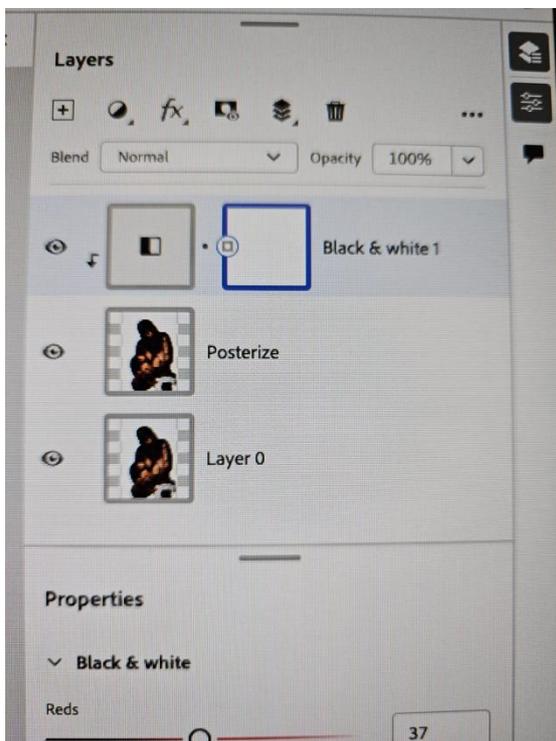
FOTO ÚNICA de Rodolfo Ward, Pré-Selecionada

Mãe da etnia Xerente segura seu filho adormecido. A fotografia objetiva apresentar os povos indígenas como seres humanos que precisam de cuidados principalmente no período noturno que vivem nos dias atuais. A fotografia está em consonância com o trabalho de Cláudia Andujar.

Imagem 23: A Luta Xerente



Imagem 24: Biblioteca Royce Hall UCLA



Imagens 25 e 26: Processo de criação. Preto e Branco

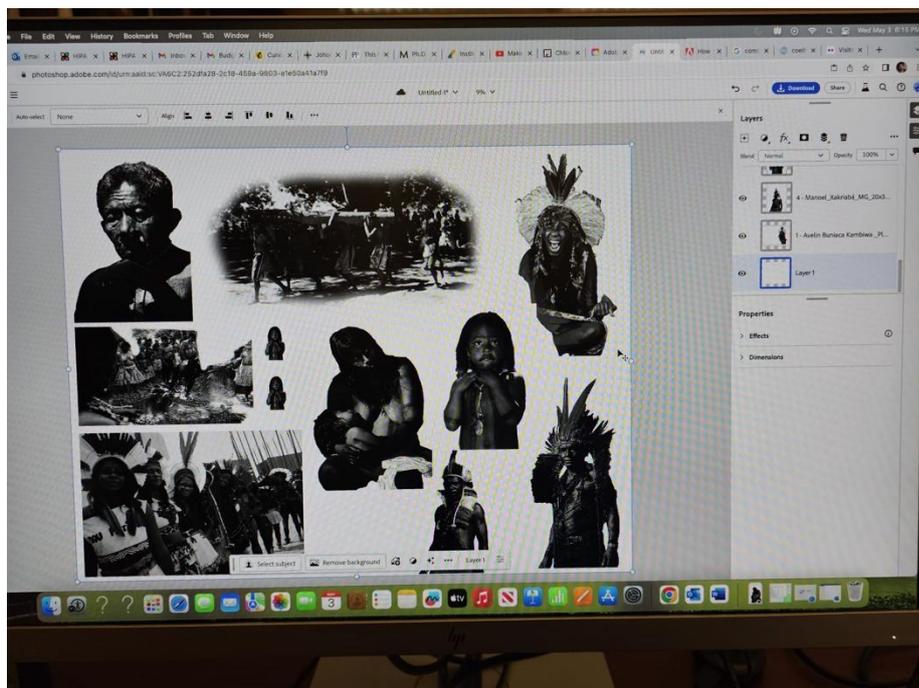


Imagem 27: Processo de criação. Montagem

Após a seleção, edição e impressão em acetato, passei para a escolha das folhas de plantas que seriam utilizadas no experimento. Foram selecionadas várias espécies (descrição na tabela abaixo) que foram colhidas, limpas, recortadas e emolduradas junto com o acetato para que fossem expostas ao sol e sofressem o processo de fotossíntese que fixaria a imagem do acetato nas folhas de plantas. Nos testes em Santa Mônica as imagens foram expostas ao sol durante mais de 30 horas. Entretanto, devido à alta umidade por ser uma cidade de praia os resultados fracassaram. Outro fator agravante foi o efeito do El Niño que alterou a temperatura e o clima de Los Angeles. O El Niño é um fenômeno natural caracterizado pelo aquecimento anormal das águas do oceano pacífico. Este ano, houve um aquecimento acima da média causando um mal tempo durante meses na Califórnia. Alguns especialistas atribuem isso ao aquecimento global. Ou seja, houve muito mais dias com chuva que o normal e isso afetou diretamente meu trabalho, que precisa do sol para que haja o processo de fotossíntese e ocorra a impressão em clorofila. Então, tudo o que foi falado nas duas primeiras sessões deste trabalho sobre a influência do ser humano na terra nós pudemos comprovar na experiência vivida durante a realização deste projeto.

A Califórnia poderá enfrentar outro inverno tempestuoso no próximo ano, já que os observadores do clima preveem que um padrão de El Niño, ou temperaturas oceânicas mais quentes do que o normal no Oceano Pacífico tropical, se formará neste outono. Um La Niña de três anos, ou temperaturas oceânicas mais frias do que o normal no Pacífico equatorial, terminou oficialmente em março. As mudanças nas temperaturas dos oceanos tropicais estão entre os eventos climáticos mais importantes do planeta porque podem alterar a forma como o ar circula pelo globo. ERICK ANDERSON, 2023, ON LINE⁷⁴)



Imagens 29: Processo de criação.

⁷⁴ <https://www.kpbs.org/news/environment/2023/03/10/a-new-el-nino-could-bring-california-more-stormy-weather-next-winter>

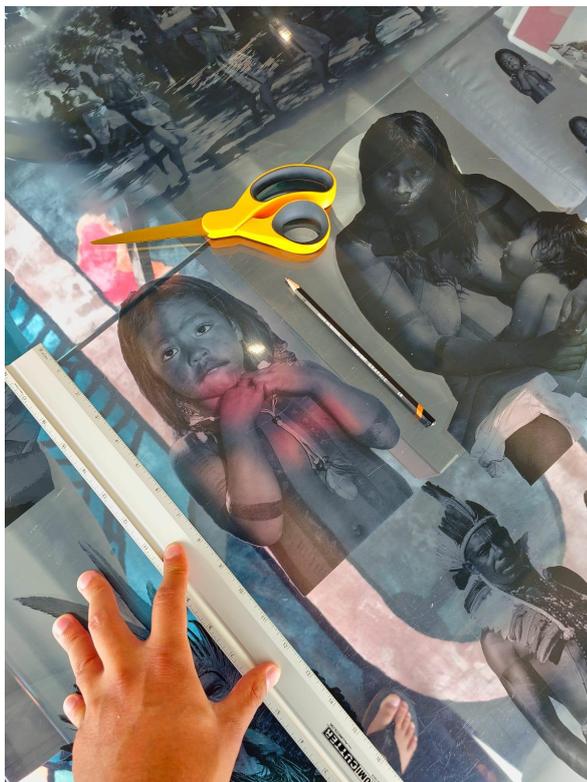


Imagem 30: Processo de criação.



Imagem 31: Processo de criação. Fotossíntese



Imagem 32: Processo de criação. Fotossíntese

Após as tentativas em Santa Mônica achamos necessário o deslocamento para o deserto da Califórnia, em Palms Springs, onde conseguimos obter resultados positivos a partir de menos de 12h de exposição ao sol. Palms Springs é uma cidade no meio do deserto da Califórnia. Aluguei um carro e fui com o material no porta-malas. A cidade fica em torno de 2 horas de viagem de carro de Los Angeles. A cidade é extremamente quente e durante o dia chegou a fazer 45 graus celsius. À noite, quando vi a temperatura no dispositivo celular estava fazendo 40 graus. Devido à alta temperatura e baixa umidade consegui resultados positivos logo no primeiro dia. A partir do segundo dia as amostras de folhas de plantas já haviam secado e murchado. Então,

Para as impressões em clorofila serem bem-sucedidas fizemos o procedimento com químicos para fixar a imagem no suporte (folha de planta). Esse processo consistia no banho das folhas de plantas em uma solução de 5g de sulfato de cobre, diluído em 1L de água

destilada, por 15 minutos para que pare a decomposição da folha e fixe a imagem. Uma espécie de mumificação da folha. Com a folha seca passa-se cera museal utilizada em pinturas para conservar. Após esse procedimento a folha está pronta para ir para um quadro e se tornar um produto artístico.

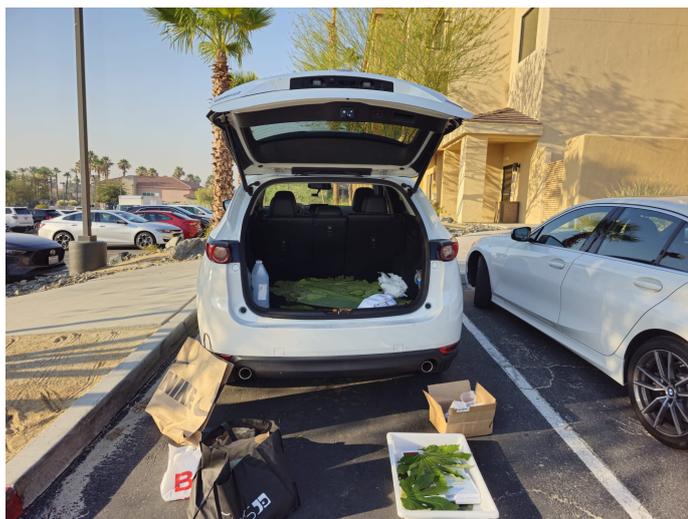


Imagem 33: Processo de criação. Palm Springs



Imagem 34: Processo de criação. Banho Químico

Resultados Obtidos

A Exposição no Consulado Geral do Brasil em Los Angeles, em Beverly Hills foi sem dúvidas o principal resultado, pelo menos, em termos de reconhecimento deste trabalho de criação artística.



Imagem 35: Exposição em Beverly Hills



Imagem 36: Exposição em Beverly Hills



Imagem 37: Exposição em Beverly Hills



Imagem 38: Exposição em Beverly Hills



Imagem 39: Exposição em Beverly Hills

QR Codes

Por meio do software QR Factory eu gerei os QR Codes que posteriormente foram impressos no Consulado para fazer parte da Exposição. Os QR Codes levam o público para a Aldeia Xerente onde escutam as lendas e o processo de criação das tintas de Jenipapo e Urucum, diretamente do Soprê Xerente⁷⁵.



Antotipia



Sereia⁷⁶



Mitos e Lendas

⁷⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=HvMJZPFxhG4&t=348s>

⁷⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=p7GyM7On6jE&t=23s>



Cultura Xerente

APONTAMENTOS

O Estado contemporâneo é extremamente complexo e dinâmico. A intenção deste texto exploratório foi levantar fatos que são importantes para compartilharmos com a população, principalmente neste atual momento em que o neoliberalismo avança em escala global. Em nenhum momento buscamos exaurir o extenso assunto, apenas iniciar e instigar o leitor a continuar a pesquisa sobre nossa era e contribuir para a sedimentação da memória humana, humanística, que com intuito de contribuir para criação de uma nova cultura e pensamentos mais sustentáveis. Essa nova cultura, pensamento e ética devem ser compartilhadas de forma global.

Por meio da desconstrução histórica entendemos nosso passado e construímos nosso futuro, com poética e política. Levantamos também questões para futuras pesquisas, como: quais são as responsabilidades da academia nas questões sociais e democratização do ensino e conhecimento? Para onde e para quem está sendo produzido conhecimento no âmbito acadêmico e artístico? Estamos democratizando ou elitizando esse conhecimento? Entendemos as transmutações sociais que passamos e que aceleraram nas últimas décadas devido aos avanços tecnológicos e a influência econômica do capitalismo neoliberal, que têm a intenção de homogeneizar o corpo social para assim obter maior controle sobre as massas.

Ao rememorar a história hegemônica da humanidade, nos deparamos com situações que parecem se repetir século após século em um constante e “eterno retorno”. Também, se faz necessária a constante rememoração dos fatos históricos com o objetivo de sedimentar o conhecimento e avançarmos não apenas tecnologicamente ou temporalmente, mas como seres humanos, como sociedade e como humanistas.

Em relação ao Antropoceno: desde que a espécie humana se fixou, passou a ter uma vida sedentária. O ser humano passou a agir como uma força biológica na transformação da superfície da terra. A humanidade se transformou de força biológica para força geológica; determina o funcionamento do sistema climático. Nenhuma espécie havia feito isso anteriormente. A humanidade conseguiu se desenvolver devido ao regime climático relativamente ameno de um grau para cima ou para baixo.

As considerações sobre o constructo digital na sociedade e suas implicações estão distantes ainda de serem dimensionadas, visto ainda estarmos imersos nesse momento histórico, que permanece em dinâmicas operações, portanto ainda em mutabilidade. Entrementes, reconhecer vetores de desenvolvimento e mesmo de movimentos pode servir de diapasão para inspecionar as relações entre as dimensões sociais, culturais e tecnológicas, a fim de navegar amparados por uma bússola, no que diz respeito aos estudos da cultura, das tecnologias e das mídias.

Longe de esgotar tais discussões, pretendeu-se pontuar como as redes e esse lócus de interação alcança protagonismo na cultura, em uma performatividade que, por vezes, constrói motivações metanarrativas que impactam o lastro objetivo e subjetivo das gentes, do próprio corpo social. Desde as abordagens histórica e filosófica, com os apontamentos trazidos no presente artigo, deflagra-se uma emergência social com poucos recursos de regras, o que faz o sentido oscilar entre verdades, realidades e quase ficções, criando um complexo problemático que, diferentemente do virtual, não se resolve no atual. Antes ele redimensiona a complexidade social, embrenhada em mil personas, em mil vetores, requerendo o adensamento crítico necessário para ultrapassar o evidente, o aparente, e alcançar o imanente no transcendente, o cerne na sobra, a essência na abundância.

É exatamente nessa perspectiva que se vislumbrou fazer ver as tensões sociais, políticas e culturais que as redes formulam no corpo social e no momento histórico, prenhe de futuros, a exigir o pré-natal que indique a natureza desse feto. E se o tensionamento sociocultural mostra a sua cara a partir das redes sociais, como no lastro pontuado nesse artigo, é crucial que os estudos da naturalização do ciberespaço e da cibercultura encontrem, de vez, o cordão umbilical que desautoriza, desde sempre, a cisão entre estes e o mundo natural e a cultura, mas que antes disso, os reconheçam como traço de um só corpo, o social, ainda que se possa vislumbrar suas personas, complexas, contraditórias e incompletas, como sempre foram.

Apresentamos o processo de criação do projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia”. Após todo o exposto, fica clara a necessidade de se reinventar constantemente. Fica clara a necessidade e a emergência da implantação de uma cultura de inovação na sociedade. A criatividade para lidar com futuras pandemias e as incertezas que esta trouxe só

irão encontrar respostas e resultados em realidades ainda não criadas, em coisas não inventadas, em palavras não ditas. Entretanto, essa cultura, de certa forma, promoveria uma reviravolta geral em todas as esferas políticas, culturais e sociais. Uma verdadeira transmutação social em que a criatividade não ficaria nas mãos de grandes instituições como ocorre hoje em dia. Se a criatividade fosse mais explorada em todo o mundo, talvez não ficasse nas mãos de grandes corporações. Se o “faça você mesmo” fosse explorado e incentivado, teríamos mais pessoas criando em prol da sociedade. Entretanto, todas as atividades sociais estão ligadas a acordos econômicos. Este projeto representa uma terceira força. Uma força que acredita na colaboratividade, na união do povo e que hierarquias devem ser revistas e repensadas para serem mais maleáveis e fluidas.

Este projeto se originou em entrevistas audiovisuais que foram transcritas, ou seja, transpomos para a linguagem escrita uma memória transmitida pela oralidade. Há uma inversão sistêmica de memória subterrânea para “memória oficial”, “memória nacional”. Buscamos adentrar nas batalhas de narrativas, enquadramentos e reescritas da memória coletiva - tão em voga nas discussões contemporâneas - e contribuir para romper com signos e símbolos de uma memória elitista ligada à aristocracia que ainda oprime povos e raças." A abrangência é muito ampla. Esta se dá pela presença de vozes tão múltiplas somadas à temática que nos atravessa globalmente e ainda pelos formatos tão diversificados que são apresentados nas quatro sessões construídas para transpor “os muros” entre sociedade e academia. Pensada para pessoas interessadas em artes, em docência, em “causas identitárias”, em tecnologias contemporâneas e em muitos outros temas.

O projeto trata de Arte, Direito, Filosofia, Cultura Tradicional, Desenvolvimento Sustentável, Cultura Digital e Inovação. Recorre ao Decolonialismo e a transdisciplinaridade como eixos centrais para justificar os diversos formatos e enfoques que compõem a obra. Para tal são envolvidos(as), autores(as), pesquisadores(as), artistas e membros de comunidades tradicionais e da cultura popular. Percebe-se a relevância da Obra, a atualidade temática, a grande abrangência e seu vasto público alvo em potencial. Vivemos a proposta. Ao abordar questões artísticas relacionadas aos indígenas, ao feminicídio, ao machismo, as tecnologias contemporâneas podem interagir com todas as pessoas.

O projeto “Arte e Inovação em Tempos de Pandemia” só poderia ter nascido dentro de um lugar, que é a Universidade, e não uma universidade qualquer. Em uma universidade que incentiva a transdisciplinaridade: a Universidade de Brasília - UnB. Mas, não dentro de um instituto disciplinar. Apenas dentro de um local que pensa de forma transdisciplinar, um local de embate de ideias, dentro do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM.

Não podemos deixar de citar outras duas grandes referências de extrema importância para a criação deste projeto. O polímata brasileiro, Darcy Ribeiro, com foco nas sociedades indígenas, defensor da educação no país, da comunidade acadêmica e um dos fundadores da Universidade de Brasília – UnB, e o argentino, Jorge Luis Borges, detentor de uma cultura enciclopédica, que contribuiu para a renovação da linguagem de ficção se tornando um dos mais importantes autores da literatura universal por aliar sonhos, prosa imaginativa com mitos, reinvenção de lendas, labirintos, entre outras técnicas para criar seu próprio estilo. Dois sul-americanos que inovaram conceitos e se tornaram referências mundiais por acreditarem em seus sonhos, em mudanças, em seus potenciais, suas responsabilidades sociais, na ciência, no afeto e, principalmente, na criação de novas realidades. Não se prenderam ao ego acadêmico. Mesmo com inúmeros reveses, não deixaram de sonhar. Ambos afirmaram, cada um à sua maneira, que a lógica totalizante é caótica. Que precisamos magiciar a vida. Precisamos de poesia na vida. Precisamos mais do que nunca de arte e inovação.

A UCLA é uma das universidades mais prestigiosas do mundo em Artes e Humanidades e um dos expoentes mundiais em Humanidades Digitais. A experiência com pesquisadores desta instituição contribuiu muito para visão de homem e do mundo, progresso tecnológico, sustentabilidade, além de contribuir com as metodologias de pesquisa do projeto. Ao utilizar metodologias e abordagens inovadoras, como a integração de mídias digitais, técnicas ancestrais, análise de dados culturais e criação de produtos multimídia, o projeto demonstrou como as humanidades digitais podem enriquecer nossa compreensão das interações entre a sociedade contemporânea e as tradições culturais ancestrais. A colaboração entre pesquisadores e laboratórios da América do Norte e do Sul, em particular entre o Media Lab/UnB, o *World Arts & Cultures* da UCLA, o Department of Information Studies da UCLA e o Departamento de *Arts* com o laboratório Art|Sci da UCLA, tem resultado na expansão dos horizontes culturais e na partilha de conhecimento entre diferentes contextos acadêmicos e culturais. Isso não

apenas contribui para a diversificação do repertório cultural, mas também enriquece a produção e a difusão do conhecimento.

O projeto, ao abordar as mitologias ameríndias e explorar as relações entre culturas tradicionais e tecnologia digital, promove discussões sobre decolonialismo e revalorização das perspectivas culturais indígenas. Ao engajar-se nessa abordagem, o projeto contribui para um diálogo crítico e reflexivo sobre as formas dominantes de conhecimento e sua relação com as culturas nativas, gerando insights relevantes para a desconstrução de estruturas coloniais presentes nas humanidades.

A proposta de pesquisa, por meio da criação de produtos culturais e da promoção de debates transdisciplinares, possui o potencial de influenciar políticas públicas e soluções sociais. Através das lives e outras atividades de difusão, o projeto pode catalisar discussões sobre questões contemporâneas, como sustentabilidade, preservação cultural, inovação social e inclusão, contribuindo para uma sociedade mais informada e engajada. A colaboração internacional, a promoção do diálogo intercultural, a produção de produtos culturais e a influência potencial nas políticas públicas convergem para uma abordagem transdisciplinar e impactante, enriquecendo tanto a academia quanto a sociedade em geral.

Concluimos que é de extrema importância aliar o conhecimento teórico ao saber tradicional ou popular por meio de vivência para se ter uma criação textual densa. Por meio da cultura e educação materializadas na escrita é possível criar novas realidade transformadoras e contribuir para que todos tenham acesso à justiça, igualdade e inclusão social, além de tornar a academia um meio emancipatório do ser humano, colaborando para que comunidades sejam vistas com mais respeito e compartilhem do sentimento de cidadania.

Para finalizar, sugerimos o estudo transdisciplinar para as futuras pesquisas e discussões no âmbito acadêmico para que seja possível desenvolver estudos metodológicos sobre o tema e promover uma real democratização de conhecimento e uma provável diminuição na manipulação da população sobre temáticas já ultrapassadas pelas cátedras universitárias.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, RICARDO. COSTA RIBEIRO, WAGNER. PROGRAMA CAPITAL NATURAL. 2015. (54M48S). DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YCYB31IQORY](https://www.youtube.com/watch?v=YCYB31IQORY)>. ACESSO EM: 20 MAR. 2020.

ADORNO, THEODOR W.; HORKHEIMER, MAX. MINIMA MORALIA. SÃO PAULO: ÁTICA, 1992.

AUGÉ, M.: POUR UNE ANTHROPOLOGIE DES MONDES CONTEMPORAINS. PARIS, AUBIER (1994).

ARAVENA, Francisco Rojas. IN PADILLA, Luís Alberto. Antropoceno: sustentabilidade o extinção ¿fin de la modernidad capitalista? GUATEMALA. ISBN 978-9930-542-35-4 IMPRESO EN SAN JOSE, COSTA RICA. 2021.

BAN KI-Moon. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/em-palmas-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas-sao-abertos-com-mensagem-do-secretario-geral-da-onu/>>.

BAUDRILLARD, J. Simulacres et simulations. Paris: Galilée, 1981.

BAUMAN, Zigmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Tempos líquidos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BONFIM, U.C.: Curso de política, estratégia e alta administração do exército ensino a distância cpeaex/ead. escola de comando Estado-maior do exército. geopolítica, p. 101 (2005)

BROWN, Mano. Podcast Mano a Mano. Mano Brown recebe o Prof. e Arqueólogo Rodrigo Silva. 11 de novembro. 1h 15 min.. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/episode/5hxndvx8pYl4Ai3hcuaSnG>> Acesso em: 12/11/2021.

BULLOW, V., Gobbi, D.: Identidade em ambiente virtual: uma análise da Rede Estudantes Pela Liberdade. (2016). <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22245>

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, [S.l.], v. 15, n. 1esp, p. 1-12, dez. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44839>. Acesso em: 05 de jun. 2021.

BUSA, Robert. *A Companion to Digital Humanities*, ed. Susan Schreibman, Ray Siemens, John Unsworth. Oxford: Blackwell, 2004. <https://companions.digitalhumanities.org/DH/>. Acesso: 11/12/2023.

CAMEIRA, S.R.: História e conceitos da identidade visual nas décadas de 1960 e 1970. In: Braga, M.D.C., Moreira, R.S. (eds.) *Histórias do design no Brasil*. Annablume, São Paulo (2012)

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede.** v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHAGAS, Renata Voss. C426 *Imagens moventes: o tempo-movimento e a materialidade da imagem fotográfica na construção de lugares / Renata Voss Chagas.* - Salvador, 2017. 257 f.; il.

CHIOTIS, Theodoros. *How do You Define Digital Humanities?*, 2011. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>. Acesso: 11/12/2023.

CRARY, J. A modernidade e o problema do observador. In: CRARY, J. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p.11-32.

COUPAYE, L. **Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico.** In: SAUTCHUK, Carlos (Org.). Técnica e transformação: perspectivas antropológicas. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017: 475–494.

CUMMINGS, James. How do You Define Digital Humanities?, 2011. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>. Acesso: 11/12/2023.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. *Cultura com aspas: e outros ensaios.* . São Paulo: Cosac & Naify. Acesso em: 07 dez. 2023. , 2009

DEBORD, Guy 1997 — A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo.** São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017. 316 p. Além do capitalismo: uma nova arquitetura social. São Paulo, novembro 2018. 86 p.

DRUCKER, Johanna. Inventing the Alphabet. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hf_Q9KNuvCE. Acesso em: 11/12/2023.

ENGESSER, S., Ernst, N., Esser, F., Büchel, F.: Populism and social media: How politicians spread a fragmented ideology. *Inf. Comm. Soc.* 20(8), 1109–1126 (2017).

<https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1207697> Feitosa, C.: Pensamento pós-moderno. In: Teixeira, F.C. (Org.) *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX*, pp. 702–703. Campus, Rio de Janeiro (2004)

FERNANDES JUNIOR, Rubens. *A fotografia expandida.* 2002. 286 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Cap. II. “A prosa do Mundo”**. p. 23-63. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas (1999).

FREIRE, Teresa et al. **Felicidade Hedónica e Eudaimónica: Um estudo com adolescentes portugueses**. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 31, n. 4, p. 329-342, dez. 2013. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 22 out. 2020.

GARCIA dos Santos, Laymert. in **Cultura Digital.br** – Rodrigo Savazoni e Sergio Cohn (org.); Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

GARRABÉ, Laure - **O Estudo das Práticas Performativas na Perspectiva de uma Antropologia da Estética**. *R. bras. est. pres.*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 62-92, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>.

GERBAUDO, P.: Populism 2.0. In: Trottier, D., Fuchs, C. (Eds.) *Social media, politics and the state: Protests, revolutions, riots, crime and policing in the age of Facebook, Twitter and YouTube*, pp. 16–67. Routledge, New York (2014)

GIDDENS, A.: *As consequências da modernidade*. Editora da Unesp, São Paulo (1991)

GREUEL, Marcelo da Veiga. **Da "Teoria do Belo" à "Estética dos sentidos": reflexões sobre Platão e Friedrich Schiller**. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, p. 147-155, jan. 1994. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5362>>. Acesso em: 02 out. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004;

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.
_____. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **No enxame: Perspectivas do digital**. Tradução Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HARAWAY, Donna. PENSAMENTO TENTACULAR: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno. Disponível em:

https://www.academia.edu/44290451/PENSAMENTO_TENTACULAR_Antropoceno_Capitaloceno_Chthuluceno_DONNA_HARAWAY. 2017.

HINE, C. **Ethnography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury, 2015.

HOBSBAWM, Eric. **O novo século**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

Jennifer Edmond, Jörg Lehmann, Digital humanities, knowledge complexity, and the five ‘aporias’ of digital research, Digital Scholarship in the Humanities, Volume 36, Issue Supplement_2, October 2021, Pages ii95–ii108, <https://doi.org/10.1093/llc/fqab031>

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

KATZ, Jesabel; BRÄCHER, Andréa. **Experimentações com Photosynthesis**.

Exemplificações. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Caxias do Sul - RS – 15 a 17/06/2017.

KELLSTEDT, P. M. **Fundamentos da pesquisa em ciência política**. São Paulo: Blucher, 2015. 343 p.

KELLY, Kevin. **A história épica da tecnologia**. TEDxAmsterdam. November 2009.

Disponível em:

https://www.ted.com/talks/kevin_kelly_technology_s_epic_story?language=pt

KIRSCHENBAUM, Mathew. 2010. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>. Acesso: 11/12/2023.

KIRSNER, S.: **Are you a prosumer? Take this hand quiz quelle** (2005).

<http://archive.boston.com/>

[business/globe/articles/2005/06/13/are_you_a_prosumer_take_this_hand_quiz/](http://archive.boston.com/business/globe/articles/2005/06/13/are_you_a_prosumer_take_this_hand_quiz/)

LE GOFF, Jacques. História. In LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 471.

_____. **Em busca da Idade Média: conversas com Jean-Maurice de Montremy**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEROI-GOURHAN, André. 2002 [1965]. **O Gesto e a Palavra –II –Memória e Ritmos**.

Lisboa: Edições 70.

Lévi-Strauss, Claude. 2008 [1958]. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify. Caps:

“A análise estrutural em linguística e antropologia” (43-65); “A eficácia simbólica” (201-220);

“A estrutura dos mitos” (221-248).

_____. 2013 [1973]. **Antropologia estrutural II**. São Paulo: Cosac Naify. Cap. “A gesta de Asdiwal” .

_____. Lévi-Strauss, Claude. 2006 [1968]. *A origem dos modos à mesa (Mitológicas v. 3)*. São Paulo: Cosac Naify.

_____. 2004 [1964]. *O cru e o cozido (Mitológicas v. 1)*. São Paulo: Cosac Naify. Partes 3, 4, 5. Pp. 177-386

_____. 2004 [1967]. *Do mel às cinzas (Mitológicas v. 2)*. São Paulo: Cosac Naify.

_____ 2011 [1971]. *O homem nu (Mitológicas v. 4)*. São Paulo: Cosac Naify.

_____ 1992 [1991]. *Historia de Lince*. Barcelona: Anagrama.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução Ricardo Corrêa Barosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. 123 p.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. **Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica**. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010. Disponível em: Acesso em 01 de jul. 2021.

MACHADO, A. *Arte e Mídia: aproximações e distinções*. Galáxia: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, v. 2, n. 4 (2002), p.19-32. Disponível em:
<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/1309/1079>.

MAFFESOLI, Michel; STROHL, Hélène. **O conformismo dos intelectuais**. Tradução de Tânia do Valle Tschiedel. Porto Alegre: Sulina, 2015. 182 p.

MARCUS, George E. (2004). **O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia**. Revista de Antropologia, 47(1), 133-158. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012004000100004>.

MARQUÉZ-ELUL, Fercho. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 11, n. 18, ano 11, agosto de 2021.

MARTINS, Jair. 2022. **Gambiarras Digitais – Arte, Ciência e Política no Mundo Conectado**. III Congresso Internacional em Humanidades Digitais. Disponível em: <https://www.even3.com.br/hdrio2023/>. Acesso: 11/12/2023.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; Martins, Alice Fátima. **Entre subjetividades e Aparatos Pedagógicos: O que nos Move a Aprender?** Visualidades, Goiânia, v. 11, n. 2, pp. 59-71, 2013.

MBEMBE, A.: **Crítica da razão Negra**. Lisboa: Antígona. Comunicação e Sociedade, 34, 457–462 (2017). [https://doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2959](https://doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2959).

MCFEDRIES, P., Mary-Lou Galician: **Manual de colocação de produtos na mídia de massa: Novas estratégias em teoria, prática, tendências e ética de marketing (2002)**.

MELLO, Flávia, DARELLA, Maria. **As comunidades Guarani e o processo de duplicação da BR-101 em Santa Catarina – análise da questão territorial** IN Leite, Ilka Boaventura Laudos periciais antropológicos em debate / Organizadora Ilka Boaventura Leite. – Florianópolis: Co-edição NUER/ABA/2005. 288p.

MORIN, E.: **Ciência com consciência**, 10 ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro (2007)

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 5 dez. 2023.

PADILLA, Luís Alberto. **Antropoceno: sustentabilidad o extinción ¿fin de la modernidad capitalista?** GUATEMALA. ISBN 978-9930-542-35-4 IMPRESO EN SAN JOSE, COSTA RICA. 2021.

PAIXÃO DE SOUSA, MARIA CLARA. LER A PROSA DO MUNDO HOJE. DIGITAL HUMANITIES QUARTERLY, VOLUME 14, NUMBER 2, 2020. [HTTP://WWW.DIGITALHUMANITIES.ORG/DHQ/VOL/14/2/000457/000457.HTML](http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/14/2/000457/000457.html).

PENA VEGA, Alfredo. **Wawekrurê: distintos olhares.**/Rodolfo Ward, organização, fotografias. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2015. 156 p.: il., fotos. Edições do Senado Federal, v. 213.

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio.**” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, no 3, 1989.

O’DONELL, P. HOW DO YOU DEFINE DIGITAL HUMANITIES?, 2011. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://HUMANIDADESDIGITAIS.ORG/BREVE-PANORAMA/](https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/). ACESSO: 11/12/2023.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). MANUAL DE OSLO: DIRETRIZES PARA A COLETA E INTERPRETAÇÃO DE DADOS SOBRE INOVAÇÃO. 3 EDIÇÃO. PARIS: OCDE, 2005.

RAYMOND, Eric S. "The New Hacker's Dictionary." MIT PRESS, 1996.

ROLLO, Maria Fernanda. Desafios e responsabilidades das humanidades digitais: preservar a memória, valorizar o patrimônio, promover e disseminar o conhecimento. O programa Memória para Todos. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol 33, nº 69, p. 19-44, Janeiro-Abril 2020.

ROQUE LUCAS, TERENA MARCOS, CALFIN JUAN ANTONIO, TERENA TAYLI. 2017. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000249170>> acesso: 06/02/2019.

SARAIVA, J. F. S.. **Relações Internacionais - Dois Séculos de História.** 1. ed. Brasília: Instituto Brasileiro de relações Internacionais, 2001. v. 2. 268p .

SAUTCHUK, C. (org.) 2017. **Técnica e transformação: perspectivas antropológicas**. Rio de Janeiro; ABA Publicações.

SILVA, F A B; ZIVIANI, P.; GHEZZI, D R. **As Tecnologias Digitais e seus Usos**. Texto para Discussão IPEA. Rio de Janeiro, IPEA, 2019, 56 p.

SIGAUT, F.: SAUTCHUK, C. (org.) 2017. **Técnica e transformação: perspectivas antropológicas**. Rio de Janeiro; ABA Publicações.

SIGAUT, F. 2002 [1994]. "Technology". In: T. Ingold (éd.). **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres: Routledge. pp. 420-459. _____ . Comment homo devint faber comment l'outil fit l'homme. CNRS Éditions, Paris (2012).

SIMONDON, Gilbert. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1989 [1958].

SVEN, E., Nayla, F., Anders, O.L.: Populist onlinecommunication: introduction to the special issue. *Infor. Comm. Soc.* 20(9), 1279–1292 (2017).

<https://doi.org/10.1080/1369118X.2017.1328525>

TALBOT, William Henry Fox. "**The Pencil of Nature**." Longman, Brown, Green, and Longmans, 1844-1846.

TARROW, S.: **Ballots and Barricades: On the Reciprocal Relationship Between Elections and Social Movements** (2009).

TEIXEIRA, Ana Cláudia; ZANINI, Débora; MENESES, Larissa. **O fazer político nas mídias sociais: aproximações teóricas sobre ação coletiva em rede**. 41o Encontro Anual da Anpocs GT2 – Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura. 2017.

ULLOA, Astrid. <https://www.goethe.de/prj/hum/pt/dos/kos/21539326.html>. 2019. Acesso em: 28 outubro de 2023.

WARD, Rodolfo. **Da fotografia documental à artística**. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 19, n. 41, p. 102-165, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.169675. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/169675>. Acesso em: 28 maio. 2021.

_____. Anais do 18º Encontro internacional de Arte, Ciência Tecnologia.

Transmutações sociais: novas tecnologias, concepções de mundo, novos regimes de verdade e a necessidade de um reencontro com a Natureza. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa de 17 a 19 de outubro. ISSN: 2238-0272. Lisboa-PT. 2019. P. 1262-1275.

_____. **Estado moderno e contemporâneo: história, memória e identidade**.

RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade Revista Latino americana de Estudios veja Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society V. 05, ed. Especial, abr., 2019, artigo nº 1402| claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870.

_____. **Antropoceno: a importância da implantação da cultura da inovação no contexto social contemporâneo**. O espanto e a dor diante da Covid-19. Revista Humanidades. N. 64. Editora da Universidade de Brasília–UnB. Dezembro 2020. ISSN 0102.9479.

_____. Cadernos do Ceam 36. **Arte e inovação em tempos de pandemia 1 “Lives”**[recurso eletrônico] / Rodolfo Ward, organizador. –Brasília : Universidade de Brasília, 2022. 4 v. ISBN 978-65-997169-3- 5 (v. 1).

_____. Cadernos do Ceam 37. **Arte e inovação em tempos de pandemia 2 “Artes Visuais”**[recurso eletrônico] / Rodolfo Ward, organizador. –Brasília : Universidade de Brasília, 2022. 4 v. ISBN 978-65-997169-1- 1 (v. 2).

_____. Cadernos do Ceam 38. **Arte e inovação em tempos de pandemia 3 “Artigos”**[recurso eletrônico] / Rodolfo Ward, organizador. –Brasília : Universidade de Brasília, 2022. 4 v. ISBN 978-65-997169-2- 8 (v. 3).

_____. Cadernos do Ceam 39. **Arte e inovação em tempos de pandemia 4 “Poesia”**[recurso eletrônico] / Rodolfo Ward, organizador. –Brasília : Universidade de Brasília, 2022. 4 v. ISBN 978-65-997169-0- 4 (v. 4).

WARD, Rodolfo; ROCHA, Cleomar; VENTURELLI, Suzete. **Cyberspace and Cyberculture: The New Social and Governance Field**. In MOALLEM, Abbas (Ed.). HCI for Cybersecurity, Privacy and Trust. Lecture Notes in Computer Science. Nova York: Springer International Publishing, 2020, pp. 547-557.

WARD, Rodolfo et al. **Arte e Antropologia da Técnica e da Ciência**. Anais do VII Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas. HUB Eventos 2020. ROCHA, Cleomar et al (Orgs). São Paulo: Media Lab / BR, PUC-SP, 2020. ISSN 2358-0488.

UNSWORTH, John. **Digital Humanities Beyond Representation**, 2006. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>. Acesso: 11/12/2023.

VENTURELLI, Suzete. Cadernos do Ceam 36. **Arte e inovação em tempos de pandemia 1 “Lives”**[recurso eletrônico] / Rodolfo Ward, organizador. –Brasília : Universidade de Brasília, 2022. 4 v. ISBN 978-65-997169-3- 5 (v. 1).

VON, Hunty. REALITY IS SUBJECTIVE. Tempero Drag. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kdHmy0_Rkcw.

VOSS, Renata. **Imagens moventes: o tempo-movimento e a materialidade da imagem fotográfica na construção de lugares** / Renata Voss Chagas. - Salvador, 2017. 257 f.; il.

Anexo 1

UCLA Latin American Institute

About Academics Research Community Engagement News & Events HAPI Give

"FROM THE TREE OF LIFE TO THE LEAVES OF KNOWLEDGE: TRANSCENDING AESTHETICS" EXHIBITION

Wednesday, August 2, 2023
3:00 PM
Consulate General of Brazil in Los Angeles
8484 Wilshire Boulevard, suite 300
Beverly Hills, CA 90211

[GOOGLE CALENDAR](#) [OUTLOOK CALENDAR](#)

"From the Tree of Life to the Leaves of Knowledge: Transcending Aesthetics" will be an exhibition that mixes ancestral and contemporary image production techniques. This cultural project foresees "12 Photographs printed on plant leaves with the artisanal technique of printing in chlorophyll" and "5 QR Codes with augmented reality that will provide interaction between visitors and the works". Augmented reality will be accessed from the mobile device of those who visit the exhibition and will be presented through texts, interview sounds, videos, expanded photographs, some phases of the creative process of the exhibition, and, the myths and legends of the culture of the Xerente ethnic group, specifically of the Porteira and Salto tribes, located in the municipality of Tocantina, State of Tocantins, in the Brazilian Amazon region.

UCLA Latin American Institute UCLA • UCLA International Office • UCLA Global • UCLA International Institute

About Academics Research Community Engagement News & Events HAPI Give

"From the Tree of Life to the Leaves of Knowledge: Transcending Aesthetics" will be an exhibition that mixes ancestral and contemporary image production techniques. This cultural project foresees "12 Photographs printed on plant leaves with the artisanal technique of printing in chlorophyll" and "5 QR Codes with augmented reality that will provide interaction between visitors and the works". Augmented reality will be accessed from the mobile device of those who visit the exhibition and will be presented through texts, interview sounds, videos, expanded photographs, some phases of the creative process of the exhibition, and, the myths and legends of the culture of the Xerente ethnic group, specifically of the Porteira and Salto tribes, located in the municipality of Tocantina, State of Tocantins, in the Brazilian Amazon region.

The Brazilian Consulate in Los Angeles will be the perfect setting to host this unique exhibition, which will feature artistic and immersive photographs created by artist Rodolfo Ward. The myths, legends and folklore of Brazilian indigenous peoples will be brought to life through innovative techniques such as chlorophyll print and augmented reality.

The Consulate, as a space for promoting culture and cultural exchange, will offer visitors a special opportunity to connect with Brazilian indigenous culture and appreciate the preservation work carried out by Rodolfo Ward in his doctoral project. We invite everyone, Los Angeles residents and Brazilian culture enthusiasts alike, to participate in this unique exhibition at the Brazilian Consulate in Beverly Hills in August 2023. It is an opportunity to experience indigenous Brazilian art, technology and cultural richness in an environment of cultural exchange and celebration.

<https://rodolfoward.com>

About
Academics
Research
Community Engagement
News & Events
HAPI
Give

10343 Bunche Hall
315 Portola Plaza
Los Angeles, CA 90095-1447

[Facebook](#)
[Twitter](#)
[Instagram](#)
[YouTube](#)

(310) 825-4571
lai@international.ucla.edu

UCLA Latin American Institute UCLA • UCLA International Office • UCLA Global • UCLA International Institute

facebook.com

efomento... Página inici... https://ww... https://ww... Email - RO... https://ww... latin americ... Victoria Ve... (3) Facebook "From the... BRASA 202...

Q Pesquisar no Facebook

Consulado-Geral do Brasil em Los Angeles

Todos os serviços oferecidos pelo Consulado podem ser solicitados diretamente pelo E-CONSULAR.

Página · Organização governamental

8484 Wilshire Blvd, Ste 300, Beverly Hills, CA, United States, California

+1 323-651-2664

cg.losangeles@itamaraty.gov.br

consulatebrla

gov.br/mre/pt-br/consulado-los-angeles

Fechado agora

Classificação · 4,0 (308 avaliações)

Fotos Ver todas as fotos

Consulado-Geral do Brasil em Los Angeles está em Los Angeles.

20 de julho ·

"Da Árvore da Vida às Folhas do Conhecimento: Transcendendo a Estética", de Rodolfo Ward, é uma exposição que mistura técnicas ancestrais e contemporâneas de produção de imagens. Ela inclui 12 fotografias impressas em folhas de plantas com técnica artesanal de impressão em clorofila e 5 QR codes que irão proporcionar interação entre os visitantes e as obras. A exposição terá sua abertura no Consulado no dia 2 de agosto às 3 p.m. Para participar do evento, escreva para cult... Ver mais

para as todas do conhecimento:
transcendendo estéticas

From the tree of life
to the leaves of knowledge:
transcending aesthetics

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE
PHOTOGRAPHY EXHIBITION BY
Rodolfo Ward

Rodolfo Ward apresenta a exposição fotográfica:

Da árvore da vida
para as folhas do conhecimento:
transcendendo estéticas

02/08, 15h.
Consulado-Geral do Brasil em Los Angeles
8484 Wilshire Boulevard, Ste 300
Beverly Hills, CA 90211

From the tree of life
to the leaves of knowledge:
transcending aesthetics

02/08, 15h.
Consulado-Geral do Brasil em Los Angeles
8484 Wilshire Boulevard, Ste 300
Beverly Hills, CA 90211

Consulado-Geral do Brasil em Los Angeles

Todos os serviços oferecidos pelo Consulado podem ser solicitados diretamente pelo E-CONSULAR.

Página · Organização governamental

8484 Wilshire Blvd, Ste 300, Beverly Hills, CA, United States, California

+1 323-651-2664

cg.losangeles@itamaraty.gov.br

consulatebrla

gov.br/mre/pt-br/consulado-los-angeles

Fechado agora

Classificação · 4,0 (308 avaliações)

Fotos Ver todas as fotos

Consulado-Geral do Brasil em Los Angeles

3 de agosto ·

A exposição "Da Árvore da Vida às Folhas do Conhecimento: Transcendendo a Estética", de Rodolfo Ward, foi inaugurada ontem, 2 de agosto, na Galeria Vinícius de Moraes no Consulado do Brasil em Los Angeles e está aberta ao público. Rodolfo esteve presente, assim como membros da UCLA, do Consulado e da comunidade.

A mostra, composta de 12 fotografias impressas em folhas de plantas com técnica artesanal de impressão em clorofila, mistura técnicas ancestrais e contemporâneas de produção de imagens e conta também com QR codes que proporcionam interação com as obras.

A realidade aumentada pode ser acessada a partir do celular de quem visita a exposição. Ela apresenta, em textos, entrevistas, vídeos e fotografias expandidas, algumas fases do processo criativo e os mitos e as lendas da etnia Xerente, especificamente das tribos Porteira e Salto, do município de Tocantínia, Estado do Tocantins, região Amazônica brasileira.

Rodolfo Ward, que acaba de retornar para o Brasil, é doutorando em Artes pela Universidade de Brasília - UnB e passou 9 meses como pesquisador visitante na University of California - UCLA.

Para visitar a exposição, mande um email para cultural.la@itamaraty.gov.br

[Rodolfo Ward UCLA UCLA Center for Brazilian Studies UnB](#)

The exhibition "From the Tree of Life to the Leaves of Knowledge: Transcending Aesthetics", by Rodolfo Ward, opened yesterday at the Consulate of Brazil in Los Angeles. Rodolfo attended the event, as well as members of UCLA, the Consulate, and the community.

The exhibition, made up of 12 photographs printed on plant leaves using a handmade chlorophyll printing technique, mixes ancestral and contemporary image production techniques and also features QR codes that provide interaction with the works.

Augmented reality can be accessed with the visitors' cell phones. It presents, in texts, interviews, videos and expanded photographs, phases of the creative process and the myths and legends of the Xerente ethnic group, specifically of the Porteira and Salto tribes, from the municipality of Tocantínia, State of Tocantins, in the Brazilian Amazon region.

Rodolfo Ward, who has just returned to Brazil, is a doctoral candidate in Arts at the University of Brasília - UnB and spent 9 months as a visiting researcher at the University of California - UCLA.

To visit the exhibition, send an email to cultural.la@itamaraty.gov.br

APÊNDICE

Transcrição da entrevista realizada durante visita de campo à Aldeia Xerente no município de Tocantínia-Tocantins.

(língua indígena) 00:00:34 - 00:01:20

RODOLFO: Então assim, você acha que essa coisa da vivência ela também deveria estar no currículo escolar?

ARMANDO SOPRE: Sim, sim. Deveria estar no calendário.

RODOLFO: No calendário escolar?

ARMANDO SOPRE: No calendário escolar.

RODOLFO: Inclusive, da Seduc, porque assim, aqui é um povo tradicional que está há muito tempo aqui...

ARMANDO SOPRE: Sim, sim.

RODOLFO: Fixado, antes mesmo do Estado do Tocantins, então assim, é isso que vocês estavam defendendo?

ARMANDO SOPRE: Isso, ontem. Foi discutido isso, dois dias na formação, que eles vão trabalhar agora da forma possível para que seja incluída no calendário.

RODOLFO: Entendi. Interessantíssimo.

ARMANDO SOPRE: Isso. Vai ser muito bom.

RODOLFO: E o que tem em 19 de abril, que você falou?

ARMANDO SOPRE: 19 de abril sempre para nós é uma data para gente lembrar, relembrar os nossos ancestrais, porque onde os nossos antepassados lutaram, trabalharam para que seja reconhecida a nossa cultura, o nosso idioma, então, é um momento de a gente fazer ritual, dançar, cantar, mostrar a cultura, então é isso.

RODOLFO: Que é importantíssimo, não só para manter a tradução, mas assim, para se preservar, os jovens também terem essa vivência, porque com essa convergência cultural, acaba se perdendo.

ARMANDO SOPRE: Então, isso é muito bom, porque as próprias crianças vão acompanhar, os anciãos explicando a cultura, ensinando a cantar, ensinando a respeitar, ensinando a falar, aprendendo certos rituais que a gente tem, que é realizado durante a festa, então, na verdade é uma escola, é uma aula que as crianças estão lá dentro de uma sala de aula diferente, física, então é isso. Mas isso não está no calendário.

RODOLFO: Entendi.

ARMANDO SOPRE: Mas eu creio que vai ser trabalhado para que seja incluído isso.

RODOLFO: É, eu acho fantástico isso aí. Essa luta tem que acontecer, mesmo. Opa, tudo bom? Eu sou o RODOLFO.

Isabel: Olá.

RODOLFO: Prazer em conhecer.

M2: Olá, tudo bem? Como é que a senhora está?

Isabel: Bom.

M2: Prazer estar aqui.

Isabel: Bom. Vamos sentar todo mundo.

RODOLFO: Vamos.

ARMANDO SOPRE: Tem muitas palavras que vem da cidade que a gente não tem na língua.

RODOLFO: Tudo bom? Eu sou o RODOLFO. Prazer.

ARMANDO SOPRE: (língua indígena 00:05:05 – 07:50) RODOLFO, já expliquei para ela. Sei que você não entendeu quase nada.

RODOLFO: Entendi nada.

ARMANDO SOPRE: Que você está vindo com o objetivo de pesquisar, não é? Você está fazendo doutorado e que o seu projeto, o seu plano é pesquisar da mitologia Xerente, e onde nós temos sobre a origem do fogo, a origem do tamanduá, a origem de anta, a origem do caititu, a origem de sete estrelas, então, eu já expliquei, já adiantei e que ela está ciente agora e que depois do almoço a gente vem, ela vai estar a disposição. Não vai ter mais criança, só nós mesmos e onde você vai se sentir a vontade de perguntar para ela como vai ser o procedimento da sua pesquisa, e que eu falei que você trouxe uma cesta para ela e ela está se sentindo bem, também. Foi isso que eu expliquei.

RODOLFO: Show de bola.

(inint linguagem indígena e falas indistintas – 00:10:47)

ARMANDO SOPRE: Inalienável, é que a gente não doa, não troca, então, a nossa cultura está dentro dessa caixinha de inalienável. A pessoa não pode criar e nem trocar. Nasceu, vai crescer e vai morrer com o clã, que é onde está fazendo parte.

RODOLFO: Mas aí você disse que, por exemplo, tem gente que forma outra aldeia. Como funciona? A aldeia está dentro de um clã?

ARMANDO SOPRE: Não, como eu falei que os seis fazendo parte com outros e construindo a família, porque o casamento está dentro desses seis, então, é normal construir uma família, vive numa aldeia todos os clãs, então, vai assim, vai construindo. Essa é uma regra para gente seguir dentro da cultura, mas, às vezes, falha. Quer dizer, a cultura não falha. O próprio homem falha, não quer praticar, não quer respeitar, então, às vezes, isso acontece.

M2: Não quer viver isso.

ARMANDO SOPRE: Isso.

M2: Está sendo esquecido de geração em geração.

RODOLFO: É, mas aí é o que eu te falo, a pessoa funda uma aldeia. Ela vai estar dentro de um clã desses?

M2: Especificamente tem que participar de algum desses?

ARMANDO SOPRE: Isso. Ao clã, onde vai ser o cacique ou vai ser Krozaké, Kuzã, Kubazi vai ser o responsável da aldeia, não é? O responsável da aldeia, onde está o Kuzã,

M2: Você casou com ela?

ARMANDO SOPRE: Eu casei com essa aqui kuzã. Não, mas na verdade, esse aqui, por exemplo, esses 3...

M2: São as raízes?

ARMANDO SOPRE: Tem liberdade de se casar com um desses três. Pode casar. Não pode casar entre esse aqui, só que já está acontecendo isso. Eu sempre me faço essa pergunta, um dia eu vou pesquisar isso: por que alguém quebrou essa regra, o mesmo clã casando com o mesmo clã? Só pode ser o coração. Talvez se tenha apaixonado demais.

M2: É.

ARMANDO SOPRE: Aí aconteceu essa quebra de tabu, não é? Mas uns, por exemplo, eu quero seguir essa prática, por isso que eu nunca me interessei de me casar assim. O primeiro que eu tive, eu fui casado com uma wahire, me separei, e casei com uma Krozaké, minha atual esposa.

M2: E aí quando você casa com ela, ela vira kuzã?

ARMANDO SOPRE: Na verdade, a nossa cultura é patrilinear, onde o direito é do pai, então, todos os filhos meus...

M2: Vão ser...

ARMANDO SOPRE: Vão seguir o meu clã.

M2: Seu clã?

ARMANDO SOPRE: O meu clã e não o da mãe.

M2: Então neném é kuzã?

ARMANDO SOPRE: Todos os meus filhos...

M2: Vai ser kuzã?

ARMANDO SOPRE: Mesmo que a mãe é Krozaké, vai ser Kuzã, porque é patrilinear. São poucas. Acho que, aqui no Brasil, acho que são só os Zo'é, que vivem no Estado do Pará, que são matrilinear, que é a da mãe. Ela tem direito de casar com mais de um homem. A nossa cultura permite, também. A gente pode casar com mais mulher, mas hoje, com a mudança de cultura é pouca, mas existe ainda. Os mais velhos tem duas mulheres. Aonde a gente vai, o cacique lá tem duas mulheres.

M2: Duas mulheres?

ARMANDO SOPRE: É, duas mulheres.

RODOLFO: E elas vivem juntas, de boas?

ARMANDO SOPRE: Sim. Tem a casa delas.

M2: Uma é casada com ele e a outra na outra casa?

ARMANDO SOPRE: Isso, na outra casa.

M2: Ele que escolheu? Ele que quis?

ARMANDO SOPRE: Ele que quis.

M2: Tem três quartos?

ARMANDO SOPRE: Três quartos, cinco filhos, mas como eu falei, já está sendo...

M2: Ele é o pajé?

ARMANDO SOPRE: Não, ele é só... Ele é até desse clã aqui, krozaké.

RODOLFO: Mas aí assim, como é que funciona? A mulher também pode ter mais de um marido ou não?

ARMANDO SOPRE: Não, não. Aí nesse caso seria matrilinear, não é? E a nossa cultura é patrilinear.

M2: Entendi.

ARMANDO SOPRE: É do homem, então, o homem que domina a cultura, o homem que tem direito, por isso que ele pode casar com duas mulheres ou mais. A diferença do matrilinear é o que eu falei, que tem o Z'óé, onde as mulheres se casam com mais homens. É o direito. É o direito da mulher.

RODOLFO: E deixa eu te perguntar: qual é a função, por exemplo, desse cara? O homem que casa com mais de uma mulher, ele tem uma função, também? Ele tem que sustentar as duas ou não?

ARMANDO SOPRE: Tem que sustentar as duas, porque na verdade, isso não era assim de qualquer jeito, qualquer um poderia. É só o liderança ou então ele era caçador mesmo e também era trabalhador, que tinha o direito. Já está tudo velho esses que tem duas mulheres. Hoje, os mais jovens não tem mais. Acabou.

M2: Uma mulher já dá trabalho. Imagina duas.

ARMANDO SOPRE: Gavião, Krikratí faz parte desse ramo macro-jê.

M2: Todas do Tocantins essas tribos?

ARMANDO SOPRE: Não, não. Krikratí já é do Maranhão, Gavião já é Maranhão e metade do Pará. Mas faz parte desse ramo “jê”.

M2: Os Javaé pegam muito aqui, né?

ARMANDO SOPRE: Javaé já faz parte do grupo tupi, então, o ramo tupi.

M2: Legal. Mas é outra etnia.

ARMANDO SOPRE: É por isso que, assim, tem umas palavras que, por exemplo, em Krahô, o significado é o mesmo. Por exemplo, veado-campeiro, “pó”, e no Xerente é “pó”, também, então, por isso que faz parte esse grupo, o “jê”, a gente está dentro de uma caixa. A gente não entende, mas algumas palavras vão aparecer.

M2: Às vezes, do nada, é a mesma palavra.

ARMANDO SOPRE: É bem parecido, por exemplo, o “inkraô pê kram”, cabeça de peixe. Na língua deles é (tepikram), mas o som é quase parecido, então, com isso organizou quem faz

parte do ramo “jê” tem alguma semelhança ou significado, eles viram alguma palavra. Agora, o tupi tem nada a ver, nem chega perto. Os tupi, tupi-guarani, kaiowá.

M2: Tupi-guaraná é parecido com a civilização, na verdade.

ARMANDO SOPRE: É... esse já é outro ramo que faz parte...

M2: E nada a ver a língua tupi com vocês, Xerente?

ARMANDO SOPRE: Não.

M2: A diversificação é grande no Brasil. Isso é importante.

ARMANDO SOPRE: É por isso que, na história, o tupi-guarani, devido à complexidade da língua, da linguagem, quase se tornou o oficial do Brasil. Seria muito bom. Se tivesse aprovado hoje, os brasileiros teriam dois idiomas: falariam tupi e português, e nós, Xerentes, iríamos falar tupi, português e nossa língua. Seria massa demais, rapaz. Pena que ninguém não apoiou. Igual por exemplo, o Paraguai. O Paraguai é bilíngue, eles falam a língua deles e falam o tupi.

M2: E falam português, também.

ARMANDO SOPRE: É. Isso seria muito bom se o Brasil tivesse oficializado como língua, segundo idioma do Brasil. Nós éramos políglotas, menino, todos nós.

M2: Estavam bem.

RODOLFO: E são quantos troncos linguísticos aqui no Brasil? São quatro? Tupi...

M2: Guarani, português...?

ARMANDO SOPRE: Não, na verdade são só duas, que é a tupi, esse ramo “jê” e tupi. Os tupinambás já fazem parte do ramo tupi.

RODOLFO: Então, são só dois?

ARMANDO SOPRE: Só tem dois ramos. Mas eles estão com essa pesquisa, os linguistas estão querendo... Na Amazônia tem muito sentido, por isso que assim, a diferença, estão avaliando que é muito diferente. Não chega perto o ramo tupi, então por isso que eu creio que

pode aparecer o terceiro ramo, mas no momento, só o tupi-guarani, que é o ramo tupi, macro-jê, que é o nosso ramo, esse povo mais concentrado para cá, para o Tocantins, Pará, Maranhão...

M2: Mato Grosso.

ARMANDO SOPRE: Mato Grosso, então está mais para cá esse ramo macro-jê. O ramo tupi está mais para lá, para o rumo do Amazonas, Rondônia, Roraima, para lá.

RODOLFO: Entendi.

ARMANDO SOPRE: Então é isso.

RODOLFO: Então, a gente pode começar. Primeiro assim, eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, a sua idade, contasse um pouco da sua história.

Isabel: Agora, a minha idade, só com identidade, mesmo. Você sabe que o índio, de primeira, não tinha escola na época, não tinha nada. Hoje que o índio está estudando, hoje que o índio está correndo atrás. Hoje. E tem muito que interessa para poder estudar, não é? Mas, de primeira, nós não tínhamos carro, nós não tínhamos nada, nos não tínhamos transporte e nem nada. O nosso carro era o pé. Nós íamos para a rua era de pé, mesmo. Hoje está acontecendo nesse negócio, não é? Hoje tem saúde, tem tudo, através do branco. O branco ensinou para gente e vai acabar esse negócio.

RODOLFO: Então, a senhora não sabe bem a sua idade?

Isabel: Não.

RODOLFO: Mas a senhora acha que teria quanto, mais ou menos?

Isabel: Eu vou pegar a minha identidade.

RODOLFO: Não precisa, não.

Isabel: Eu não sei não. Só pela identidade, mesmo.

RODOLFO: Esse bastão, qual é o nome desse instrumento?

Isabel: Isso aqui é... O branco fala que é (inint – língua indígena 00:22:22).

ARMANDO SOPRE: Cajado.

Isabel: Nós falamos (inint 00:22:27), só que é para levar na reunião. Não é para bater no pessoal, não. É para se apresentar. E eu tenho um cocarzinho para botar, assim, na cabeça, não é?

RODOLFO: Sim.

Isabel: Agora, a minha idade mesmo, eu não sei não, mas eu falo assim, porque minha idade já está bem avançada. Eu não sabia falar direito, mas como eu ando no mundo, eu vou participar de reunião, e agora eu estou sabendo de alguma coisa do branco, não é? Que a tradição do branco é outra. E sempre eu gosto de contar às coisas que está acontecendo de primeira, no tempo em que minha avó estava viva, meus avôs estavam vivos, meu pai estava vivo. Tudo morreu, não é?

M2: O que a senhora lembra-se do seu avô?

Isabel: Não, ele morreu quando eu era pequena. Minha mãe morreu quando eu era pequena, também.

M2: A senhora teve quantos irmãos e irmãs?

Isabel: Agora meu irmão tem... Tinha três comigo. Por parte de pai e mãe. Aí depois minha mãe morreu, e papai casou com outra mulher, não é? Da outra mulher tem muito irmão e irmã, também.

RODOLFO: O que a gente também queria saber é um pouco dos mitos, das lendas do povo Xerente. O que você poderia falar para gente? Tem a lenda da anta. Quais são as outras lendas que tem? Das sete estrelas.

ARMANDO SOPRE: (inint – língua indígena 00:24:51).

Isabel: Vou começar com a do bandeira. O bandeira, disse que era uma velha, porque se eu falasse na minha língua, vocês não entendem, então eu vou começar.

M2: A senhora pode contar na sua língua e, depois, ele vai fazer a tradução para gente.

Isabel: É?

ARMANDO SOPRE: Eu falei para ela que ela vai se sentir, não é? Se ela quiser falar na língua...

M2: Melhor.

ARMANDO SOPRE: Eu posso traduzir, mas se ela se sentir e falar em português...

M2: Ela fala e traduz.

RODOLFO: A senhora pode deixar só um pouquinho, porque isso está na frente do seu rosto. Obrigado. Pode começar a falar.

Isabel: Então eu mesma posso falar, não é?

RODOLFO: Sim, sim.

Isabel: O bandeira diz que é assim. Diz que era uma velha, como eu. Nessa casa, tinham 3, 4 famílias. Essa velha não tinha marido, diz que tinha só um menino que ela criava, porque nós somos velhos, nós gostamos de criar meninos...

M2: Neto.

Isabel: Neto. Aí disse que ela falou que ia pegar lenha. Aí foi mais o menino para o mato. Pegou muito lenha, e diz que agora ela está virando bandeira e agora ela está andando assim, no meio do mato, comendo aquele cupim. Ela está comendo. E o menino falou para ela “vovó”, “ainda estou comendo”, ela falou, diz que ainda estava comendo cupim. Diz que o menino abusou e já estava cansado e foi embora para casa. Aí chegou lá e os outros “cadê a sua vó?”, “vovó virou bicho”, “mas o que foi que virou?”, “virou um bandeira”. Quando foi amanhã de manhã cedo e diz que foram muitos. Aí mataram a velha, na época, mataram e comeram. Aí agora ela virou bandeira e ficou para sempre. Agora, hoje, quando faz festa mesmo, é só os parentes, eles dançam, comem bandeira, mesmo. Agora, história de...

M2: Onça?

Isabel: De onça é muito longa. Eu vou contar assim mesmo para vocês.

RODOLFO: Conta, pode contar.

Isabel: Porque o sol está quase baixo e é longa demais. A história da onça é assim. De primeiro, não tinha fogo. O índio próprio não tinha fogo. Diz que assava alguma coisa e era assim, no chão mesmo. Era para assar bem. E aí o que foi? O genro disse que, à noite, estava falando para mulher “olha, eu achei o filho de Ará lá no mato”, e disse que o menino escutou e falou assim “eu também vou”, “não é longe”, “eu vou assim mesmo” e diz que foram para o mato. Chegaram lá, eu acho que era Deus que estava mandando esse menino. Diz que pegou duas pedrinhas e botou na boca. Diz que ele tirou pau, e ele mandou para subir e subiu. Diz que ele falou assim “tem ovo ainda”, “tem ovo não, porque ontem eu vim aqui e estava dando de comer. Já está grande”, “não, tem ovo”, e o menino teimando com ele. Pegou esse ovo da boca dele, a pedra, jogou para ele. Disse que era ovo. Mas disse que o bichinho estava quieto, também. Teimou, teimou, teimoso danado, e ele falou outra vez “tem ovo ainda. Quer que eu jogue outro?”. “Não, pode jogar”. Aí jogou. Era ovo mesmo, mas eu acho que era Deus que estava fazendo essas coisas. Aí ele foi embora, se zangou e esse homem foi embora para casa dele. Disse que deixou o menino. Aí passaram umas duas semanas, aí o menino disse que estava cantando (música indígena – 00:31:20 – 00:31:31), chamando esse homem que deixou ele. Aí diz que ele chorava. Diz que a onça passou no meio deles e diz que ele falou (fala indígena). Diz que onça comeu, diz que o outro pegou e jogou para a onça na época e a onça comeu, e agora o menino ficou com medo. Aí quando o menino ficou com medo, diz que ele mandou para ele descer, para ele carregar, para onça carregar onde ele estava. Diz que o menino estava magrinho, ele bebia era mijo dele. Quando chegou, ele desceu, diz que a onça rugiu e diz que o menino estava magrinho, só de fome e sede. Disse que, quando ele desceu, a onça pegou o menino e botou na cacunda. Tinha uma grutinha assim e ele disse que estava morrendo de sede. A onça parou. Carregou ele até outra gruta (fala indígena). Disse que foi, e tinha um córrego grande e botou ele pra beber, porque o menino estava chorando de sede. Beberam, quase que ia secar o córrego grande mesmo, e ia secar, mesmo. Aí disse que o jacaré (fala indígena 00:34:19 – 00:34:37). Disse que pegou ele outra vez e chegou onde estava a onça e mais a mulher. (fala indígena – 00:35:00).

ARMANDO SOPRE: (fala indígena 00:35:01 – 00:35:05)

Isabel: Disse que a mulher da onça falou que o menino era feio, magrinho, não sabe pra que ia levar. Aí disse que ele falou (fala indígena – 00:35:19). Aí disse que a mulher, o marido dela

que falou para dar de comer ao menino. Ela pegou carne, até a onça mesmo estava comendo. Esse menino comeu, comeu. Estava dando calor no menino. Eu acho que comeu muito. Aí, quando acabou de comer, o menino dormiu, estava muito fraco. Aí que começou. Diz que, de primeira, nós não tínhamos fogo, de início, não tinha fogo. Eles começaram. O menino foi engordando. Aí diz que falou para o menino “agora amanhã eu vou caçar, ver se vou matar anta, e nós vamos maquiar e você leva para sua casa. Vou botar no coro e boto pra você. Vou fazer a lança pra você, mas é para você matar a minha mulher. Se você não matar, vai te comer. Você mata minha mulher. Eu não tenho pena não, eu tenho pena é de você”. Aí esse homem pegou o couro da carne e botou lá. Aonde ele botou, roçou assim e botou a carne. Quando a mulher foi para o córrego para pegar água, diz que o menino foi embora. Do jeito que o homem estava conversando com ele... diz que chegou: “pra que você veio?”, “eu vim porque eu estou com saudade de meu pai e de minha mãe”, “pois você vai descer, porque eu vou te comer. Se eu subir atrás de você, eu vou te comer”, “pode me comer, não tem problema não, só que eu vou te matar”, “você não me mate não, eu faço é te comer!”... e a onça caiu no chão. Diz que ele desceu, pegou o couro da carne, foi embora. Era pertinho para a casa dele, da aldeia ele. Chegou lá na aldeia ele, tinha pertinho, botou a carne, o corpo. Vinham os meninos assoviando. Esse menino que estava no mato, pegou o pau assim e quebrou. Outro menino veio. Disse que viu o irmão e disse que eles correram lá para casa. (fala indígena – 00:39:26). Disse que, desse lugar, não queria mais sair. Passou um pedacinho e os meninos foram lá outra vez. Estava rastejando o bichinho, e o menino assoviando. Quebrou pauzinho outra vez e o menino olhou para ele e diz que era ele. Quando foi a segunda vez, eles combinaram “agora você vai ficar junto com ele e vão atrás do nosso pai... (fala indígena – 00:40:31). Disse que a mãe respondeu (fala indígena – 00:40:32) e, mesmo assim, levou a mãe e estava o rapaz lá, o menino. Levaram ele para casa dele para ver e diz que todo mundo chorou. O tio dele, do menino, fez discurso para ele, para o povo, para parar de chorar por ele, porque senão vai morrer de calor. Diz que o pessoal espalhou. Quando foi de tarde, falou para o tio que tinha deixado essa carne, o couro de carne no mata. Diz que o pessoal pegou essa carne, “mas é Deus que está mandando”. Disse que o pessoal (cozeu). De primeiro, o índio não parava de cozer, mas nessa hora que todo mundo falava “kuzã, kuzã, kuzã”. Chegaram com a carne, partiram, todo mundo comeu e todo mundo levou um pedacinho, porque era muito. Como aqui, a casa é pouquinha, mas quando chega muita gente, cada casa tem duas famílias, tem vezes que tem 3 famílias em cada casa,

mas esse ano, parece que todo mundo vai fazer casa, essa aldeia vai aumentar muito. Tem muito que é casado e está na casa da mãe e do pai, mas o índio é assim, mas o branco, não, por isso que eu sempre falo que a tradição do branco é outra. É assim. Essa aldeia vai aumentar muito, porque muitos casaram e não tem casa, está na casa do pai e da mãe. Todo mundo ajuntava, partilhou essa carne, todo mundo comeu. Disse que o tio fez discurso para ele, para o pessoal ver onde está o fogo. Diz que todo mundo falou. Disse que esse menino custou de falar e agora falou para o tio. Diz que era a própria onça que estava com fogo lá. De manhã cedo, todo mundo foi, diz que todo mundo pintado e tinha muito pássaro. Eu não sei nem os nomes dos pássaros tudo para contar para vocês, tem aquele jaó, (nome indígena- 00:43:58 – 00:44:05).

M2: Inhambu?

Isabel: Inhambu, sariê...

M2: Saracura?

Isabel: Tem aquele...

M2: Jacu.

Isabel: Jacu (fala indígena 00:44:17 – 00:44:29), mutum, diz que todo pássaro foi para pegar fogo e todo mundo foi para lá para pegar fogo. Diz que lá tinha muito fogo. Diz que o marido dessa onça que mataram diz que já foi embora. Ele está chorando, esse rapaz disse que está chorando, que eu acho que é despedindo desse rapaz. Todo mundo foi atrás do fogo. Diz que estavam cavando para botar aquele carvão lá.

M2: Brasa.

Isabel: É, para botar brasa. Muito carvão. Aí fizeram festa. Agora tem fogo. Hoje nós falamos de fogo. Mas muita gente, cada um tem o partido, que é o Kuzã, o Krozaké, tem o Wahirê, tem muitos.

M2: Seis clãs.

Isabel: Tem muito clã. Ainda hoje eles falam clãs Kuzã, porque eles botaram a partir desse “kuzã”. Eu acho que quem falou foi Deus, porque Deus faz tudo. Sem Deus, ninguém faz nada. Agora, por causa desse rapaz é que botaram (língua indígena – 00:47:05).

M2: É tipo um penhasco, um morro.

Isabel: Um morro. Esse menino diz que estava em cima do morro e esse homem deixou lá. Essa onça pegou esse menino e da onça que eles pegaram fogo, e nós chamamos de “kuzã”, porque, de primeiro, não tinha fogo. O índio comia as coisas cruas, como onça, e, hoje, nós comemos só cozido. Nós fazemos o papalu, a carne, a carne da anta. De primeiro, matava anta quase todo dia e, hoje, por causa do branco, o bicho já está indo embora, não sei para onde. É muito difícil a gente comer carne de anta, nós comíamos carne de cada coisa.

RODOLFO: Pode continuar.

Isabel: Hoje, a gente quase não come carne do mato. Nós comemos peixe. Para nós comprar as coisas é na cidade. Sempre nós plantamos muita roça. Hoje nós plantamos, mas replanta. Agora a nossa roça é a cidade. Toda coisa a gente compra na cidade e hoje é uma carestia danada. Você vai com 2 mil e não compra quase nada. Agora o pessoal que vem... Agora eu vou falar outro caso. O branco vem aqui comprar o nosso artesanato. Eu gosto de perguntar “quanto é isso aqui?”, “é tanto”, “não, é caro demais”. “Caro? As coisas já foram baratas. O senhor vai no mercado, um preço absurdo, gente. 1 kg de carne, quanto o senhor vai comprar? A gente tem que ver o que está se dando com a gente. A gente tem que subir o preço do artesanato também, para gente poder comer, comprar alguma coisa”. Tecido. Esse ano eu fui lá a Brasília, eu comprei dois vestidos, 120, e disse que deixou menos. E aqui nós não compramos. Mas, moço, hoje em dia, a gente tem que abrir a boca também para gente falar, para gente falar para o branco que não tem cabimento estar dando as coisas de graça também, não.

ARMANDO SOPRE: RODOLFO, só falar para você que a vizinha faz parte da Comissão Missionária Indigenista, alguma coisa assim, e todo ano ela vai a Brasília, onde você mora, então seria bom, quando ela for, quem sabe você pode aproveitar o momento dela lá, conhecer, sabe? Ela vai só nesses lugarzinhos. Quem sabe você pode levar no zoológico, para ela conhecer?

RODOLFO: Sim, sim.

ARMANDO SOPRE: Seria muito bom ela conhecer Brasília. Só vai nesse centro onde vai acontecer o encontro.

RODOLFO: Eu moro lá em Brasília, então, quando você for novamente, você podia me dar um toque “ó, vizinha está indo aí, dá um passeio aí com ela”.

Isabel: Tenho muita amiga, também, só que eu não ando assim na rua. Eu falo com meus amigos “será que vocês não podem me arrumar nada?”, porque dessa vez, nós ficamos muitos dias lá, porque nós viemos embora, e os outros vieram antes, e eu fiquei pensando que a assinatura do negócio ia sair...

ARMANDO SOPRE: O Marco Temporal, o movimento que aconteceu, ela estava lá.

Isabel: Porque eu sempre participo reunião. Sempre eu ando no mundo.

RODOLFO: A senhora é a líder local daqui?

Isabel: Isso.

RODOLFO: Como funciona isso? A gente estava conversando, e é questão de você ser a mais velha? Porque a gente estava conversando que é patriarcal. Como funciona? Se é patriarcal? Como você é a cacique, no caso?

Isabel: O meu velho era cacique, na época. Ainda tem foto aí dele. De primeira, como sempre, eu gosto de contar as coisas. De primeiro, quase não existia a mulher que vai ser cacique. Hoje, tem muita mulher que está sendo cacique. Por quê? Porque, muitas vezes, os índios gostam de beber. Hoje em dia, como vocês também estão mudando. Sempre eu falo aqui para os meus filhos, minhas filhas, com meus netos, que a mudança está feita todo ano, como o trator passa, fazendo o arado, e bem assim é o sistema de vocês, cada dia que o dia passa, está sendo mudado o sistema, porque como hoje o branco fala assim, “hoje em dia, os índios não tem mais capacidade de serem índios, não. Agora tudo é branco”. Eu mesma posso morrer, mas eu vou ser índia. Tem muito da nossa tradição. Quando um morre, nós choramos. (choro indígena 00:55:45 – 56:50). Essa é a nossa cultura, a nossa tradição. Hoje, quando o branco fala, para mim mesmo eles não gostam muito de falar, por quê? Eu sou analfabeta, eu não sei ler, mas eu

falo o que acontece. De primeira, como nós éramos índios, o pessoal lutava do nosso lado. Hoje, ninguém fica lutando mais por nós. Por aqui tem muita aldeia. Não é só aqui, não. Porque o branco fala assim “nós temos que matar os índios tudinho para nós pegarmos o território, porque o índio não trabalha”. Não trabalha por quê? O branco não vem aqui para fiscalizar. Eu mesma vou participar da reunião, eu sempre falo do meu direito, porque, enquanto eu estiver existindo, eu falo para o branco desse jeito “enquanto eu estiver existindo, o branco não vai matar nós, porque do jeito que o branco tem sangue, nós também temos. Nós podemos morrer em cima do direito, mas nosso direito nós não vamos dar para o branco de jeito nenhum”. E eu brigo mesmo pelo meu direito, por que? Porque eu vejo no mundo, eu vejo muito branco falar, o branco não gosta do índio, o branco quer matar nós tudo. Eu sempre falo para os meus filhos, eu falo para as minhas filhas. Por quê? Porque eu sei observar as coisas que se passam. Eu sei observar muito as coisas que se passam. Aí vem bandido. Eu sempre falo para os meus filhos, para os meus netos também, de primeiro, nós não tínhamos celular...

M2: Telefone.

Isabel: Telefone nós não tínhamos.

M2: Só o rádio?

ARMANDO SOPRE: Televisão.

Isabel: Televisão, eu não tinha. Pode andar por aí, no meu quarto, você não vê televisão, não vê fogão, não vê nada. Por quê? Porque eu não gosto. Eu tenho minha filha aí, todo dia ela está falando que, antes de ela descansar, ia comprar não sei o que para ela se divertir, porque esse mês de janeiro ela vai descansar, fevereiro não sei, e eu falo... Eu já estou cortando muito o negócio de vocês. Vocês querem pegar as coisas que vocês querem e eu cortei muito.

M2: Foi bom ter conversado com a senhora. A gente quer voltar mais vezes, também, para senhora contar mais história, porque não tem como contar tudo de uma vez.

Isabel: Pois é.

M2: Da próxima vez, a gente vem perguntando mais. A gente vai estudar mais a história de vocês e vamos vir com umas perguntas mais chaves. Acho que a senhora, como é anciã, vai

poder ajudar a entender melhor essa parte dos mitos e de como era antes e como está sendo agora, essa mudança dessas gerações.

Isabel: Porque eu gosto de assuntar as coisas, o sistema de vocês, eu estou assuntando, o mandamento de vocês, eu assunto. Eu sempre falo para os meus filhos e para os meus netos que as coisas mudam muito, e a gente tem que ficar atento e não ficar com medo, porque não está de brincadeira, não.

RODOLFO: A senhora pode falar um pouco de como a tecnologia tem mudado aqui na aldeia, como as pessoas tem mudado por causa da tecnologia, os jovens com celular, a televisão? Como a senhora vê isso?

Isabel: Porque, de primeiro, nós não tínhamos celular. Hoje, eu falo para os meus netos, e de onde eu estiver, eu falo. Hoje, a meninada está virando bandido, porque quase não faz nada, daí aprende tudo do branco. Aprende a ser bandido, aprende tudo que se passa. Eu não gosto, eu não sei mexer com esse negócio de celular, porque eu não quero ser bandida.

RODOLFO: Então a senhora acha que está mudando?

Isabel: Está mudando muito, muito mesmo. Aquele que é estudado não quer ficar sem celular, não. Hoje tem tudo, tem televisão, tem rádio. Tem aquele... Como chama?

M2: Computador, não sei?

ARMANDO SOPRE: Computador, telefone, *Whatsapp*.

RODOLFO: Então, para senhora, o jovem, quando ele pega o celular e ele aprende as coisas do branco, a senhora acha que ele larga a tradição para viver conforme o branco?

Isabel: Isso aí. E agora o novo tem tudo. Aqui tem um tal de *Whatsapp*, eu não sei o que é...

ARMANDO SOPRE: *Whatsapp*, as mulheres esquecem as panelas e tudo.

Isabel: Pois é. De primeira, era esse o nosso serviço, não era como o branco que trabalha. De primeira, a FUNAI mandou esse negócio só para dizer, pra começar e acabou. De primeira, plantava arroz, não era com esse matraco. Botava na cuia e ia caminhando. Hoje, não tem mais

nada. Nós pegamos a cuia, pega arroz e sai caminhando. Hoje, ninguém faz mais, só quer outro serviço, serviço de branco. Já falei muita coisa errada para vocês.

M2: É isso que nós estamos procurando, mesmo.

RODOLFO: E qual é o mito da cultura Xerente que você mais gosta? Você falou do fogo, falou da onça, não é?

M2: Tamanduá.

RODOLFO: É, do tamanduá. Qual deles é o seu preferido?

M2: O especial.

RODOLFO: Que você gosta assim?

M2: Que se identifica?

Isabel: Nós gostamos de tudo, porque a gente não pode falar que gosta só de um. Nós gostamos da anta, do tamanduá, essa é a nossa carne.

M2: Lobo-guará?

Isabel: Lobo-guará nós não comemos.

M2: O macaco?

Isabel: Macaco, de primeira, os mais velhos comiam. Hoje, ninguém come mais, não.

M2: Tatu?

Isabel: Carne de pato, nem de anta, nem de nada mais, não. Estão querendo ficar é rico.

ARMANDO SOPRE: Agora é a “origem de caititu”.

O caititu diz que é assim. Caititu também é criança. Foram para o mato, e o caitituzinho mataram. Agora virou um bocado de caititu. Meu pai contava assim, ele contava as coisas para mim. Os dois irmãos morreram, mas sempre eu conto as coisas. O estudante vem para mim, senta comigo, me perguntam. Todas as coisas eles matam, mas o sangue virou caititu.

RODOLFO: Eu queria agradecer pela entrevista que você deu. Você contou muita coisa. Bom, a gente deve voltar em janeiro, talvez. Eu deixo em aberto para quando você for lá a Brasília, a gente dar uma volta lá, eu te apresento a cidade.

ARMANDO SOPRE: O museu.

RODOLFO: Tem os museus lá. Tem o Museu do Índio, a gente pode ir dar uma passeada lá. As portas estão abertas lá de casa.

M2: Qual é o nome da senhora?

Isabel: Isabel.

M2: E o nome indígena?

Isabel: (inint 01:10:16)

RODOLFO: Qual é o seu clã mesmo?

Isabel: Wahire.

RODOLFO: Obrigado. É isso aí galera, estamos fazendo uma trilhazinha aqui no Xerentes, estamos indo para um cachu. Paisagem aqui do caramba! Paisagem sinistrovski.

M2: Só povo grosso, sabe? Sem educação. Aí quando aparece alguém tratando melhor, vê a diferença.

RODOLFO: Tem que dar um “boa noite”, “nossa, como você é educado!”.

M2: “Nossa, como você é educado”.

RODOLFO: Por causa de um “boa noite”.

M2: Eu ia te falar uma coisa massa do carro. A galera usava muito fora...

RODOLFO: O negócio, velho, é como que o pneu também é 18...

M2: É...

RODOLFO: Mas assim, o bicho tem arranque, então assim, é muito difícil esse carro atolar.

M2: É.

RODOLFO: Senão, impossível. Aquela pirambeira é antes, que a gente vai passar por ela?

M2: Daqui a pouco, lá na frente. Eu acho que é o dente que está nascendo. Deve coçar, sei lá, aí quer botar tudo na boca.

01:20:35

M3: O índio aqui é de outro canto.

M2: Qual canto ele é?

M3: (inint fala indígena – 01:20:47) esse nome não é para qualquer um.

ARMANDO SOPRE: Esses três, da metade desse, o círculo, o que está em diagonal e a vertical, a pintura, (inint 01:21:19), ela está organizada dentro desses 3 clãs, os nomes, então, não é de qualquer jeito a gente por o nome, por exemplo, (sampré) não é nosso, é do outro clã, mas quando quer por o nome de outro clã, tem que solicitar.

M2: Tem que pedir permissão?

ARMANDO SOPRE: Tem que pedir permissão. Tem que conversar com o ancião, então, tem esse procedimento. Mas nós temos nome do nosso círculo dohi, mas tem a e do outro lado tem o Kritó, Kibazi e Kruzé, e, do outro lado, tem o Wahire, (kreperi) e Krozaké, então, esses três também tem os nomes deles, então, funciona assim, não é de qualquer jeito que você coloca o nome.

RODOLFO: Mas, por exemplo, nessa aldeia você é o...

ARMANDO SOPRE: Sim, pode. Já tem. Tem um lá na aldeia. Já tem alguns nomes.

RODOLFO: Repetem?

ARMANDO SOPRE: Repetem, não tem problema, não.

RODOLFO: Show.



UnB | IDA | VIS
Departamento de Artes Visuais

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Armando Siqueira Xerente,
portador (a) da Cédula de Identidade RG
nº 797.394, inscrito (a) no CPF
nº 013.898.141-81, AUTORIZO o uso da minha imagem para ser
utilizada pela Universidade de Brasília, com sede no campus Universitário
Darcy Ribeiro, Brasília, inscrita sob CNPJ nº 00.038.174/0001-43,
com fins à **divulgação institucional para o público geral**.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, garantindo a utilização apenas para divulgações institucionais da UnB. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo a divulgação para os fins acima descritos sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro e assino a presente autorização.

Aldia Saito, dia 13 de Dezembro de 2023.

Armando Siqueira Xerente

(assinatura)

(assinatura Consentimento Fotógrafo / ou responsável)

Telefone para contato: (63) 98501-1801